Contraponto.

o ponto de encontro das ideias

4,50€

Semanário | Edição Nº1

Quarta-feira, 10 de janeiro de 2024

GRANDE REPORTAGEM

As malhas que a droga tece: um retrato do problema na Invicta

Pág. 23 a 28

GRANDE ENTREVISTA

Tanya: a vida e carreira da artista de música popular portuguesa

Pág. 37 a 43

GRANDE PORTO

VCI: a crónica de um cancro anunciado

Pág. 29 e 30

ECONOMIA

Orçamento de Estado 2024: as principais mudanças e novidades

Pág. 7 e 8

POLÍTICA

António Costa demite-se

Pág. 3

JUSTIÇA

Grávida de 7 meses desaparecida na Murtosa

Pág. 15

DESPORTO

Futebol feminino alcança marco histórico

Pág. 33 e 34

EDITORIAL

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Informar as pessoas é um privilégio

EQUIPA EDITORIAL

A inteligência artificial (IA) veio para ficar e para mudar o mundo. Isso é certo. O jornalismo, uma nobre profissão e um dos pilares fundamentais para a democracia e para o funcionamento de uma nação, é uma das áreas mais ameaçadas com esta tecnologia.

O jornalismo como o conhecemos é agora um alvo em extinção, sendo que esta tecnologia pode vir a erradicar por completo as redações como a conhecemos, já para não falar no papel, que é cada vez mais escasso e menos lido. A chamada cobertura "minuto a minuto" pode, num futuro não muito longínquo, vir a ser feita única e exclusivamente por uma máquina, uma vez que fica mais barato e dá menos dores de cabeça programar uma máquina para realizar determinadas funções, ao invés de pagar um salário precário.

É claro que há muitas vertentes do jornalismo que nunca conseguirão deixar de ter a mão humana, como as grandes reportagens ou o jornalismo de guerra, em que será sempre necessário ter o toque do jornalista para relatar os factos com exatidão e rigor.

Numa altura em que a equipa editorial deste jornal se prepara para entrar no mundo do jornalismo, é com receio que se enfrenta o futuro, que já se avizinha cinzento. O jornalismo está diferente e nunca mais voltará a ser o mesmo que era há 20 anos.

Os despedimentos e cortes salariais são cada vez mais frequentes, como se tem assistido no Global Media Group, com o corte nas redações do Jornal de Notícias e do Diário de Notícias.

A integração da inteligência artificial no jornalismo tem vindo a revolucionar a forma como as notícias são produzidas e consumidas em Portugal. Desde a automatização da redação de notícias até à personalização de conteúdo para os leitores, esta evolução levanta questões éticas e de qualidade jornalística, exigindo uma gestão cuidadosa para garantir a integridade e a credibilidade do jornalismo num cenário que passa, cada vez mais, pelo digital.

Como jornalistas, mas também como cidadãos, mostramo-nos preocupados com a ameaça que a inteligência artificial pode ter no futuro da nossa profissão e na sociedade em geral.

O ofício jornalístico é demasiado precioso para ser colocado nas mãos de uma máquina. Informar as pessoas é um privilégio. Ter alguém que confie em nós para entregar informação é uma enorme responsabilidade. Com a inteligência artificial, corremos o risco de ver a profissão perder credibilidade. Mas, em última análise, acreditamos que as pessoas vão sempre preferir receber notícias e informações que venham de outro ser humano e não de uma máquina qualquer.

Sermos futuros jornalistas neste mundo é uma tarefa um tanto ou quanto desafiadora. Vivemos num mundo onde reina a lei do menor esforço e a inteligência artificial é a rainha do reino. A influência da inteligência artificial no jornalismo é profunda e abrange diferentes etapas, desde a recolha de informação à publicação dos artigos.

Chega a ser assustador a forma como a IA toma conta de nós e torna o cérebro preguiçoso.

Pegar num livro ou jornal para pesquisar determinada informação é um hábito já considerado "old school". A moda agora é perguntar a um software de IA e, em segundos, temos todas as respostas às nossas perguntas (ou quase todas). O típico jornalista que usava papel e caneta está extinto e com o passar do tempo, sem nos apercebermos, vai sendo substituído pela máquina.

A verdade é que o futuro somos nós e cabe a cada um de nós combater esta máquina e não permitir que nos substitua.

FICHA TÉCNICA

Conselho de Administração:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Direção Editorial:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Direção comercial:
Andresa Gonçalves

Direção de arte:
Margarida Gomes Rodrigues

Diretores-adjuntos de arte:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Miguel Rocha Pinto

Diretor de design de produto digital:
Miguel Rocha Pinto

Editores-executivos:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Comunicação editorial:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Centro de documentação:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Infografia:
Miguel Rocha Pinto

Fotografia:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Online:
Andresa Gonçalves (redator principal)
Leonor Couto (multimédia)
Margarida Gomes Rodrigues (redes sociais)
Miguel Rocha Pinto (editor)

Política:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Miguel Rocha Pinto

Economia:
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Justiça:
Leonor Couto

Internacional:
Andresa Gonçalves

Desporto:
Margarida Gomes Rodrigues

Sociedade:
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Grande Porto:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues
Miguel Rocha Pinto

Cultura:
Andresa Gonçalves
Leonor Couto
Margarida Gomes Rodrigues

Opinião:
Direção Editorial
Autores convidados

Grande Reportagem:
Direção Editorial

Grande Entrevista:
Direção Editorial

Todos os conteúdos do jornal estão protegidos por Direitos de Autor ao abrigo da legislação portuguesa, da União Europeia e dos Tratados Internacionais, não podendo ser utilizados fora das condições de uso livre permitidas por lei sem o consentimento expresso e escrito do CONTRAPONTO, "o ponto de encontro das ideias."

OPINIÃO

Como o jornalismo mudou nas últimas décadas

MIGUEL ÂNGELO PINTO

Quando entrei para o jornalismo, em 1993, o meio de comunicação mais avançado que existia era, muito provavelmente, o fax. Já se começava a falar de uma coisa chamada email, ligar o computador a uma coisa incipiente chamada internet demorava meia hora (a correr bem) e nas entrevistas ainda se usavam cassetes (estavam longe os gravadores com dezenas de gigas de memória). Parece um mundo muito distante, não parece? Mas a verdade é que foi apenas há 30 anos, uma fração minúscula de tempo no contexto da evolução humana.

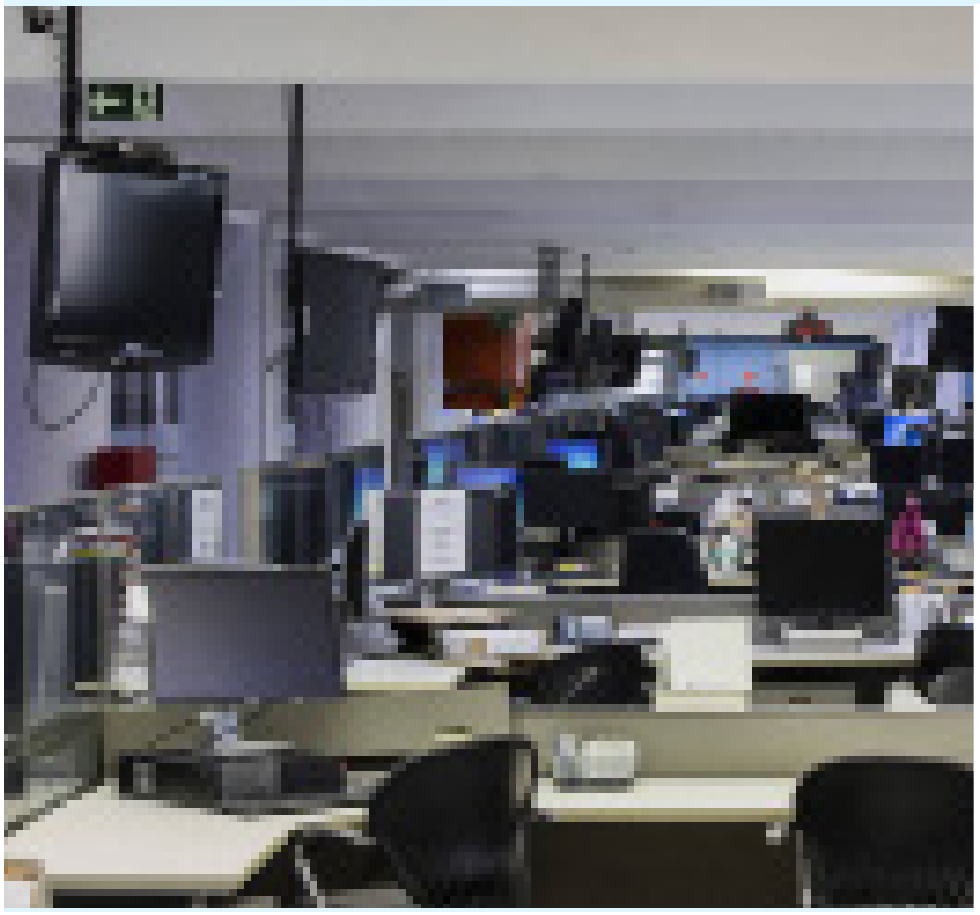
Como tudo o que foi mudando na nossa vida, também o jornalismo sofreu uma transformação radical nestas três décadas. O avanço tecnológico deixou marcas profundas na profissão, alterando o seu paradigma e obrigando a avançar por um caminho que no início da década de 1990 parecia ainda muito longínquo. Ninguém estava preparado para a velocidade a que as mudanças se foram sucedendo. Ainda me lembro bem dos sorrisos trocistas de muitos jornalistas quando alguns "loucos" iam proclamando que o papel dos jornais tinha os dias mais ou menos contados (ou pelo menos que iriam rapidamente deixar de ser dominantes). Não me esqueço do aparecimento dos primeiros sites noticiosos em que a maioria dos jornalistas, em vez de perceber como aquela ferramenta iria moldar a profissão e como nos podíamos adaptar a ela, achou tratar-se de um trabalho menor, ideal para o "estagiário". Durante muito tempo, grande parte dos jornalistas decidiu ser parte do problema, em vez de contribuir para a solução. E alguns dos danos causados à profissão por essa postura são irreparáveis.

O jornalismo mudou de forma radical, impulsionado pelo aparecimento de uma revoada de instrumentos que alargaram de forma dramática o papel do emissor da comunicação. Foram pequenos passos que, sem notarmos, tomaram cada vez mais conta do espaço informativo. Primeiros os ainda algo rudimentares blogues, instrumentos que com o correr do tempo ocuparam alguns nichos de informação a que os meios de comunicação social tradicionais não chegavam (ou não queriam chegar), começando aí um processo impagável de monetização da informação.

Depois, claro está, a explosão das redes sociais, esse albergue espanhol onde tanto encontramos um brilhante texto a dissecar Sartre, como nos deparamos com um vídeo de um minuto de uma adolescente a encher uma garrafa de cola com mentos. Adivinhem qual terá mais audiência? A informação começou a correr a uma velocidade estonteante, quase imediata, surgiu o nefasto conceito do cidadão-repórter. Qualquer pessoa com um smartphone faz informação. Ou pelo menos aquilo que uma imensa massa de gente julga ser informação. Mas não é. A esmagadora maioria do que as audiências consomem é lixo e desinformação.

O jornalismo não podia ficar parado perante esta avalanche tecnológica que tem vindo a moldar o mundo nas últimas décadas. É a evolução natural das coisas. Mas a verdade é que o jornalismo deixou de ter o papel primordial no escrutínio de políticos e instituições, surgindo, na maior parte das vezes, misturado num turbilhão de meias notícias, meias verdades, teorias da conspiração, perfis falsos, bots, enfim, esse flagelo a que chamamos "fake news". Combater esta realidade é o maior desafio do jornalismo atualmente. Só que o combate não é justo e as armas são desiguais.

É cada vez mais raro vermos, ou lermos, bom jornalismo em Portugal. Dá muito trabalho, exige conhecimentos (como escrever português…) e é caro. No entanto, o preço a pagar pelo definhamento desta nobre profissão será sempre muito mais elevado.



POLÍTICA

CRISE POLÍTICA

António Costa demite-se

Primeiro-ministro vai ser investigado por suspeitas no caso do lítio e hidrogénio. "Obviamente apresentei a minha demissão".

LEONOR COUTO

António Costa durante a visita à residência Ventura Terra, juntamente com a Elvira Fortunato e António Pereira. Fotografia: Leonor Couto

O Primeiro-ministro, António Costa, apresentou a demissão ao Presidente da República. A decisão surge na sequência das buscas efetuadas esta manhã pelo Ministério Público à sua residência oficial e a ministérios envolvidos em negócios de exploração de lítio em Montalegre.

Em declarações ao país, Costa afirma que: "A dignidade das funções de primeiro-ministro não é compatível com a suspeita de qualquer ato criminal. Obviamente apresentei a demissão ao senhor Presidente da República". Diz, também, não saber do que é exatamente acusado e ter sido apanhado de surpresa com o que aconteceu: "Fui surpreendido com a informação de que irá ser instaurado um processo-crime contra mim."

Quando questionado sobre uma possível recandidatura, o chefe de Governo – no cargo desde 2015 – deixou claro que tal não vai acontecer, e acrescentou: "não me pesa na consciência qualquer ato ilícito ou sequer censurável".

De acordo com uma nota de imprensa do Ministério Público, as diligências levadas a cabo ocorreram no âmbito de um inquérito que investiga: "as concessões de exploração de lítio nas minas do Romano (Montalegre) e do Barroso (Boticas); um projeto de central de produção de energia a partir de hidrogénio em Sines, apresentado por consórcio que se candidatou ao estatuto de Projetos Importantes de Interesse Comum Europeu (IPCEI); e o projeto de construção de "data center" desenvolvido na Zona Industrial e Logística de Sines pela sociedade "Start Campus".

"Em causa poderão estar, designadamente, factos suscetíveis de constituir crimes de prevaricação, de corrupção ativa e passiva de titular de cargo político e de tráfico de influência", lê-se na mesma nota.

António Costa vai ser alvo de uma investigação autónoma por parte do Supremo Tribunal da Justiça. É importante lembrar que, tratando-se de uma alta figura do Estado, só o tribunal superior tem competências para o fazer.

No âmbito deste processo mais cinco pessoas foram detidas, incluindo o empresário Diogo Lacerda Machado, conhecido amigo de António Costa. Também o chefe de gabinete de António Costa, Vítor Escária, e o presidente da Câmara de Sines, o socialista Nuno Mascarenhas, dois empresários da zona de Sines (nomeadamente o CEO da empresa Start Campus, Afonso Salema e o diretor Jurídico e de Sustentabilidade, Rui Oliveira Neves) foram detidos.

O Ministro das Infraestruturas, João Galamba, foi constituído arguido, assim como o presidente do conselho diretivo da Agência Portuguesa do Ambiente

Em declarações aos jornalistas em São Bento, o Primeiro-ministro contou que o Presidente da República "compreendeu e não contestou" a sua decisão de apresentar a demissão.

ELEIÇÕES MARCADAS PARA 10 DE MARÇO

O rumo do país está agora nas mãos de Marcelo Rebelo de Sousa. Resta saber se o Presidente da República vai ou não dissolver o Parlamento.

Marcelo Rebelo de Sousa marca eleições para 10 de março de 2024.

O Presidente da República anunciou que vai dissolver o Parlamento, mantendo o atual Governo em gestão até 10 de março, dia das novas eleições.

Numa declaração ao país, Marcelo Rebelo de Sousa, começou por "sublinhar a elevação do gesto" de António Costa, a quem saudou pelo "serviço à causa pública" e pela "disponibilidade para assegurar as funções" de Primeiro-ministro até dezembro.

Este adiamento da exoneração do cargo vai permitir que o Orçamento de Estado para 2024 (OE2024) seja aprovado na data prevista, 29 de novembro. O Presidente deu a garantia da "indispensável estabilidade económica e social que é dada pela prévia votação do Orçamento do Estado para 2024, antes mesmo de ser formalizada a exoneração do atual Primeiro-ministro em inícios de dezembro". Deixando, assim, claro que o OE2024 continuará a ser trabalhado e que tem condições para entrar em vigor a 1 de janeiro do próximo ano, afastando o cenário de gestão do país em duodécimos.

Assim sendo, o alívio no IRS (por via da atualização dos escalões e descida de taxas), o IRS Jovem, o alargamento e simplificação do benefício e IRC ou a isenção de IRS e IMI para rendas antigas, entre muitas outras medidas, poderão avançar no prazo previsto.

> "Fui surpreendido com a informação de que irá ser instaurado um processo-crime contra mim."

ELEIÇÕES NO PS

Pedro Nuno Santos eleito secretário-geral

Novo líder obteve 62% dos votos nas eleições internas do Partido Socialista que decorreram esta sexta-feira e sábado. José Luís Carneiro alcançou apenas 36% dos votos. Cerca de 40 mil militantes compareceram para votar.

ANDRESA GONÇALVES

Pedro Nuno Santos durante o discurso da vitória na sede do Partido Socialista (PS). Fotografia: João Porfírio/OBSERVADOR

Nove anos depois, o PS tem um novo secretário-geral eleito. Pedro Nuno Santos, de 46 anos, conseguiu uma vantagem confortável sobre José Luís Carneiro. Após dois dias de votação nas 21 federações socialistas espalhadas pelo país, o ex-Ministro das Infraestruturas recebeu cerca de 62%, o equivalente a 24.080 votos, enquanto Carneiro obteve 36%, o que corresponde a 14.868 votos. Daniel Agrião, que também era candidato à liderança do Partido Socialista, não passou do 1%, tendo recebido somente 382 votos.

Pedro Nuno venceu na maioria do país, em 18 federações, incluindo a do Porto, que chegou a ser presidida por Carneiro, enquanto o atual ministro da Administração Interna só ganhou em três – Vila Real, Região Oeste e Madeira.

Antes de Pedro Nuno discursar, e de forma inédita, José Luís Carneiro saiu do hotel que havia escolhido para a noite eleitoral e deslocou-se até à sede do PS, no Largo do Rato, em Lisboa, para falar aos jornalistas. Não se cruzou com o vencedor, mas afirmou que não há qualquer mal-estar entre os dois e que está disponível "para trabalhar para o PS e, dessa forma, continuar a servir Portugal".

ELOGIOS A MÁRIO SOARES E ANTÓNIO COSTA

No seu discurso de vitória, Pedro Nuno Santos começou por cumprimentar todos aqueles que "fizeram esta candidatura possível", bem como as pessoas que participaram nas ações de campanha. O secretário-geral eleito aproveitou para recordar Mário Soares, que faria 100 anos em 2024, e não esqueceu António Costa, dizendo ter "muito orgulho" de ter estado junto ao Primeiro-ministro "desde a primeira hora".

Durante o discurso, referiu os adversários e agradeceu a contribuição para o "debate interno" e afirma: "Contamos com eles para trabalhar a unidade do partido. É um partido inteiro que queremos para o futuro."

Quando questionado sobre a probabilidade de uma nova geringonça, Pedro Nuno Santos respondeu: "Primeiro temos umas eleições para ganhar", apelando ao voto no PS em nome da "estabilidade" e destacando a necessidade de conquistar a confiança dos eleitores antes de abordar quaisquer acordos políticos futuros. Alianças políticas desse género, só depois, "consoante a configuração parlamentar, logo trataremos de encontrar uma solução governativa", declarou.

Com uma campanha para as eleições internas do PS diferente, pois foi mais curta e não existiram debates – Pedro Nuno recusou participar – os candidatos estiveram na disputa eleitoral com a cabeça já em mente no futuro, nomeadamente, nas eleições legislativas de março. Neste momento, parece que o partido já tem estruturada a mensagem que quer passar aos portugueses: a de união. As declarações do secretá rio-geral eleito, bem como do candidato derrotado dão a entender isso. A isto, somam-se as palavras do líder parlamentar do PS, Eurico Brilhante Dias, que chegou ao Largo do Rato a dizer que agora o partido vai apostar na unidade. "Unidade que não se faz apenas de pessoas, mas que tem que ser programática (...) para construir um programa eleitoral forte" e, dessa forma, ganhar as legislativas de março.

A tomada de posse de Pedro Nuno Santos como o nono secretário-geral do PS vai decorrer no congresso do partido que se realiza entre 5 e 7 de janeiro, em Lisboa.

POLÍTICA

PRESIDENCIAIS 2026

Quem será o próximo Presidente da República?

Faltam 26 meses para as próximas presidenciais. Se as eleições fossem hoje, Henrique Gouveia e Melo seria o próximo Presidente da República, de acordo com uma sondagem feita pelo ICS/ISCTE para a SIC e Expresso.

ANDRESA GONÇALVES, LEONOR COUTO

O PRÓXIMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Daqui a três anos, Marcelo Rebelo de Sousa entrega as chaves do Palácio de Belém a quem lhe suceder. Atualmente, ainda não há candidaturas oficiais, mas já começa a haver especulações sobre as possíveis candidaturas.

Augusto Santos Silva (PS), Presidente da Assembleia da República, já demonstrou interesse em ser candidato e, segundo o Diário de Notícias, conta com o apoio de António Costa. No entanto, a decisão só será tomada em meados de 2025.

Mais à esquerda, partidos como Bloco de Esquerda e PCP, já têm nomes indicados na sondagem feita pelo ICS/ISCTE, Catarina Martins e João Ferreira, respetivamente. O Bloco vive dias difíceis mas, ainda assim, está mais próximo de chegar à presidência do que o candidato comunista.

À direita, o ex-primeiro-ministro Pedro Passos Coelho e Luís Marques Mendes, são possíveis candidatos pelo Partido Social Democrata (PSD). No entanto, se Passos Coelho decidir seguir em frente com a candidatura, o comentador da SIC vê a sua hipótese de chegar à presidência diminuir, uma vez que o antigo Primeiro-ministro tem um apoio mais vincado dentro do partido.

O Almirante Gouveia e Melo é a grande surpresa destas sondagens, dado que, não estando ligado a nenhum partido, tudo indica que, para além de ser um candidato improvável, o percurso político poderá ser mais difícil. Nada disto influencia a preferência dos portugueses por Gouveia e Melo, embora o mesmo já tenha afirmado que não tem interesse em chegar à presidência da República.

António Guterres, secretário-geral da ONU, também está na lista dos favoritos a futuro Presidente da República. Álvaro Beleza, comentador na CNN e dirigente socialista, afirma que se Guterres fosse candidato "ganhava as eleições". André Ventura também já assumiu uma possível candidatura. O líder do Chega defende ser um dos únicos nomes à direita com capacidade para disputar o Palácio de Belém e, caso Santos Silva e Marques Mendes avancem, promete uma "guerra aberta".

NOMES EM ANÁLISE

São 17 os nomes presentes na proposta feita pela SIC e pelo Expresso e nenhum se situa acima do ponto médio da escala, o 5. Henrique Gouveia e Melo consegue 4.8, classificando-se como o nome que os eleitores admitem ser mais provável votar.

Segue-se António Guterres com 4.4, António Costa com 4.1 e Luís Marques Mendes com 3.5. João Ferreira e João Cotrim Figueiredo surgem no extremo da tabela, com 2.3, sendo possível concluir que serão os nomes que os eleitores assumem menos provável votarem.

Catarina Martins, Mário Centeno, Ana Gomes, Pedro Passos Coelho, Durão Barroso, Rui Rio, Augusto Santos Silva, Francisco Louçã, André Ventura, Santana Lopes ou Paulo Portas, estão entre os 3.2 e os 2.5 pontos.

É importante explicar que, para a conclusão deste estudo, os entrevistadores pediram aos inquiridos para darem notas de 0 a 10 a 17 possíveis sucessores de Marcelo Rebelo de Sousa. Assim sendo, zero significa nada provável e dez muito provável de votarem nesse nome.

Em mais de meio século de democracia, Portugal teve três candidatos militares: Ramalho Eanes, Otelo Saraiva de Carvalho e Pinheiro de Azevedo. Em 2026, há uma probabilidade da história se repetir. Para tal, é preciso que o Almirante Gouveia e Melo mude de ideias e aceite candidatar-se à Presidência da República.

Iniciativa Liberal celebra a 6º edição da Festa da Liberdade

A poucos meses das eleições legislativas, marcadas antecipadamente pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, depois da demissão do Primeiro-ministro, a Iniciativa Liberal celebra mais uma edição da Festa da Liberdade, que coincide com a data de fundação do partido.

LEONOR COUTO, MIGUEL ROCHA PINTO

Rui Rocha durante comício. Fotografia: Luís Forra/LUSA

A festa começou pelas 19h30, com um jantar volante e seguiu noite dentro com discursos dos ex-presidentes do partido, João Cotrim Figueiredo e Carlos Guimarães Pinto. Este ano, à semelhança de anos anteriores, o jantar-comício voltou ao Porto, no restaurante da Casa da Música.

Com um discurso marcado com um forte ataque ao Partido Socialista, o líder do partido, Rui Rocha, começou por garantir que a IL "vai a eleições sozinha, com as suas listas". Questionado pelos jornalistas sobre a vontade do PSD em formar uma possível coligação, o político bracarense garantiu que "nós não mudamos o nosso caminho, que é apresentar as nossas propostas aos portugueses". Rui Rocha assume também que "se todos fizerem o seu trabalho, será possível, nas eleições de 10 de março, "ter uma derrota do PS".

Carlos Guimarães Pinto, primeiro líder do partido, começou por criticar fortemente o atual Governo, ressaltando que "é este PS que vive com uma mão estendida para a Europa e outra no bolso dos contribuintes".

> "Se todos fizerem o seu trabalho, será possível, nas eleições de 10 de março, "ter uma derrota do PS".

O antecessor de Rui Rocha, João Cotrim Figueiredo, relembrou o 25 de novembro de 1975, relembrando que a IL é o único partido em Portugal que celebra esta data e que "o país não seria uma democracia" sem o 25 de novembro.

Como forma de celebração do 25 de novembro e do partido, todos anos realizam a Festa da Liberdade.

História do Partido

A Iniciativa Liberal nasce em setembro de 2016, inicialmente, enquanto associação, através de um grupo de cidadãos, que tinha como objetivo explorar a implementação de um partido liberal em Portugal.

O partido ganhou representação na AR em 2019, quando elegeu o primeiro deputado.

ECONOMIA

Fotografia: LUSA

MIGUEL ROCHA PINTO

Orçamento de Estado 2024: as principais mudanças e novidades

Documento deverá ser aprovado a 29 de novembro. Novo executivo poderá apresentar o retificativo, depois das Eleições Legislativas antecipadas, marcadas para 10 de março de 2024.

A poucas semanas da votação final do Orçamento de Estado (OE) para 2024, que foi apresentado a 10 de outubro, muitas das novidades já eram esperadas, como o limite para aumento de rendas e a subida das pensões.

Em conferência de imprensa, o Ministro das Finanças, Fernando Medina, avançou que este documento surge de um crescimento económico maior que o esperado em 2023, tendo contribuído para isso a redução da dívida pública, mais do que o previsto.

Mesmo depois da queda do Governo, consequente da demissão do Primeiro-ministro, António Costa, que se viu envolvido num processo-crime, instaurado pelo Ministério Público, o OE para 2024 irá manter-se, uma vez que, a dissolução da Assembleia da República, feita pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, acontecerá apenas em dezembro, logo após a aprovação do documento.

O documento deverá ter aprovação garantida, devido à maioria absoluta do Partido Socialista, que apresentou no mês passado todas as medidas que constam no diploma.

PENSÕES AUMENTAM E FICAM GARANTIDAS ATÉ 2070, IMPOSTOS SOFREM ALTERAÇÕES

As principais novidades centram-se no aumento do salário mínimo para 820 euros, mais 7,9% face aos atuais 760 euros, e ainda o aumento das pensões, que serão atualizadas até 6,2% em 2024. Também o IRS sofrerá altrações na classe média. Os portugueses irão reter menos dinheiro em imposto, tendo ganhos no salário mensal que podem ir, de acordo com o Ministério das Finanças, até aos 874€.

Exemplificando, um técnico superior sem filhos, que recebia 2.024 euros brutos mensais, vai receber um aumento anual de 825 euros e vai pagar menos 365 euros de IRS. No final do ano, ganha mais 1.190 euros.

No caso de agregados com dependentes, o aumento ainda é maior: um casal com salário bruto que ronde 2.600€/mês passará a ter uma redução de 467€ no IRS, permitindo, de acordo com o Governo, um aumento salarial, juntamente com o abono de família e creche gratuita, de 7.215€ por ano.

Quem é pensionista também verá o seu rendimento aumentado, com ganhos que podem ir, em alguns casos, até aos 1.969€ anuais.

Ainda dentro das novas medidas para o IRS, o Go-

verno apresentou mexidas no IRS Jovem, destinado a jovens trabalhadores nos primeiros cinco anos de trabalho (seguidos ou interpolados). Ao entrar no mercado de trabalho, os jovens não vão pagar IRS no primeiro ano de atividade, quer seja por conta própria ou por conta de outrém. Esta isenção irá baixar gradualmente nos cinco anos seguintes, em 25%.

Este regime especial tem como principal objetivo fixar a atividade profissional dos jovens trabalhadores em Portugal, tendo o número de beneficiários crescido exponencialmente este ano. Cerca de 74 mil pessoas beneficiam do IRS Jovem.

O aumento do Imposto Único de Circulação (IUC) em veículos anteriores a julho de 2007 era uma das medidas mais controversas do documento apresentado pelos socialistas, tendo gerado várias ondas de contestação pelos portugueses. Fernando Medina reiterou que o aumento do IUC seria compensado com uma ajuda na compra de novos automóveis, mas uma semana depois da queda do Governo, o PS anunciou a apresentação de uma proposta de queda desta medida, permitindo a poupança de centenas de euros aos portugueses, mas implicando uma quebra de receita nos cofres do Estado.

Por outro lado, alguns impostos serão aumentados em 2024 e exemplo disso é o Imposto sobre o Tabaco, que se traduz num excedente de 1.466 milhões de euros, que, de acordo com o Governo, será utilizado para a promoção da saúde e da sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde, rendendo mais 177 milhões de euros ao Estado. Estas medidas irão abranger os cigarros eletrónicos com ou sem nicotina, além dos tradicionais.

MAIS APOIOS PARA AS FAMÍLIAS E INCENTIVOS PARA EMPRESAS

Os apoios sociais serão aumentados em 2024, alcançando mais pessoas e mais eficazmente, no valor de 2,3 mil milhões de euros, conforme adiantou Ana Mendes Godinho, Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, realçando que este será "o maior aumento de sempre no apoio às famílias".

Um dos principais eixos deste reforço será o "aumento estrutural" do abono de família, com um acréscimo de 22 euros por mês para todas as crianças independentemente do escalão (do primeiro ao quarto), que se traduz num "aumento de 264 euros por ano para todos os escalões".

O setor empresarial também irá receber um reforço de investimento e incentivo à capitalização de empresas, aliado a um aumento na dedução em sede de IRC - o imposto semelhante ao IRS, mas aplicado às pessoas coletivas.

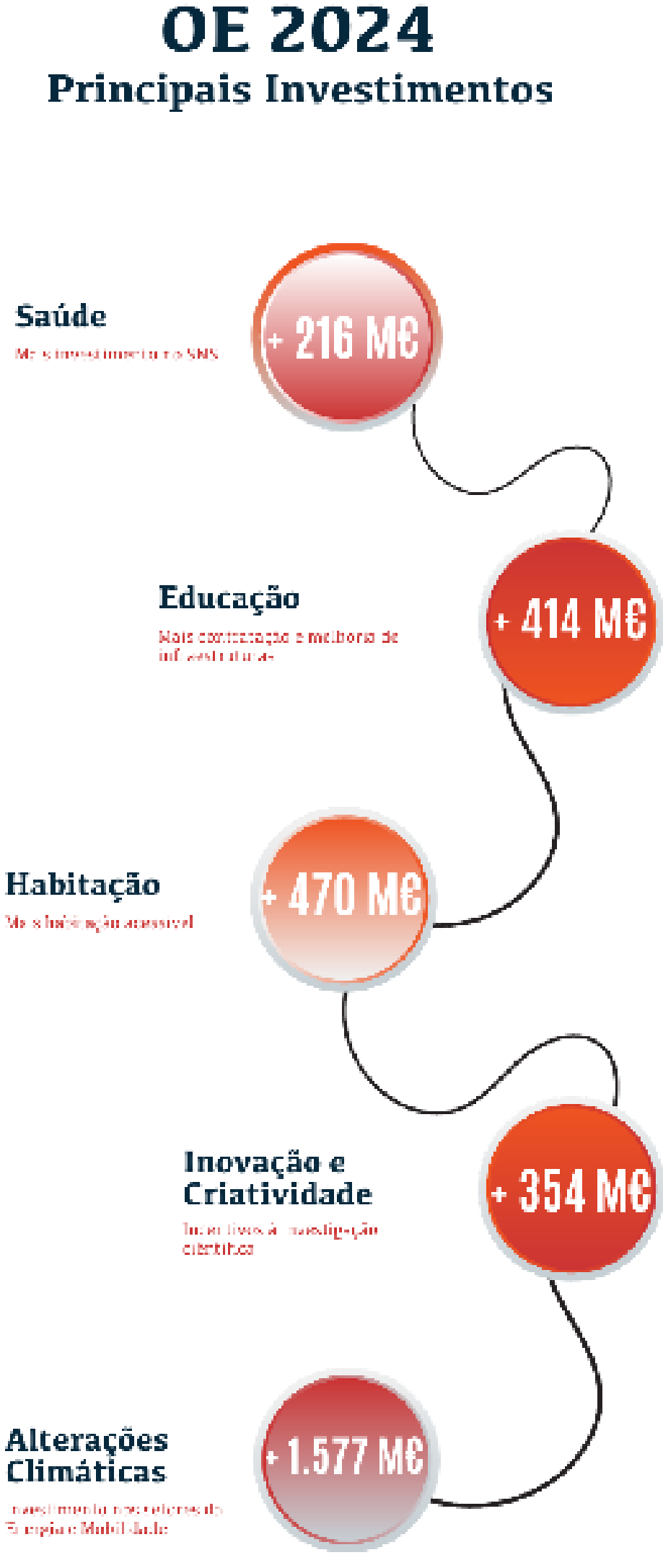
Pela primeira vez em dez anos, Portugal irá abandonar o grupo de países mais endividados da União Europeia (UE). Tal acontece quando a dívida pública portuguesa se estabilizar nos 98,9% do PIB nacional, valor que em 2015 se situava nos 131,2%. O Ministério das Finanças está seguro de que o país conseguirá alcançar esta meta em 2024, como avançou o Secretário de Estado das Finanças, João Nuno Mendes: "O Ministério das Finanças tem hoje praticamente por certo que é realizável ter uma dívida pública abaixo de 100%." Se assim for, em 2027, Portugal verá a sua dívida pública igual à da Zona Euro (a rondar os 90%).

CULTURA RECEBE MAIS INVESTIMENTO, ALTA-VELOCIDADE GANHA FORMA

O Orçamento de Estado para 2024 prevê ainda uma subida de investimento na área da Cultura, com um aumento, se excluído o investimento no serviço público de rádio de televisão (RTP), de 2,8% face a 2023, o que representa uma despesa total consolidada de 518,3 milhões de euros. Parte significativa deste investimento será canalizado ao património e aos museus, que receberão 110,7 milhões de euros, mais 40 milhões provenientes do PRR, para a reabilitação de todo o património em todo o país.

No que diz respeito à rede de alta-velocidade, anunciada este ano pelo Primeiro-ministro, António Costa, que pretende ligar o Porto a Lisboa em 1h15, podendo assim "encurtar o país", serão lançados os primeiros concursos para a primeira fase do projeto e, ainda, a eletrificação de toda a ferrovia nacional, nomeadamente no Algarve e na zona Centro.

O Orçamento de Estado para 2024 seguiu para votação final a 23 de novembro, embora possa haver um retificativo a caminho, devido à aproximação das eleições legislativas, que foram antecipadas com a queda do Governo.



Fonte: Ministério das Finanças/Infografia: Miguel Rocha Pinto

ECONOMIA

PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS

A inflação nos combustíveis em Portugal: desafios e reflexões

As tendências e desafios no mercado de combustíveis em Portugal: implicações da crise energética global e ajustes na política fiscal.

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

O mercado de combustíveis em Portugal tem sofrido alterações significativas, impulsionadas tanto por tensões geopolíticas quanto por ajustes na política fiscal interna.

Mais de dois anos após o início do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, as repercussões globais continuam a fazer-se sentir fortemente no mercado energético, com efeitos diretos e indiretos que perpassam toda a cadeia de produção e distribuição.

DESAFIOS

O desafio que se impõe é complexo e multifacetado, abrangendo desde o abastecimento de combustíveis até a entrega de bens essenciais.

As sanções económicas impostas à Rússia, aliadas à sua posição crítica no tabuleiro energético mundial como um dos principais produtores e exportadores de petróleo, desencadearam um desequilíbrio que culminou num aumento acentuado dos preços dos combustíveis.

Um gráfico divulgado pelo Governo demonstra que os impostos sobre os combustíveis, que haviam reduzido acentuadamente em meados de 2022, voltaram a subir nos últimos meses. Esta tendência, medida a partir de janeiro de 2022 como ponto de referência,-sugere um esforço das autoridades em nivelar as necessidades fiscais do Estado com a pressão inflacionária, que afeta os consumidores.

Os impostos sobre os combustíveis, que decresceram para aliviar a pressão sobre os consumidores em 2022, começaram a subir novamente em 2023.

Esta inversão na política fiscal, ilustrada pelo aumento do índice acima do valor de 100 estabelecido em janeiro de 2022, coloca um peso adicional sobre os portugueses, que já lidavam com o aumento dos preços devido ao conflito.

A combinação destas duas variáveis – a instabilidade geopolítica e a fiscalidade – tem refletido diretamente na bomba de combustível. A gasolina e o gasóleo, já afetados pela crise ucraniana e pela dependência europeia do petróleo e gás russos, são agora também influenciados por decisões políticas internas que pretendem responder a um contexto económico desafiador.

Os cidadãos e empresas, que já procuravam formas de se adaptar ao aumento dos preços dos combustíveis através de estratégias como o uso de transportes públicos e veículos mais eficientes, veem agora uma pressão adicional com a subida dos impostos.

Os postos de combustível, que se tornaram locais de debate sobre a mobilidade e o custo de vida, refletem esta dupla preocupação.

FUTURO

Diante do cenário desafiador, torna-se evidente a urgente necessidade de uma estratégia energética sustentável e de longo prazo em Portugal, que possa enfrentar os efeitos de crises externas e promover uma transição justa para fontes de energia mais limpas e independentes.

A questão é crucial não apenas para o mercado de combustíveis, mas também para o bem-estar e a economia do país.

A conjuntura atual exige, portanto, um equilíbrio delicado entre as medidas de austeridade necessárias e a promoção de um desenvolvimento sustentável.

O Governo Português encontra-se assim perante o desafio de formular políticas que não só atenuem o impacto económico imediato nas famílias e empresas, mas que também pavimentem o caminho para uma independência energética robusta.

Este esforço passará inevitavelmente por um investimento contínuo em energias renováveis, na eficiência energética e numa infraestrutura que suporte a mobilidade sustentável, medidas essas que se esperam não só aliviar a pressão a curto prazo, mas também estabelecer os alicerces para um futuro mais verde e economicamente estável em Portugal.

PUBLICIDADE

OPINIÃO

A evolução do preço dos combustíveis após o início da Guerra na Ucrânia

FILIPE GRILO
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO (FEP)

Todas as semanas, sai a notícia de como é que os preços dos combustíveis vão evoluir na próxima semana. E parece que as notícias são sempre que os combustíveis ficam mais caros, mas a verdade é que os preços dos combustíveis já se encontram ao nível da situação de pré-guerra da Ucrânia, como mostra o seguinte gráfico. Neste pequeno artigo, vou descortinar as razões para esta evolução dos preços dos combustíveis.

O preço do combustível é essencialmente constituído por três grandes fatias: o pre-ço do petróleo, a margem de refinação do petróleo em combustível e os impostos. Para se entender a evolução do preço do combustível, ajuda então olhar para cada uma destas variáveis.

Começando pelo preço do petróleo, esta é a fatia mais relevante que justifica as grandes variações dos preços dos combustíveis. Nestes últimos dois anos, o mercado do petróleo tem sido marcado por vários acontecimentos económicos e geopolíticos. No início de 2022, a guerra da Ucrânia causou a primeira comoção no mercado do petróleo. Com o aumento da incerteza de uma guerra causada por um grande produtor de petróleo, os investidores apressaram-se a comprar o petróleo, provocando uma primeira subida do preço do petróleo logo em Março. Passaram-se uns meses de alguma incerteza até que a União Europeia em Junho chegou a um acordo para impor sanções à Rússia, tornando o petróleo ainda mais raro nos mercados ocidentais.

Quando um bem se torna raro (neste caso porque deixamos de aceitar comprar a um vendedor muito importante), o preço ten-de a subir. Neste caso, como as sanções impuseram um corte violento na oferta de petróleo Russo, o preço do petróleo disparou. Esta subida em Junho justifica a segunda grande su-bida dos preços dos combustíveis.

A terceira subida acontece antes de chegar o inverno na Europa porque os investidores pensavam que a Europa poderia ter um problema de racionamento de gás durante o Inverno. Felizmente o Inverno europeu foi relativamente ameno e a Europa não precisou de utilizar grande parte das suas reservas de gás natural, fazendo com que a incerteza sobre a reserva energética europeia diminuísse e consequentemente o preço do petróleo diminui. Para além disso, a subida das taxas de juro por parte dos Bancos Centrais mundiais para atacar o processo de inflação, começou a sentir-se mais no início de 2023 e a economia mundial começou a arrefecer, contribuindo para a redução do seu preço. Este efeito contribuiu para que, em Maio de 2023, o petróleo atingisse um pre-ço ao nível do preço antes da guerra na Ucrânia. Precisamente por causa disso, em meados deste ano, numa jogada geopolítica, a Rússia e a Arábia Saudita acordaram em produzir menos petróleo. Este acordo teve o efeito imediato da subida do preço do petróleo que culminou em Outubro, dissipando este efeito a partir daí.

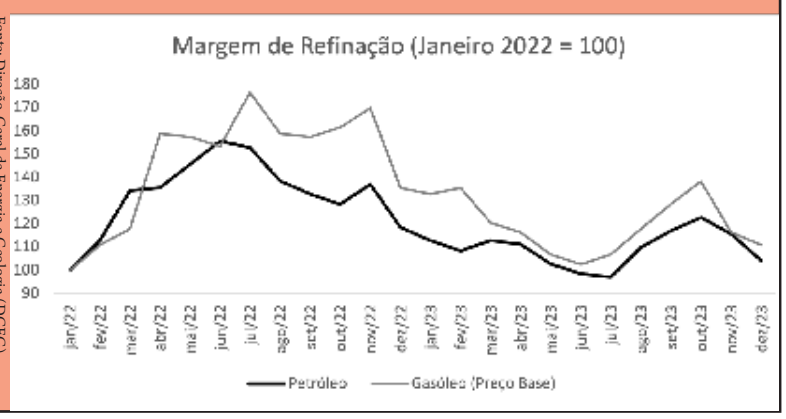
Como é percetível, todos os eventos que impactaram seriamente a evolução do preço do petróleo impactaram automaticamente os preços dos combustíveis em Portugal e quase explicam toda a variação ao longo destes dois anos. Ainda assim, como disse no iní-cio, ainda há outras duas variáveis que podem ajudar a explicar uma pequena parte da evolução dos preços dos combustíveis.

Inicialmente, com a subida do preço do petró-leo e consequentemente subida do preço base, o IVA, como é um imposto percentual, também aumentou (se um produto que custa 1€ passar a custar 2€, o IVA sobre esse pro-duto duplica). É isso que justifica aquela subida inicial dos impostos. Mas, tendo em conta a pressão da opinião pública contra a subida da receita que o estado estava a arrecadar à custa da subida do preço dos combustíveis, o governo implementou vários cortes nos impostos sobre os combustíveis. Estes cortes duraram até Abril deste ano, quando o governo decidiu reverter gradualmente estas ajudas. Atualmente, como o gráfico mostra, o governo arrecada um pouco mais de imposto do que arrecadava em Janeiro de 2022.

Como seria de esperar, esta redução de impostos teve o efeito de amortecer em parte a subida dos preços dos combustíveis.

Por fim, a última variável é a margem de refinação, ou seja, quanto é que custa transformar o petróleo em combustível. Esta margem consegue-se obter através da dife-rença entre o preço do petróleo e o preço do combustível sem impostos (o chamado preço base). Quanto maior a diferença entre o preço base e o preço do petróleo, maior a margem de refinação. Esta margem pode aumentar porque o processo de refinação pode ficar mais caro ou porque as empresas decidem aumentar o seu lucro. Como podemos ver pela figura seguinte, a margem de refinação aumentou na maior parte deste período, exceto no início quando o preço do petróleo disparou primeiro do que o preço base do gasóleo. Tirando esse período inicial, o preço base aumentou consideravelmente mais do que o preço do petróleo, nomeadamente no período de Junho de 2022 até Fevereiro de 2023. Este aumento da margem de refinação pode ser justificado pelo aumento do preço de alguns quí-micos de refinação e, a partir do final de 2022, de aumentos salariais do pessoal na indústria (para combater a perda de poder de compra provocada pela inflação).

Mas também não nos podemos esquecer que estamos num setor dominado por três grandes empresas que, coincidentemente, apresentaram lucros historicamente altos.



Fonte: Direção-Geral de Energia e Geologia (DGEG)

INTERNACIONAL

ELEIÇÕES NA ARGENTINA

Massa vence primeira volta das eleições presidenciais

Numa surpreendente vitória, Sérgio Massa impôs-se sobre Javier Milei, o candidato populista de extrema-direita que foi o mais votado nas primárias. A segunda volta está marcada para 19 de novembro.

ANDRESA GONÇALVES

O candidato peronista Sergio Massa no discurso após a vitória. Fotografia: LUSA

Contrariando as sondagens, o candidato da coligação "Unión por la Patria" e atual Ministro da Economia, Sérgio Massa, ganhou a primeira volta das eleições presidenciais argentinas do último domingo.

Com 98,5% das urnas apuradas, Massa obteve

36,68%

dos votos, ficando quase sete pontos à frente do economista libertário Javier Milei, que conseguiu

29,98%

Patricia Bullrich, candidata do movimento "Juntos por el Cambio" e oposição do atual governo peronista, foi a grande derrotada da noite eleitoral. A aliada do ex-presidente Mauricio Macri, apontada num primeiro momento como a favorita à presidência, conseguiu apenas 23,83% dos votos.

Massa, que nas primárias de 13 de agosto ficou em terceiro lugar, atrás de Milei e Bullrich, subiu 15 pontos e conseguiu impor-se, tornando-se no candidato mais votado da primeira volta, alterando, assim, a corrida presidencial. É um novo fôlego para o candidato da "Unión por la Patria", cujo desempenho como Ministro da Economia tem vindo a ser questionado devido aos altos níveis de inflação registados no último ano.

Era esperado que o sucesso de Milei nas primárias se voltasse a repetir, mas tal não aconteceu.

Nas últimas semanas, as sondagens apontavam para a possibilidade de uma vitória por parte do deputado e candidato do partido "La Libertad Avanza", e não garantiam sequer que Massa ocupasse o segundo lugar.

Com um governo atual bastante impopular, uma inflação anual que chega aos 138% e com uma taxa de pobreza que atinge 40% da população, a Argentina passa por uma das crises económicas mais graves dos últimos anos.

A vitória de Massa na província de Buenos Aires, considerada um bastião do peronismo e área altamente povoada, que concentra cerca de 37% do eleitorado, foi crucial para o resultado obtido. Após o desastre nas primárias, o candidato colocou toda a máquina peronista a trabalhar fortemente, especialmente nesta província, algo que fez efeito.

No discurso de vitória na noite de domingo, Sérgio Massa afirmou formar um governo de unidade nacional, caso vença a segunda volta. "Vou convocar um Governo de unidade nacional no dia 10 de dezembro como presidente, apelando aos melhores, independentemente da sua força política", disse o candidato.

Massa admitiu falhas no atual governo, liderado por Alberto Fernández, e prometeu construir "regras claras face à incerteza", "mais ordem, mais segurança, não improvisação".

Milei, por sua parte, frisou que este foi um "dia histórico" e durante o discurso começou já a acenar para o eleitorado de Patricia Bullrich. "Além das nossas diferenças, temos pela frente uma organização criminosa que não vai deixar nenhuma barbaridade por cometer para se manter no poder", declarou.

Agora, os candidatos precisam de se aproximar do eleitorado de Bullrich para conseguirem a vitória na segunda volta. Massa parece ser quem vai ter maior dificuldade em convencer os eleitores da candidata da coligação "Juntos por el Cambio". Durante o discurso de derrota, Bullrich atacou o atual Ministro da Economia, afirmando que não iria felicitar a vitória de alguém que forma parte do "pior governo da história" e sugeriu que prefere ver Javier Milei na presidência do que uma continuação do peronismo a liderar a Argentina.

A disputa presidencial no país sul-americano termina com a segunda volta das eleições, a 19 de novembro.

A 40 anos do regresso da Argentina à democracia, o futuro do país está nas mãos do povo, que pode optar entre a continuidade do peronismo no poder, com Sérgio Massa, ou explorar outra ideologia política ao eleger, pela primeira vez na história, um candidato libertário, como Javier Milei.

ELEIÇÕES NA ARGENTINA

Javier Milei eleito presidente com 55,7% dos votos

Libertário venceu a segunda volta das eleições presidenciais.
O presidente eleito afirma que pretende adotar o dólar e privatizar tudo o que conseguir.

ANDRESA GONÇALVES

Javier Milei e a Vice-Presidente eleita, Victoria Villarruel, no discurso após a vitória. Fotografia: Natacha Pisarenko/AP PHOTO

Javier Milei venceu a segunda volta das eleições presidenciais argentinas do último domingo ao alcançar 55,7% dos votos, superando o seu adversário, o peronista e ministro da Economia cessante, Sérgio Massa, que alcançou apenas 44,2%.

Com uma diferença de mais de 11 pontos percentuais em relação a Massa, o economista chega à presidência do país que, atualmente, enfrenta uma grave crise económica.

Durante o discurso de vitória, o presidente eleito – que assume funções a 10 de dezembro – afirma que vai implementar uma política disruptiva que envolve a adoção de "um modelo baseado na liberdade" e que permita à Argentina ser "novamente uma potência mundial".

Para tal, Milei vai precisar de lidar com vários problemas, destacando-se a séria crise a nível económico pela qual a Argentina está a passar, e que é alimentada pelos números de inflação que chegam aos três dígitos, o que resulta num alto nível de pobreza e numa dívida ao Fundo Monetário Internacional.

MEDIDAS DE CHOQUE

Implementar um plano de choque é o objetivo do presidente eleito que pretende romper totalmente com tudo o que foi feito pelo anterior líder, o peronista Alberto Fernández. O plano de Milei passa por abolir o Banco Central e reduzir a influência do Estado nos mercados.

Além do mais, espera-se a implementação, durante os próximos quatro anos de presidência, de uma série de medidas que o presidente eleito prometeu durante a campanha eleitoral, e que passam pelo corte de fundos de pensão, a eliminação dos planos de assistência social, a introdução do dólar como moeda nacional, de forma a combater a inflação atual de 143%, e a privatização de empresas como a petrolífera YPF e o canal de televisão estatal.

A redução de ministérios do Executivo é, também, objetivo de Milei que pretende eliminar mais de metade. Atualmente, são 18 ministérios e o novo presidente deseja manter apenas oito. Cultura, Obras Públicas, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável são alguns dos departamentos governamentais que o novo presidente argentino quer acabar.

Para já, ainda não se sabe quem irá integrar o novo governo, mas espera-se que o gabinete de ministros inclua pessoas ligadas à coligação "Juntos por el Cambio", liderada por Patricia Bullrich, que ficou em terceiro lugar na primeira volta, e que, após a derrota, decidiu apoiar a candidatura de Milei e acompanhá-lo ao longo do resto da campanha.

O que já se sabe é que o presidente eleito não vai ter uma tarefa fácil a nível do Congresso, pois terá de enfrentar uma maioria de deputados da coligação derrotada, a "Unión Por La Patria", cujo maior partido, o peronista, defende ideais totalmente opostos aos de Milei.

Dos 257 deputados, 107 estão ligados ao peronismo de Massa, de Alberto Fernández, e da ex-presidente Cristina Kirchner, que ainda continua como o nome mais destacado desse campo político.

A coligação "Juntos por el Cambio", liderada pelo Proposta Republicana, o partido de centro-direita do ex-presidente Maurício Macri, conseguiu eleger 94 parlamentes. Estima-se que, após o acordo entre a coligação e Milei, apenas dois terços destes deputados se juntem, em votações estratégicas, aos 39 libertários do partido do presidente eleito que conseguiram garantir lugar no Congresso.

Agora, é tempo de preparar a transição entre governos, para que, dia 10 de dezembro, Javier Milei assuma a presidência da Argentina.

PERFIL

Javier Gerardo Milei

Idade: 53 anos

Cargo: Presidente eleito

Nascido em Buenos Aires, em 1970, o economista tornou-se conhecido em 2015, altura em que começou a trabalhar como comentador político. As opiniões polémicas de Milei transformaram-no numa estrela, quer pelas posições políticas, quer pelo aspeto físico peculiar com o penteado e o típico casaco de couro que usa. Autodeclarado como "anti-sistema", fundou, em 2021, o partido "La Libertad Avanza" e, no mesmo ano, foi eleito deputado da nação. Agora, chega à presidência do país.

INTERNACIONAL

GUERRA ISRAEL - HAMAS

Ataque surpresa do Hamas a Israel abre caminho à guerra

O grupo palestiniano invadiu o território israelita, ocupou pontos estratégicos e disparou milhares de mísseis na manhã de sábado. Cerca de 500 pessoas já perderam a vida.

ANDRESA GONÇALVES

O povo israelense despertou na manhã de ontem, 7 de outubro, para um cenário de tragédia e destruição. Sábado é dia sagrado de descanso semanal e as sirenes começaram a soar por volta das seis e meia da manhã, enquanto milhares de rockets começaram a cair nas regiões centro e sul do país, atingindo cidades como Ashkelon, Rehovot e Telavive.

Num curto período, grupos de militantes do Hamas conseguiram passar a fronteira a partir de Gaza e instalar-se em vilas e aldeias no sul do país, sequestrando civis e militares israelitas. Para aumentar ainda mais o caos, rockets foram lançados na direção de alvos em Israel.

O ataque surpresa, que é já considerado um dos maiores sofridos por Israel nos últimos anos, vitimou, até agora, cerca de 500 pessoas, segundo informações dos serviços de emergência israelenses.

FALHAS NA VIGILÂNCIA

O mundo assiste perplexo à forma como uma grande quantidade de unidades armadas do Hamas conseguiu penetrar no território israelense com aparente facilidade. Multidões atravessavam a fronteira de Gaza a pé e houve, até, quem chegasse a Israel através de parapente. A barreira construída pelo país para isolar Gaza é constituída por uma vedação com estrutura subterrânea, bem como por sensores altamente sofisticados e uma grande quantidade de câmaras de vigilância. Israel tinha tudo preparado para evitar qualquer passagem, mas algo falhou.

Começa a questionar-se onde estavam as Forças de Defesa de Israel (IDF), a segurança e a polícia no momento do ataque. Surge, igualmente, a dúvida de como é que o país, que tem vindo a aprimorar, ao longo dos últimos anos, o sistema de recolha de informações, foi apanhado de surpresa pela ofensiva do Hamas, já que a forma como esteve coordenada sugere que existiu um elevado grau de planeamento. "A vigilância feita por Israel da sociedade palestiniana é tão altamente sofisticada como invasiva, em que a monitorização da atividade do Hamas em particular é uma das tarefas mais importantes do aparelho de segurança. ", como explica o jornalista do The Guardian, Peter Beaumont.

Além das centenas de mortes confirmadas, há informação de mais de um milhar de feridos. Os combatentes do Hamas fizeram, ainda, um número não especificado de pessoas como reféns, sendo que várias foram levadas para a faixa de Gaza. Vídeos divulgados nas redes sociais, mostram militares e civis israelitas algemados e ensanguentados em Gaza. Além disso, circulam, também, vídeos de civis a serem capturados ainda em solo israelense. O chefe-adjunto do Hamas, Saleh al-Arouri, confirmou que o grupo tem em sua posse "um elevado número" de cidadãos israelenses, incluindo "oficiais graduados".

Um dos primeiros locais a ser atacado em Israel foi um festival de música que estava a decorrer perto da fronteira com Gaza. Nas redes sociais, imagens

As cidades israelitas que sofreram o ataque do Hamas
FONTE: PÚBLICO/NYT

mostram centenas de pessoas em fuga aquando da chegada dos atacantes. Até agora, é desconhecido o número de vítimas e reféns. No entanto, a imprensa israelense avança, após contacto com familiares do público do festival, que centenas de pessoas estão ainda por localizar.

RETALIAÇÃO DE ISRAEL

Horas após o início do ataque, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, anunciou, na primeira intervenção pública desde o ocorrido, a magnitude da resposta que viria a ser dada pelo país e afirmou que estão "em guerra", prometendo "vingança" contra o Hamas. "O nosso inimigo irá pagar um preço como nunca conheceu. Estamos numa guerra e iremos vencê-la", declarou durante mensagem televisiva.

Netanyahu alertou os palestinianos que vivem perto das instalações do Hamas em Gaza para deixarem o local, prometendo deixar os esconderijos da organização em destroços. "Todos os lugares onde o Hamas está baseado, nesta cidade do mal, todos os lugares onde o Hamas se esconde, onde age – vamos transformá-los em escombros", afirmou o primeiro-ministro israelita. "Estou a dizer ao povo de Gaza: saiam daí agora, porque estamos prestes a agir em todos os lugares com toda a nossa forma", acrescentou.

A retaliação já está em curso – começou com bombardeamentos incessantes sobre a faixa de Gaza – e matou cerca 230 pessoas, incluindo civis. Caças israelitas atingiram três edifícios de vários andares em Gaza, transformando o céu em nuvens de poeira, ao mesmo tempo em que torres com mais de dez andares ruíam.

Israel, que antes do ataque surpresa vivia um momento de forte contestação social, deixa o tema em suspenso e vê agora o Governo discutir com a oposição a possibilidade de formação de um executivo de unidade nacional com carácter de emergência para comandar a guerra agora iniciada.

CONDENAÇÃO INTERNACIONAL

As ofensivas do Hamas em vários locais de Israel receberam uma ampla condenação pública por parte dos seus aliados tradicionais, como os Estados Unidos da América e a União Europeia. O presidente dos EUA, Joe Biden, reiterou o apoio de Washington a Israel afirmando que "é sólido e inabalável ", enquanto a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, qualificou o ataque do Hamas como "terrorismo na sua forma mais desprezível".

Em contraste, o regime iraniano, principal financiador do Hamas, aplaudiu e apoiou o ataque contra Israel. "Apoiaremos os combatentes palestinianos até à libertação da Palestina e de Jerusalém", afirmou Rahim Safavi, um dos conselheiros do ayatollah Ali Khamenei.

O Hamas justifica o ataque, citando os ressentimentos que os palestinianos sofrem devido à ocupação da Cisjordânia e aos abusos dos direitos humanos por parte de Israel. Um ataque surpreendente e uma guerra que se inicia. O grupo islâmico avisa que está preparado para tudo. "Nós esperamos que os combates continuem e que a frente de batalha se expanda", diz Saleh al-Arouri, dirigente do Hamas.

Carro destruído após bombardeamento em Ashkelon, no sul de Israel. Fotografia: Ahmad Gharabli/AFP

COMO ACONTECEU O ATAQUE SURPRESA?

Ontem, Israel acordou de forma diferente. 50 anos e um dia depois da ofensiva militar das forças sírias e egípcias que iniciou, em 1973, a Guerra do Yom Kippur, dá-se um novo ataque contra o povo israelita. Estes foram os primeiros momentos da ofensiva surpresa do Hamas.

6h30 – Mísseis usados como distração

No início da manhã de ontem, por volta das 6h30 locais (4h30 em Lisboa), o Hamas lançou uma acentuada carga de mísseis contra o sul de Israel. O grupo reivindica o disparo de cinco mil mísseis, enquanto as forças armadas israelenses afirmam terem sido apenas 2500. Os rockets terão servido como distração para o próximo passo do ataque – a entrada dos militantes do Hamas por meio terrestre.

7h40 – Operação terrestre

Segundo o exército de Israel, eram perto das 7h40 (hora local) quando homens armados cruzaram a fronteira em Gaza. A entrada aconteceu através de brechas nas barreiras de segurança fronteiriça. Diversas imagens e vídeos partilhados por membros do Hamas nas redes sociais mostram como conseguiram passar para Israel.

10h00 – Bases militares israelitas atacadas

Por volta das 10h da manhã (hora local), combatentes do Hamas já tinham conseguido entrar em, pelo menos, três instalações militares à volta da fronteira, segundo informações do exército israelense. À mesma hora, um porta-voz israelita anuncia que a força aérea estava a efetuar vários ataques em Gaza.

13h30 – Exército israelense tenta libertar comunidades

Perto das 13h30, o exército de Israel informava que as tropas do país ainda estavam a tentar libertar comunidades que haviam sido invadidas por militantes do Hamas. Nas redes sociais, eram cada vez mais os vídeos e imagens que mostravam civis e soldados, tanto israelitas como palestinos, mortos.

JUSTIÇA

Grávida de 7 meses desaparecida na Murtosa

Uma mulher de 33 anos, grávida de sete meses, está desaparecida há mais de um mês. O principal suspeito é o ex-namorado, Fernando Valente.

LEONOR COUTO

Mónica Silva, de 33 anos e grávida de sete meses, desapareceu no dia 3 de outubro de 2023, na Murtosa, em Aveiro. Saiu pela última vez de casa por volta das 21h00 e disse aos filhos, de 11 e 14 anos, que ia tomar café. Duas horas depois, às 23h00, ligou ao filho mais velho a avisar que estava tudo bem e que não demoraria a regressar a casa, mas nunca mais voltou.

Na quinta-feira seguinte, a 5 de outubro, a família participou o desaparecimento de Mónica à GNR da Murtosa.

O caso ficou sob alçada da Polícia Judiciária (PJ) de Aveiro a 9 de outubro. Os inspetores começaram por analisar as antenas celulares com o objetivo de tentar perceber, mediante a localização do telemóvel, onde poderia estar Mónica. Segundo dados divulgados pelo Correio da Manhã, o dispositivo foi visto pela última vez em Sintra e, a par disso, não foram realizados levantamentos de dinheiro das contas de Mónica Silva. Não existia nenhum sinal de desaparecimento voluntário, uma vez que, se encontrava grávida de sete meses e sentia dificuldades em movimentar-se.

A 10 de outubro, a PJ interrogou as pessoas mais próximas da mulher que apontavam Fernando Valente como principal suspeito. O homem, de 39 anos, seria, alegadament,e namorado da mulher e o possível pai do bebé. O mesmo desmentiu a relação, tendo dito às autoridades que o envolvimento que teve com a mulher de 33 anos foi de apenas uma noite e que, as datas não coincidem com o tempo de gravidez, pelo que exclui a possibilidade de ser o pai do bebé, avança o Correio da Manhã.

Além de Fernando Valente, a PJ ouviu outro homem, um empresário de Anadia que, alegadamente, também teria tido relações com a mulher. O empresário negou qualquer tipo de relacionamento com Mónica Silva.

A Polícia Judiciária de Aveiro recolheu dados dos telemóveis dos dois homens apontados como suspeitos no desaparecimento da grávida de sete meses. As buscas foram iniciadas em lameiros, poços e terrenos na Murtosa e, mais tarde, em habitações relacionadas com Fernando Valente. Foram recolhidas imagens de videovigilância e confiscados os telemóveis dos homens apontados pela família como suspeitos.

No dia 15 de novembro foram iniciadas as buscas nas casas de família de Fernando Valente. A investigação incidiu numa propriedade em Cuba do Alentejo, na Torreira e na Murtosa. Perto das habitações existem casas devolutas, poços e um braço da ria, segundo a PJ, todos estes fatores poderão ser possíveis locais utilizados para o desaparecimento do corpo da vítima.

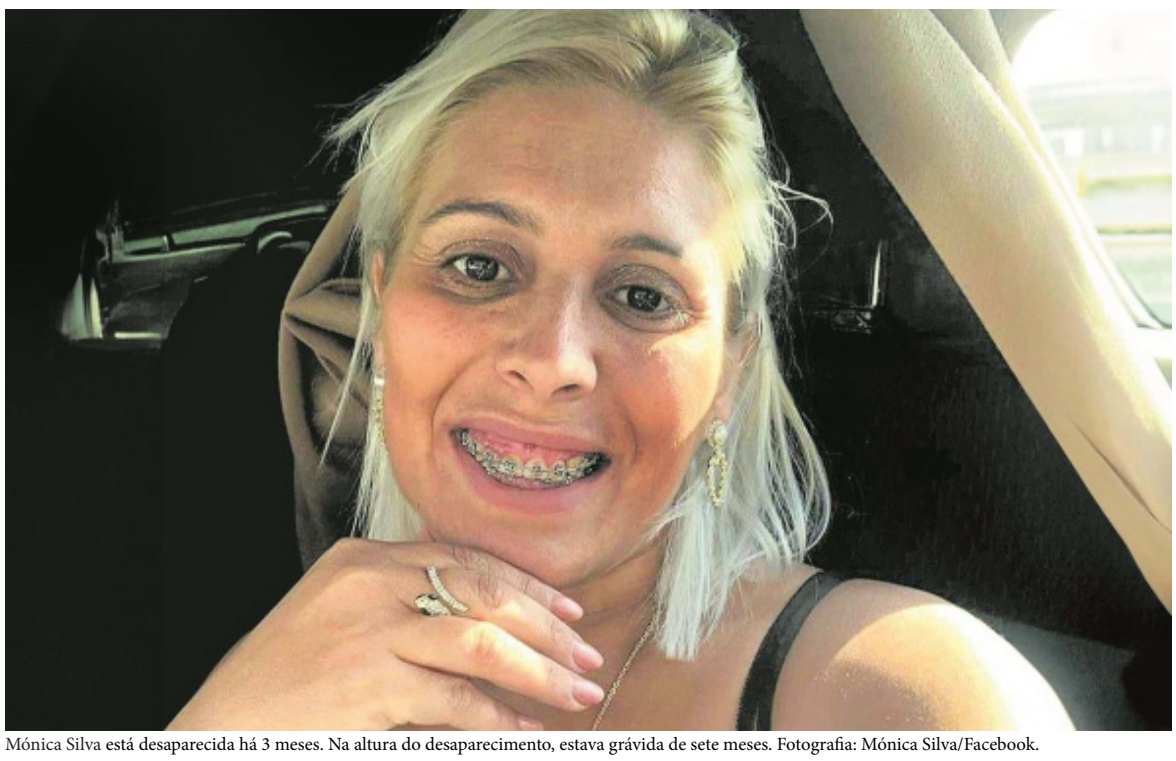
Durante a investigação foram encontrados vestígios de produtos desinfetantes no apartamento de Fernando e vestígios de sangue num dos carros do suspeito.

FERNANDO VALENTE É DETIDO

Após as buscas, por mandado assinado pelo Ministério Público, Fernando Valente é detido pelas autoridades. É suspeito de homicídio qualificado, ocultação de cadáver e aborto agravado. Os pais do suspeito também foram ouvidos, mas não foram indiciados por qualquer crime alegando que, na noite do desaparecimento, encontravam-se na companhia do filho.

O interrogatório termina a 17 de novembro. Fernando Valente não conseguiu esclarecer à juíza de instrução criminal o porquê de ter desligado o telemóvel no mesmo dia em que foi desligado o telemóvel de Mónica Silva, 3 de outubro. O empresário jurou inocência, garantiu não ter estado com a vítima e assegurou não ser o pai da criança.

No dia 18 de novembro, a juíza de instrução criminal de Aveiro decretou-lhe prisão preventiva.



Mónica Silva está desaparecida há 3 meses. Na altura do desaparecimento, estava grávida de sete meses. Fotografia: Mónica Silva/Facebook.

SUSPEITO PASSA PARA PRISÃO DOMICILIÁRIA

Mais de dois meses depois do desaparecimento de Mónica Silva, o arguido indiciado pelos crimes de homicídio qualificado, profanação de cadáver e aborto agravado vai passar para prisão domiciliária.

Em comunicado, o juiz presidente da Comarca de Aveiro esclareceu que o Tribunal de Aveiro decidiu substituir a medida de coação de prisão preventiva aplicada ao arguido pela obrigação de permanência na habitação, mediante fiscalização com recurso a meios técnicos de controlo à distância.

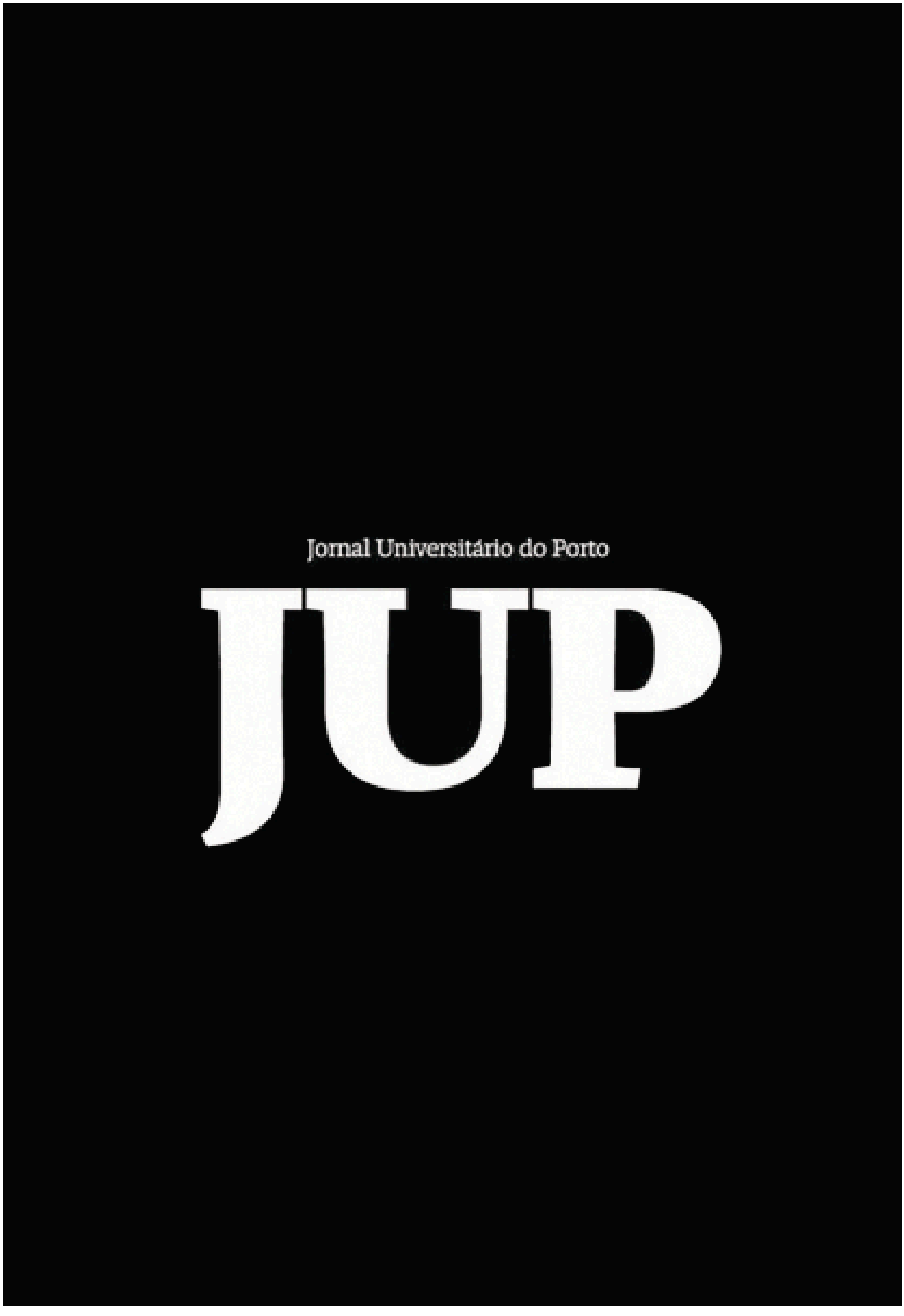
Principal Suspeito

Fernando Valente é o principal suspeito do desaparecimento.

Tem 39 anos, é empresário, filho único e herdeiro de uma imensidão de terrenos, casas e empresas.

Todos diziam ser um homem trabalhador e poucos imaginavam que Fernando poderia ser o principal suspeito no desaparecimento de Mónica Silva.

PUBLICIDADE



SOCIEDADE

António Costa recebido por manifestantes na receção aos novos alunos da UP

Questões ligadas ao alojamento estudantil, mas não só, motivaram algumas dezenas de estudantes a manifestarem-se diante do Primeiro-ministro, que esteve no Porto, na quarta-feira (13), a participar na receção aos novos estudantes da Universidade do Porto (UP) e na inauguração de uma nova residência.

LEONOR COUTO, MARGARIDA GOMES RODRIGUES, MIGUEL ROCHA PINTO

O ingresso na universidade é um momento de grande entusiasmo para os que realizam a transição para o Ensino Superior. No entanto, a expectativa não invalida a revolta de muitos alunos, que aproveitaram a participação do primeiro-ministro António Costa na sessão de boas-vindas aos novos alunos da Universidade do Porto (UP), na última quarta-feira (13), para se manifestarem e reivindicarem melhores condições.

"Seja na luta contra a propina, seja no alojamento, seja por uma refeição mais barata, são tudo coisas que não têm sido garantidas", frisou ao JPN um dos participantes, aluno da Faculdade de Belas Artes, que preferiu não ser identificado.

António Costa discursa na inauguração do ano letivo, nas traseiras da Reitoria da Universidade do Porto.
Fotografia: MARGARIDA RODRIGUES

ALOJAMENTO ESTUDANTIL

A falta de alojamento estudantil é o quebra-cabeças de mais difícil resolução para quem entra na universidade. Outro estudante, de um outro grupo de manifestantes, afirmou ao JPN que as 54 camas previstas na nova residência, que António Costa inauguraria no Porto na mesma tarde, "são um bom avanço, mas é preciso mais" e alertou para o facto de, "ao nível nacional, milhares de estudantes continuarem a não ter acesso fácil a alojamento". O jovem deixou também a ideia de que os estudantes não vão deixar as ruas, prometendo "continuar a lutar por melhores condições para todos os alunos". Sobre o tópico da habitação, e depois de saudar com "um abraço alargado toda a comunidade académica", Ana Gabriela Cabilhas, presidente da Federação Académica do Porto (FAP), insistiu que o Governo deve ir "além do Orçamento (do Estado) e do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)", apostando em mais medidas de alojamento estudantil no Ensino Superior. "Queremos ficar cá e contribuir para a economia do nosso país", disse ainda a dirigente associativa, numa referência ao pacote de medidas anunciadas na semana transata pelo Governo.

O Executivo socialista garante querer fixar os jovens qualificados no país, mas a presidente da FAP considerou que será preciso fazer mais do que devolver a propina por cada ano de trabalho em Portugal.

Em resposta, António Costa, que também interveio na sessão, defendeu-se, dizendo que estão a ser feitos todos os esforços: "Vamos praticamente duplicar o número de camas de residências universitárias públicas até 2026", frisou. O primeiro-ministro assegurou ainda que "o PRR só paga as obras que estiverem concluídas à meia-noite do dia 31 de dezembro de 2026", o que significa que as mesmas têm de estar prontas até essa data. "Dê por onde der, é mesmo até essa data que temos de conseguir o objetivo tão desafiante que é multiplicar por dois o número de camas das residências universitárias", concluiu.

No final, os manifestantes fizeram-se ouvir, com palavras de ordem.

A sessão de boas-vindas aos novos alunos da UP reuniu centenas de estudantes numa cerimónia que teve lugar no Jardim da Cordoaria, nas traseiras da Reitoria, e que contou com a presença, além do primeiro-ministro, do presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, do Reitor da UP, António de Sousa Pereira, e das ministras da Presidência e da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior, Mariana Vieira da Silva e Elvira Fortunato.

Inaugurada nova residência da UP

Da agenda de António Costa, que passou o dia no Porto – de manhã, esteve numa visita à renovada Escola Alexandre Herculano, acompanhado pelo ministro da Educação – fez também parte a inauguração da nova Residência Ventura Terra, localizada na Viela da Carvalhosa, perto da Igreja de Cedofeita.

Trata-se da segunda residência construída no país no âmbito do PRR (a primeira foi em Anadia, Aveiro), sendo abrangida pelo Plano Nacional para o Alojamento do Ensino Superior (PNAES), programa que pretende responder à falta de camas no país (em 2019, ano de lançamento do PNAES, havia 15 mil camas para 175 mil estudantes deslocados, no público e privado).

RESIDÊNCIA VENTURA TERRA

Sobre a Residência Ventura Terra, que homenageia no nome um arquiteto e benemérito nascido no séc. XIX, conta com 27 quartos duplos com casa de banho – três dos quais para pessoas com mobilidade reduzida -, ao longo de três pisos. Para além disso, os estudantes têm acesso no edifício – que tinha uso administrativo antes da obra a que foi sujeito -, a uma sala polivalente, cantina, sala de leitura, gabinetes administrativos e lavandaria. António Costa, António de Sousa Pereira, Mariana Vieira da Silva e Elvira Fortunato realizaram uma breve visita às instalações na tarde de quarta-feira e conheceram alguns dos jovens que já habitam a agora inaugurada residência (estão lá desde 8 de setembro).

No final da visita, o primeiro-ministro voltou a lembrar que os esforços feitos para inaugurar a nova residência estudantil da Universidade do Porto provêm do pacote abrangido pelo PRR, que "disponibilizou as verbas que não existiam".

Numa nota breve aos estudantes que estavam presentes na visita, António Costa afirmou que os jovens a ingressar no Ensino Superior daqui a cinco anos (em 2026) terão muito menos dificuldades na procura de alojamento, graças aos apoios vindos dos fundos comunitários.

A Universidade do Porto vai receber 20,5 milhões de euros de financiamento do PRR (o investimento total ascende aos 32 milhões) que abrangem sete projetos de alojamento estudantil. Três destes projetos são novas residências universitárias, que "vão permitir que mais estudantes, nomeadamente bolseiros, possam frequentar a Universidade do Porto, tendo uma residência de qualidade a preços acessíveis", sublinhou a ministra Elvira Fortunato, reforçando ainda que o PNAES envolve instituições de ensino superior, autarquias, empresas públicas e entidades do terceiro setor.

Além da Residência Ventura Terra, agora inaugurada, a UP tem previsto criar mais duas residências: na Asprela, junto à Faculdade de Desporto (206 camas); e uma terceira na Rua da Boa Hora, nas instalações do Centro de Desporto da UP (151 camas). Sobre estas, ainda em fase de concurso para a apresentação de projeto, o reitor, António de Sousa Pereira, garantiu que "estão a correr dentro dos timings previstos".

Se cumprido o PNAES, em 2026, a rede de residências públicas estudantis passará a contar com mais 12 mil camas, disponíveis a custos acessíveis. Portugal terá 246 residências (no lugar das 157 atuais), num total de aproximadamente 27 mil camas, tratando-se de um reforço de 78% face à capacidade instalada atualmente.

VAMOS PRATICAMENTE DUPLICAR O NÚMERO DE CAMAS DE RESIDÊNCIAS PÚBLICAS ATÉ 2026

O PRR DISPONIBILIZOU AS VERBAS QUE NÃO EXISTIAM.

Fotografia: SIC NOTÍCIAS

ONDE:

Jardim da Cordoaria, nas traseiras da Reitoria (UPORTO), a partir das 15h30.

PRESENÇAS:

António Costa, Primeiro-Ministro

Mariana Vieira da Silva, Ministra da Presidência

Elvira Fortunato, Ministra da Ciência e do Ensino Superior

Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto

António de Sousa Pereira, Reitor da Universidade do Porto

Ana Gabriela Cabilhas, Presidente da Federeração Académica do Porto

SOCIEDADE

PROFESSORES

Ensino em Portugal: por um fio

O sistema educativo português enfrenta desafios significativos, com uma escassez crónica de professores e uma queda no desempenho dos alunos em matemática, ciências e leitura, como apontam os resultados do PISA 2022 da OCDE.

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

O relatório do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) de 2022, promovido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), revelou desafios significativos na educação em Portugal. Os estudantes portugueses demonstraram menos competências em matemática, ciências e literatura em comparação com os resultados de há quatro anos atrás.

O PISA 2022 destaca que 62% dos alunos em Portugal frequentam escolas onde a "capacidade de ensino" é prejudicada devido à falta de professores. Além disso, 27% dos alunos estão em escolas onde o ensino é afetado por "professores desadequados ou pouco qualificados". Esses números representam um aumento em relação a 2018, quando apenas 32% dos alunos enfrentavam falta de professores, e 23% eram afetados por professores com qualificações insuficientes.

A análise da OCDE também mostra que, em termos de desempenho escolar, os alunos portugueses têm um ligeiro avanço em relação à média da OCDE, no que diz respeito aos baixos desempenhos. No entanto, ainda há espaço para melhorias nos níveis de excelência académica. Em matemática, Portugal tem 30% de *"low performers"*, um ponto percentual abaixo da média da OCDE, mas apenas 7% dos estudantes portugueses atingem o nível de *"top performers"*, 2 pontos percentuais abaixo da média global.

A discrepância entre *"low performers"* e *"top performers"* também se reflete em ciências. Portugal tem menos *"low performers"* (22%) do que a média da OCDE (24%), mas também menos *"top performers"* (5% contra 7%). Isso indica que, embora o sistema educativo português tenha conseguido reduzir os casos de baixo rendimento, ainda há trabalho a fazer para incentivar os alunos a alcançarem níveis académicos mais elevados.

Em resposta a esses desafios, a Federação Nacional dos Professores (FENPROF) apresentou quatro petições em 2023 sobre condições de trabalho nas escolas, carreira, precariedade e aposentações dos professores. A FENPROF espera que o próximo parlamento, resultante das eleições de março de 2024, aborde essas questões cruciais para a educação.

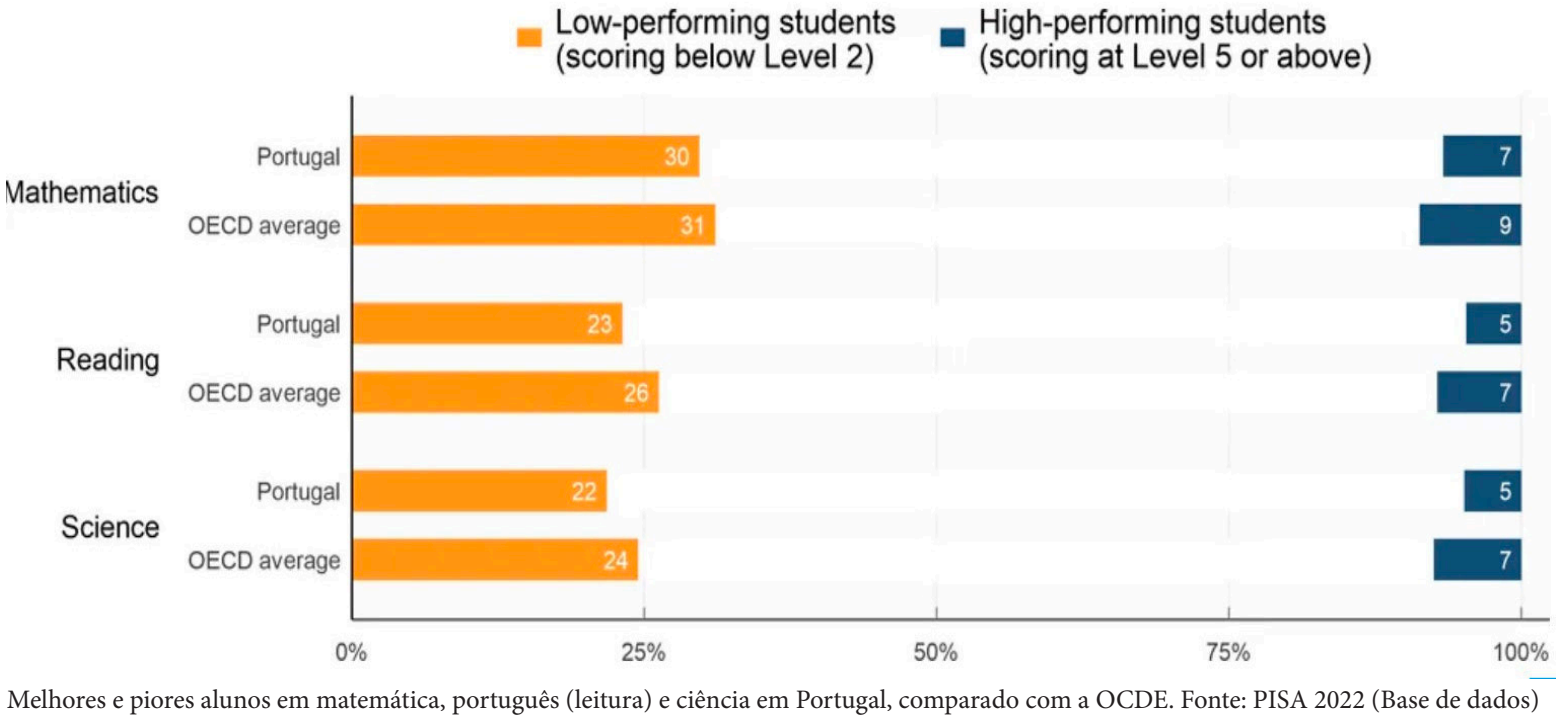
Mário Nogueira, líder da FENPROF, salientou a necessidade de um "sinal forte" do governo no Orçamento de Estado para resolver esses problemas e destacou o apoio de vários partidos políticos às preocupações dos professores.

"Sabemos que todos os partidos, com excepção do PS, têm propostas concretas que têm vindo a apresentar [sobre a recuperação do tempo de serviço dos professores] e mesmo dentro do PS todos ouvimos o candidato a líder desse partido, Pedro Nuno Santos, a assumir publicamente que a recuperação do tempo de serviço dos professores deveria ser algo que o Governo deveria ter em conta e avançar".

O governo português anunciou mudanças nas regras educacionais que entrarão em vigor no início do próximo ano letivo. Visam assegurar a atribuição de turmas aos alunos estagiários, que agora serão remunerados e responsáveis por lecionar 12 horas letivas.

A FENPROF planeia continuar a negociar com os partidos políticos para garantir que as preocupações dos professores sejam abordadas nos programas eleitorais, destacando a necessidade de mais recursos na área da educação.

A questão da educação continua a ser uma prioridade em Portugal, à medida que o país pretende melhorar o desempenho dos alunos e resolver os desafios enfrentados pelo sistema educativo.



Melhores e piores alunos em matemática, português (leitura) e ciência em Portugal, comparado com a OCDE. Fonte: PISA 2022 (Base de dados)

OPINIÃO

Precisa-se de juventude na sala de professores!

CARLA MACHADO
SINDICATO DOS PROFESSORES ZONA NORTE

Nada é tão urgente como o rejuvenescimento da profissão docente! Devem ser criados incentivos e valorização da profissão docente para que os alunos ingressem novamente nos cursos via ensino, evitando um retrocesso na qualidade de ensino prestado, quando o que se exige é uma maior qualificação profissional que responda às exigências das gerações futuras.

O início de carreira, ou seja, a entrada no mundo do trabalho é sem dúvida um período em que o professor vive situações de grande stress, marcado por dificuldades, inseguranças e frustrações. Essa situação deve-se ao facto de o contacto com a realidade do trabalho ser invariavelmente diferente das expectativas criadas pelo candidato a professor; experiências de socialização inadequadas, ambiguidade ou incerteza relativa ao seu papel dentro da organização laboral (instituição escolar) e à precariedade do vínculo laboral.O futuro da educação em Portugal está em causa se não se agir rapidamente contra o tempo. É crucial que os mais jovens se interessem pela profissão e abraçem o ensino com entusiasmo, mas para isso é necessário que a vejam como uma profissão de futuro, de crescimento pessoal e social e que lhes seja permitido conciliar a vida familiar e profissional, permitindo desta forma uma estabilidade emocional tão necessária ao bom desempenho dos docentes. Caso contrário, dentro de muito pouco tempo, vamos encontrar salas de professores desertas, arriscando-nos a ter no futuro, quando a necessidade for premente, gente medíocre que se abeira da profissão docente, sem qualquer gosto, inclinação e vocação.

Lamentavelmente, o desinvestimento na educação é o desinvestimento no nosso futuro!

Concluimos então, que uma sociedade, constituída por uma classe docente satisfeita, feliz e realizada será uma garantia de uma sociedade equilibrada e harmoniosa, uma vez que o papel que essa mesma classe desempenha, acarreta consigo a grande responsabilidade da formação dos indivíduos que constituem essa mesma sociedade.

OPINIÃO

Valorizem os jovens que ainda querem ser professores

ANTÓNIO FERREIRA
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

A carreira docente já passou por várias fases, em que realmente ali na década de 90, por exemplo, a falta de professores obrigou a que fossem necessárias formas de arranjar pessoas qualificadas que algumas delas nem sequer tinham formação em ensino, e há professores de hoje que dão aulas e que não têm formação na parte pedagógica ou fizeram-na posteriormente, e depois temos professores que também foram fazendo formação ao longo da carreira. Ainda assim, nós estamos a entrar numa dessas fases em que realmente também estamos a cair outra vez na falta, ou seja, aquele excesso que se calhar se verificou aqui há alguns anos, está a culminar agora no excesso, na falta aliás. Esta falta é explicável através de vários factores.

Por exemplo, um jovem que esteja numa licenciatura na área do português ou dos institutos portugueses e que queira ingressar no mestrado, em muitas faculdades é tida em conta a média e uma entrevista que é feita, mas também a realização de uma prova à qual muitos alunos normalmente não conseguem passar. Minha questão é, tendo em conta a situação atual, importa estar a realizar provas ou não era logo agarrar nestes jovens, provavelmente até até uma média engraçada, isto é, no ponto de vista de necessária ou interessante para explorar no mestrado, e colocá-los a ter cadeiras pedagógicas e iniciarem o seu trabalho nas salas de aula através dos estágios pedagógicos renumerados, que é o que está a tentar ser feito em algumas escolas, ou vamos deixá-los terem que seguir outras áreas, ou estarem um ou dois anos parados a tentar fazer melhorias de notas e a prepararem-se para a dita prova.

É sabido que existiu o congelamento das carreiras, que tem havido algumas progressivas alterações, mas no que isto vai culminar nós não sabemos, não é verdade? E fala-se muito dos apoios, tenta-se tapar os olhos de muitas maneiras, mas a verdade é que há questões que ficam um bocadinho abertas, não é? E também, quanto a isto, não consigo dar uma resposta muito plausível.

Estamos a caminhar para uma transição digital, que nos deve preocupar bastante, porque nós não reunimos meios necessários para essa mesma transição digital e além disso sinto que os nossos alunos, apesar de fazerem parte desta geração tecnológica e apesar de terem de acompanhar esta evolução, até porque eles vivem imersos nela, temos que destacar o facto de o ensino não poder ser movido apenas e somente só pela tecnologia. A tecnologia deve ser encarada como um recurso, não como um meio para a aprendizagem.

Isto não está a ser de todo um aspecto que esteja a beneficiar as escolas, muito pelo contrário, os alunos chegam cada vez mais mal preparados às faculdades.

OPINIÃO

OPINIÃO

Sem um futuro que nos prometeram

CONSTANÇA CARVALHO
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA

Numa breve viagem pela comunicação social, percebemos que aquilo que se noticia, atualmente, é que, em Portugal, existem cada vez mais pessoas qualificadas e com qualificações cada vez mais graduadas. Mas, já dizia o nosso velho sábio Saramago que "a pior cegueira é a mental, que faz com que não reconheçamos o que temos à frente". E talvez seja disso que o nosso país sofre, para não perceber a incoerência entre o aumento das qualificações e o desemprego que persiste na comunidade juvenil.

Na verdade, desde crianças que ouvimos o tão famoso conselho "tens que tirar um curso"; no entanto, parece que os nossos antecessores não tinham assim tanta razão, quando nos queriam fazer acreditar que, para termos uma vida economicamente equilibrada e socialmente favorável, era necessário esforçarmo-nos para obter um curso superior. E afirmo isto enquanto jovem licenciada e estudante de Mestrado, numa área que causa sempre espanto naqueles que bebem ignorância, mas também como trabalhadora-estudante.

Pensemos, em primeiro lugar, nos estudantes que, ainda com pouca qualificação, procuram adquirir um emprego que lhes permita obter um pouco de rendimento, para as despesas mais superficiais, mas extremamente necessárias. Vemos muitas vezes, este tipo de jovens em trabalhos muito precários, em part-time, por períodos sazonais, em cafés, minimercados, restaurantes, colheitas agrícolas ou supermercados. A verdade é que são uma mão de obra barata e, por norma, pouca exigente e tudo isto faz deles alvos apetecíveis para os empresários que querem apenas "desenrascar" um problema. Porém, se fizermos uma visita aos centros comerciais, a essas multinacionais que lhes poderão oferecer muito melhores condições de trabalho e uma experiência mais enriquecedora, encontramos bastantes jovens, que à partida não têm cursos superiores e não são estudantes que, mais tarde, irão obter essa qualificação. Sim, é verdade. E tudo isto tem uma razão lógica: trabalhadores que possuam uma licenciatura ou outro nível de escolaridade superior, terão de possuir um vencimento igualmente superior, que se adeque ao seu grau de qualificação, ainda que as áreas não tenham nada em comum. E é nestes momentos que os jovens estudantes universitários começam a aperceber-se que, apesar de todo o seu esforço académico, haverá sempre portas que se fecham e que o tal conselho que lhes deram, afinal, não era assim tão verdadeiro.

Por outro lado, pensemos nos recém-licenciados que se candidatam a determinada função, de acordo com a sua área académica. Terminam o curso e imbuídos do entusiasmo de entrar no mercado de trabalho, procuram integrar uma empresa, mas a porta é, novamente, fechada. E, neste momento, caro leitor, já se deve estar a questionar: "Fará isto algum sentido?". Claro que sim! Não têm experiência na área. Mas, como poderá alguém ter experiência numa tarefa que nunca desempenhou e para a qual nunca ninguém lhe deu a oportunidade de praticar? Não, não existe nada que possam dizer que, para mim, justifique este tipo de atitude e ideal. Para que estudamos tanto, afinal? Para que apostamos tanto em mão de obra qualificada, se, depois, não está apta a atuar sob determinada tarefa?

Julgo, então, que continuamos completamente cegos, a incentivar os jovens a investir o seu esforço, o seu tempo e algum dinheiro num caminho que poderá não ter tantos frutos como desejado. Portugal pode até ter cada vez mais qualificações e, por isso, ser muito evoluído, mas falta-nos o principal: garantir que podemos sobreviver, que possuímos um emprego que nos permita pagar as nossas despesas, sermos independentes, mas que faça parte das nossas escolhas e da nossa felicidade, tal como o futuro que nos prometeram, quando recebíamos aquele velho conselho. Se calhar, Saramago tinha razão, não conseguimos ver o que está à nossa frente.

PUBLICIDADE

PONTO A PONTO

Rota da Francesinha

Brasão Bistró

A francesinha do Brasão é a melhor que se pode comer no Porto. Sem dúvidas. O equilíbrio de sabores perfeito do molho e a qualidade da carne são de deixar qualquer um maravilhado com a confeção deste mítico prato portuense. O ambiente do restaurante em si é por si só muito convidativo, onde a simpatia do staff é enorme. Sem sombra de dúvidas que é "a referência" na Invicta.

★★★★★

Café Santiago

A francesinha do Café Santiago é uma das mais antigas da cidade do Porto e em 2019 foi nomeada como uma das "50 melhores sanduíches do mundo". A carne é excelente e o molho tem o equilíbrio perfeito dos sabores da Invicta. O ambiente é convidativo e o atendimento nesta casa é típico portuense: a simpatia e honestidade reinam. É o chamado saber receber e no Café Santiago sabem mesmo receber!

★★★★★

Verso em Pedra

A francesinha do Verso em Pedra deixou muito a desejar. O molho não estava suficientemente quente, apresentava pouquíssimo sabor e o bife era duro e tinha bastante nervo. É um restaurante com um ambiente que pode ser considerado assim-assim, pois tem uma decoração bonita, mas o staff é antipático. Para aquilo que foi servido, a francesinha não vale o que custa. Uma desilusão. Definitivamente, um local a não voltar.

★★☆☆☆

Capa Negra

A experiência no Capa Negra foi afetada principalmente pela antipatia dos funcionários, que deixou desde logo uma impressão desagradável. Além disso, a qualidade da comida também foi dececionante, com evidências de descongelamento apressado que resultaram em pratos que continham excessiva quantidade de água. O sabor e a textura das francesinhas servidas foram prejudicados devido a isso, tornando a experiência gastronómica negativa.

★☆☆☆☆

GRANDE REPORTAGEM

As malhas que a droga
retrato do problema na

O consumo e o tráfico de droga no Porto são um pr
que tem vindo a aumentar nos últimos anos.
O CONTRAPONTO foi conhecer este outro lado da

ANDRESA GONÇALVES, LEONOR COUTO, MARGARIDA GOMES RODRIGUES, MIGUEL ROCHA PINTO

tece: um
Invicta

oblema estrutural

cidade.

GRANDE REPORTAGEM

O Porto, à semelhança de outras metrópoles europeias, é uma cidade de contrastes. Caminhando pela Invicta, como é amplamente conhecida, é possível destacar as principais diferenças entre as várias zonas da cidade. Enquanto na Foz e nas Antas, consideradas as zonas nobres da cidade, encontramos um certo estilo de vida e um diferente ordenamento de território, na zona de Campanhã e Pasteleira destacam-se os problemas relacionados com a droga. É por isso, uma cidade de desigualdades, tanto sociais como económicas.

É na zona ocidental da cidde que estão os alicerces do consumo e venda de droga. No antigo Bairro do Aleixo, que demorou oito anos a ter as suas cinco torres demolidas (a última em 2019), a droga estava presente no dia-a-dia de quem lá vivia, sendo um verdadeiro ponto de recolha (e não só) de droga. Considerado em tempos um dos bairros mais perigosos do país, esta zona de habitação social era um verdadeiro centro comercial ao ar livre e palco de muitos conflitos.

Subindo a escarpa do Douro em direção à Boavista, está o Bairro Pinheiro Torres, muito conhecido por todos os portuenses. É aqui que, depois da demolição do Aleixo, se instalou algum do consumo de droga da cidade.

Façamos então uma pequena viagem ao passado: o triângulo Aleixo, Pasteleira Nova e Pinheiro Torres funcionou durante longos anos. Com a demolição do Aleixo "desfez-se o triângulo, fazendo com que os morados se deslocassem para Pinheiro Torres ou Pasteleira Nova".

Lourenço, nome fictício, vive no Pinheiro Torres há 43 anos. É reformado e assume viver uma vida pacata e segura: "O bairro é seguro. Vê-se de tudo. Há pessoas boas e más, como em todo o lado... é como tudo. Vamos a uma rua há algodão e nós passamos despercebidos, mas se virmos uma beata já nos cheira mal. O que fica é sempre o mau."

No entanto, não esconde o lado mais escuro do bairro e afirma que o tráfico e o consumo de droga é uma realidade vivida há já muitos anos. "No início tudo era feito de forma pouco visível, atualmente tudo se faz sem recato."

Lourenço garante que as pessoas perderam e que, no início, "tudo era feito de forma pouco visível, atualmente tudo se faz sem recato". Há locais no bairro que "estão tomadas" por estes grupos - moradores, vendedores, vigilantes e itinerantes). Nestas zonas, o uso de telemóvel é "praticamente censurado" e ao passar, caso se trate de um conhecido, é audível a expressão "é morador", caso contrário é emitido um aviso. "Volta e meia assiste-se a agressões físicas entre os vendedores e os consumidores e, com alguma normalidade, assistimos ao som de tiros".

A carrinha da ARRIMO, minutos depois de chegar à primeira paragem. Fotografia: Leonor Couto/CONTRAPONTO

Quando questionado sobre o estereótipo que se enraizou sobre este problema, o morador não hesita em afirmar: "O tráfico e a droga não estão só nos bairros sociais, anda por aí boa gente a levar vida de barões e baronesas. O bairro pelas suas características dá jeito aos barões e baronesas."

> "O tráfico é geracional. Há avós, filhos e netos neste negócio!"

A droga é uma realidade no bairro para todas as faixas etárias. Enquanto alguns tentam seguir outro caminho, para a maior parte é quase "genético": "O tráfico é geracional. Há avós, filhos e netos neste negócio!".

Lourenço vive há muitos anos no bairro e conhece Pinheiro Torres de olhos fechados. Ainda que afirme viver uma vida pacata, durante a conversa, confessou que nem sempre é um mar de rosas. Para finalizar a nossa conversa questionamos como é que alguém reformado e longe do mundo da droga vive com esta realidade:

"Se eu tenho de respeitar um drogado, ele também me tem de respeitar. Fala-se muito nos direitos dos toxicodependentes e dos consumidores, que eu entendo, mas e os direitos das restantes pessoas? Somos obrigados a assistir em plena via pública a este tipo de comportamentos".

Rumando à zona oriental da cidade, chegamos a Campanhã. É a maior freguesia da cidade e faz fronteira com o estádio do Dragão.

O CONTRAPONTO foi conhecer o trabalho da ARRIMO, Organização Cooperativa para Desenvolvimento Social e Comunitário, que atua como um importante agente no que ao consumo assistido de droga diz respeito. A associação sem fins lucrativos começou a exercer a sua atividade em 2008, sete anos depois da descriminalização do consumo de droga em Portugal, que veio colmatar muitos dos, até então, riscos do consumo de droga na via pública. A instituição atua em diferentes frentes e é pioneira no tratamento das dependências, conhecida pela sua abordagem inovadora e humanista no que redução de riscos e minimização dos danos diz respeito. Atualmente, a equipa multidisciplinar do Porto é composta por cerca de 15 profissionais, incluindo enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e técnicos de intervenção psicossocial. Jorge Rocha, primeiro Vogal do Conselho de Administração da ARRIMO, partilha a experiência e os desafios enfrentados pela organização, especialmente perante as mudanças recentes no cenário das políticas de saúde e assistência social.

Essa abordagem humanista é particularmente evidente na gestão das salas de consumo assistido no Porto, "onde o consumo é monitorizado, reduzindo os riscos associados ao uso de substâncias nas ruas da cidade". A iniciativa desempenha um "papel fundamental na segurança e na saúde pública, oferecendo um ambiente controlado e seguro para aqueles que a utilizam com frequência, representando, assim, uma nova frente na luta contra as dependências em Portugal".

Apesar de ser um modelo eficaz internacionalmente, a implementação das salas de consumo em Portugal

Pequena dose de "Crack", na mão de um toxicodependente. Fotografia: Leonor Couto/CONTRAPONTO

enfrenta diversos obstáculos devido ao estigma e aos equívocos associados a elas. Muitos acreditam erroneamente que essas salas incentivam o uso de drogas, quando, na realidade, "estão focadas na redução dos danos relacionados ao consumo". Jorge enfatiza a "importância de sensibilizar o público e as autoridades acerca dos benefícios desses espaços controlados".

A sustentabilidade da ARRIMO é uma preocupação constante, especialmente após as mudanças no SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências). O Vogal da administração realça a "necessidade de um suporte contínuo e de uma estrutura estável para manter os serviços vitais.

Além do trabalho a nível das dependências, a ARRIMO envolve-se em diversos projetos sociais, incluindo o acolhimento de famílias de refugiados e a gestão do programa "Escolhas": "Cada projeto é um passo para uma sociedade mais inclusiva e consciente" reforça o Vogal do Conselho de Administração.

Com um olhar determinado no futuro, a ARRIMO continua a adaptar-se e a procurar novas formas de sustentar o seu trabalho essencial. O objetivo é claro: fazer a diferença, uma vida de cada vez, reafirmando o compromisso da organização em servir a comunidade e transformar vidas no Porto. A importância dada a cada caso individual é a chave para o sucesso, como enfatiza Jorge, para quem "cada pessoa que começa a organizar-se, que adere ao tratamento, que procura ajuda, é um sucesso para nós".

Apesar dos avanços, aindaexistem desafios significativos para a organização. A falta de respostas habitacionais e oportunidades de trabalho continuam a ser obstáculos para muitos dependentes em recuperação. A sala de consumo assistido é apenas um passo na direção certa, mas há uma necessidade premente de mais recursos e respostas sociais para uma assistência humanitária mais eficaz.

Uma das iniciativas da ARRIMO, em parceria com o Ministério da Saúde, e que teve início em 2008, é o trabalho em campo com carrinhas descaracterizadas que se deslocam até pontos estratégicos, e previamente definidos, dando apoio aos utentes que procuram a associação.

> "Cada pessoa que começa a organizar-se, que adere ao tratamento, que procura ajuda, é um sucesso para nós".

O CONTRAPONTO acompanhou uma das equipas que faz parte deste projeto, centrando-se na zona ocidental da cidade (da qual a freguesia de Campanhã faz parte). O dia começa por reunir todo o material necessário na carrinha que parte da Rua Padre António Vieira, junto à Estação de Campanhã, para que o apoio dado seja o mais completo possível. Do material carregado fazem parte utensílios para o consumo de droga, como é caso folhas de papel de alumínio, toalhetes de desinfeção, bem como o fornecimento de preservativos, para prevenir o surgimento de doenças sexualmente transmissíveis. A ARRIMO recebe também várias doações de vestuário, que vão desde casacos e camisolas até ao calçado, e são fornecidas aos utentes que realmente precisam.

Às 10h30 partia da sede da ARRIMO a carrinha que tinha como destino final a zona envolvente ao Bairro do Cerco do Porto, um dos maiores da cidade, fazendo a primeira paragem junto ao Bairro João de Deus, que se situa no limite norte da Invicta.

À hora de chegada, é fácil perceber que são vários os utentes que contam com a chegada da carrinha diariamente, e que cumprem, escrupulosamente, com o a visita à carrinha. O CONTRAPONTO tentou falar com utentes que visitavam a carrinha nesta primeira paragem do dia, mas sem sucesso.

No interior está uma enfermeira, uma assistente social, e um técnico que atua como motorista e dá apoio no que é necessário.

A profissional de saúde recolhe o nome dos utentes, numa forma de monitorizar o consumo que é feito e evitar a duplicação de doses, antes de fornecer metadona, uma substância narcótica do grupo dos opióides, utilizado principalmente no tratamento dos toxicodependentes de heroína.

Depois de pouco mais de meia hora no local, a equipa desloca-se para poucos

Entrega de uma dose diária de metadona. Fotografia: Leonor Couto/CONTRAPONTO

GRANDE REPORTAGEM

quilómetros a sul e instala-se na Alameda de Cartes, nas traseiras do Bairro do Cerco, onde o número de utentes é significativamente maior, obrigando a uma paragem de pouco mais de uma hora. É aqui que se distribui a maior quantidade de metadona do dia e onde chegam vários utentes ao longo daquela hora.

Embora seja visível que muitas pessoas não dependem só da metadona para sobreviver, há alguns utentes que falam da ARRIMO com um sorriso.

Carla Ramos é toxicodependente desde muito jovem. Em conversa com o CONTRAPONTO, a mulher conta que o consumo de droga apareceu na sua vida muito cedo, com apenas 12 anos, tendo sido obrigada a consumir, tendo sido inclusive vítima de constantes abusos sexuais e físicos.

Carla assume que percebeu que o seu futuro estava cada vez mais comprometido e que "decidiu aceitar" o facto de ter começado a consumir droga, um ano depois de começar. Ferros quentes e violações, é assim que Carla relata os atentados à humanidade que já passou (e passa) na sua profissão: a prostituição.

> **"Somos humanos como eles.**

A mulher afiança que a prostituição não é uma profissão fácil e que, embora traga riscos acrescidos para a saúde da prestadora do serviço e do cliente. É este um dos meios de "sustento" de Carla, que utiliza o valor arrecadado por cada cliente para a compra de droga e alimentos. A mulher relata que cobra valores que rondam os 15/20 euros por cliente, embora já tenham oferecido dois euros pelo serviço, situação que recusa sempre. Carla revela que as violações durante o ato são uma constante, e que alguns clientes "procuram prazer" a todo o custo, mesmo que isso implique ferir quem está do outro lado da moeda, relembrando que quem trabalha neste ofício não o faz por amor à camisola, mas sim por necessidade, vincando que são "humanos como eles (clientes)".

É nas traseiras da Loja do Cidadão, no Porto, que Carla vive há dois anos, depois de ter ficado sem teto após o falecimento do companheiro, com quem esteve 19 anos, até ao seu falecimento, em 2021. A sogra (relação apresentada por Carla, embora não tenha sido casada legalmente), despejou a mesma de casa após o falecimento do companheiro, forçando Carla a procurar uma solução para sobreviver. A escolha de uma tenda não foi a ideal, mas foi a solução mais fácil de encontrar.

O apoio da ARRIMO chegou num momento-chave na vida de Carla, que foi encontrada a ressacar na rua, depois de ter consumido doses substancialmente superiores ao que o seu organismo aguentava. A toxicodependente fala da associação com um sorriso, e faz questão de garantir que o seu trabalho é devidamente reconhecido: "O Sr. António (presidente da ARRIMO) é que me ajudou", assegurando que a ajuda da instituição é seguida "como uma religião", ou seja, a carrinha faz há 31 anos parte da rotina de Carla, que se mostra muito grata por todo o apoio recebido.

"Deixei de consumir pó à custa da carrinha"

Mas o apoio da ARRIMO não passa só pelo fornecimento de metadona. Os utentes recebem, além de um rendimento mínimo, medicação para vários problemas de saúde. Carla foi operada à tiroide há alguns anos, sendo a associação a responsável pelo fornecimento da medicação para o controlo da doença. Além de deixar claro que "deixei de consumir pó (substâncias como a cocaína) à custa do apoio

Carla Ramos conta a sua história e como a droga apareceu na sua vida. Fotografia: Leonor Couto/CONTRAPONTO

recebido pela carrinha", Carla revela que irá em breve receber ajuda para um tratamento ortodôntico, comparticipado pela organização.

Já perto do fim da conversa, a toxicodependente faz questão de deixar clara qual é a diferença entre um drogado e, passando a redundância, um toxicodependente:

> **"O drogado é irresponsável, imaturo e egoísta, enquanto o toxicodependente tem consciência. Sabe o que é o bem e o mal. "**

Carla termina a sua conversa com o CONTRAPONTO reforçando o que foi dito anteriormente e explicando que um toxicodependente está ciente das suas escolhas, ao invés de um drogado, que consome, em regra geral, doses mais elevadas e substâncias mais fortes. Questionada sobre a aparente falta de apoio por parte da Câmara Municipal do Porto (CMP) e do poder central, Carla acredita que "eles têm medo de mostrar o que está obscuro", referindo-se à CMP, e garantindo que a autarquia "não quer ver e não faz nada". A toxicodependente fala revoltada sobre a forma como outros grupos sociais são ajudados e este em especial não, afincando que "o que importa é o euro".

Carla termina a sua conversa afirmando que "a humanidade está esquecida, escondida numa nuvem", e que só de tempos em tempos é que a sociedade se lembra deste grupo de pessoas, que não deixam de ser seres humanos.

Está claro que o Porto enfrenta, atualmente, um desafio significativo em relação ao tráfico de droga nos bairros sociais da cidade e Carla é apenas uma gota do problema.

Embora não seja da competência da Câmara Municipal o combate ao tráfico de drogas, uma vez que essa responsabilidade é exclusiva das forças de segurança pública, que estão sob a tutela do Ministério da Administração Interna, a autarquia, quando questionada pelo CONTRAPONTO, declarou, por meio escrito, que tem investido em diversas medidas com o objetivo de "mitigar este fenómeno".

Utente a lavar as mãos, na carrinha da ARRIMO. Fotografia: Leonor Couto/CONTRAPONTO

Diariamente, a ARRIMO distribui kits de prevenção de doenças infecciosas, bem como toalhetes de desinfeção. Fotografia: Leonor Couto/CONTRAPONTO

Um investimento que passa por apoiar financeiramente a sala de consumo vigiado junto ao Bairro da Pasteleira, num valor total de cerca de 650 mil euros. Além do mais, a Câmara Municipal afirma estar disponível para comparticipar a criação de uma unidade móvel de consumo vigiado, com a finalidade de oferecer o mesmo serviço da sala de consumo em vários pontos da cidade do Porto.

Outras ações nas quais a autarquia tem vindo a investir para reduzir o problema do tráfico passam pelo aumento do número de veículos destinados ao patrulhamento da cidade, com a entrega de dez viaturas à Polícia de Segurança Pública (PSP) para o efeito. Agrega-se, ainda, um sistema de videovigilância que vai englobar, quando estiver totalmente concluído, a zona oriental e ocidental da cidade do Porto – neste momento ainda está numa primeira fase, com câmaras instaladas apenas entre a zona do Marquês e a Ribeira.

A Câmara Municipal do Porto afirma que a vigilância é um investimento que vale a pena, no sentido em que "aumenta a perceção de segurança dos cidadãos".

Para enfrentar a questão do tráfico nos bairros sociais da cidade, a administração local considera crucial uma presença policial ativa. Entretanto, na ausência desse cenário, o município entende que a implementação da videovigilância é uma medida preferível do que não adotar nenhuma ação.

> "Quem não caça com cão, caça com gato"

Durante uma Assembleia Municipal realizada em outubro, o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, expressou a preferência por uma presença policial nos bairros em vez de câmaras de vigilância, usando como exemplo o patrulhamento permanente da PSP na Pasteleira, que acabou por ser interrompido. No entanto, Moreira referiu que "quem não caça com cão, caça com gato", portanto, não existindo polícias a circular ativamente nos bairros, existem câmaras.

Apesar dos esforços que a autarquia tem feito para lidar com a crescente questão do tráfico de droga que se verifica, principalmente, nos bairros sociais da cidade, existe dificuldade em se conseguir realizar um controlo total, mesmo tendo a polícia à disposição. Isso ficou demonstrado aquando da presença policial na zona da Pasteleira e no Bairro Pinheiro Torres, que desde o início do ano, e até meados de julho, esteve em constante vigilância. O que se verificou durante esse período foi uma deslocação do fenómeno da criminalidade associada à venda de estupefacientes para outros locais da cidade, como a zona da Sé e o Bairro do Cerco.

> "Se tens consciência, vai em frente, se não tens, vais abaixo"
>
> Carla Ramos, toxicodependente

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Bairros de habitação social no Porto: **49**

Média de habitantes: **20% da população portuense (JPN, 2010)**

Focos de consumo de droga: **4 (Cerco, Pasteleira, Pinheiro Torres, Ramalde)**

Salas de consumo disponíveis: **1 (Pasteleira)**

Ainda não existe uma unidade móvel de consumo assistido, embora a CMP queira criar uma.

GRANDE PORTO

1.

A Via de Cintura Interna (VCI) foi construída para desobstruir a circulação no Porto e em Gaia.

2.

No segundo trimestre de 2023, circularam, de acordo com o IMT, em média 97 mil automóveis na VCI.

3.

Câmara Municipal do Porto diz que a responsabilidade incide sobre o Governo.

VCI: a crónic cancro anun

Mais trânsito e mais dores d uma das vias mais congestio

MIGUEL ROCHA PINTO

"O trânsito no Porto está cada vez pior." É esta a frase que mais se tem lido e ouvido nas últimas semanas, aliada a congestionamentos nas principais artérias da cidade e estacionamento indevido. A Via de Cintura Interna, commumente conhecida como VCI, é a principal via de locomoção que circunda a cidade do Porto (e parte de Vila Nova de Gaia), estando construída em forma de anel, atravessando os principais polos económicos e habitacionais da Invicta, como a Boavista e as Antas, onde se concentram muitas pessoas que diariamente entram e saem da cidade.

Embora seja a principal via de acesso à segunda maior cidade do país, existem alternativas para a VCI que, embora sejam pouco usadas, são eficientes e podem desviar grande parte do trânsito que entra no Grande Porto. Exemplo disso é a Circular Regional Exterior do Porto (CREP), que foi construída com o objetivo de afastar da cidade quem vem do Norte e pretende seguir para Sul, evitando criar engarrafamentos. Álvaro Costa, professor de Eng. Cívil na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), afirma que a grande solução para o trânsito é "apostar no transporte público", retirar da VCI as pessoas que "não andam a criar valor (à cidade)" e melhorar a taxação das estradas, remetendo novamente para a CREP. Álvaro Costa garante que "há muita gente que tem de usar a VCI porque há autoestradas concorrenciais que estão taxadas".

Por outro lado, Cecília Silva, especialista em mobilidade e professora associada na FEUP, sublinha que a prioridade é apostar na "multimodalidade" – uma solução em que pode escolher o modo de transporte mais útil para o seu percurso. Cecília Silva reitera que a cidade "está construída para o automóvel" e que este é um "problema estrutural" da cidade.

Desde o início da pandemia que há mais carros nas estradas portuguesas.

A insegurança face aos transportes públicos fomentou o aumento do uso do automóvel, números que sobem de ano para ano. Segundo o IMT, no último trimestre de 2023 entraram no Porto, através do nó da A3 (um dos princi-

ça de um ciado

e cabeça. O retrato de onadas do país.

pais acessos), uma média de 138 mil automóveis, valores que tem subido desde 2020.

Aliado ao aumento do trânsito, tanto na VCI como no centro da cidade, estão os crescentes congestionamentos provocados pelas obras da Metro do Porto, decorrentes da criação da linha Rosa (linha circular) que irá ligar a zona de São Bento à Boavista. Na Avenida dos Aliados, por exemplo, onde as obras decorrem há mais de três anos, a principal ligação entre a estação de São Bento e a Praça da Liberdade está cortada, numa altura em que a empreitada entra numa nova fase. Em novembro do ano passado, o presidente da Câmara Municipal do Porto (CMP), Rui Moreira, admitiu que a autarquia "não concederá quaisquer licenças para qualquer obra da linha Rubi que provoque alteração ou novos constrangimentos na mobilidade" e pediu ao Governo uma "urgente avaliação" do estado das obras de ampliação do Metro do Porto.

O Contraponto entrevistou alguns automobilistas num dia de trânsito (e em hora de ponta) no centro do Porto, sendo que muitos culpam a Metro do Porto pelo atraso nas obras, que tem dificultado o trânsito na cidade. Beatriz Ferreira, 25 anos, afirma que "o Porto não aguenta com tantas obras" que dificultam a locomoção, afetando não só quem utiliza o carro, como quem usa transportes públicos. "Quem faz este percurso de autocarro – do Campo Alegre até à Batalha – demora muitas vezes mais de uma hora, por conta dos congestionamentos das obras", garante Beatriz, que aponta o dedo à CMP pela sua aparente "descontração" para com o problema. A jovem de 25 anos deixa claro que numa cidade como o Porto "quando cortamos uma rua, estamos a destabilizar o trânsito todo".

Embora aparente ser um problema fácil de resolver, a mobilidade na cidade do Porto é um assunto bem mais complexo. O uso excessivo do automóvel, a concentração muito elevada de automóveis na VCI e os atrasos no transporte público são alguns dos fatores que fazem com que a cidade esteja cada vez mais longe de atingir a neutralidade carbónica, meta que faz parte dos planos do executivo de Rui Moreira e pretende "despertar a ação dos cidadãos e organizações e criar uma grande comunidade de aprendizagem, partilha e apoio mútuo".

GRANDE PORTO

NATAL

Os bastidores do comércio local na cidade do Porto

Uma jornada pelas lojas do comércio local que tornam o Natal uma época festiva única.

ANDRESA GONÇALVES, LEONOR COUTO, MARGARIDA GOMES RODRIGUES, MIGUEL ROCHA PINTO

No coração da cidade, onde a azáfama natalícia se faz sentir, mergulhamos na experiência única das lojas locais que tornam esta época do ano verdadeiramente especial. Além de seguirmos os passos até ao encontro do presente ideal, ouvimos atentamente as vozes das pessoas que trabalham no comércio local durante a época festiva.

Na loja Crivart, uma jóia do comércio local, encontramos um compromisso firme com a produção nacional: "Todos os produtos aqui da loja são de marcas nacionais", afirmou a lojista, destacando a singularidade deste estabelecimento. Na época festiva, a loja Crivart surpreende os clientes com um calendário do advento nas redes sociais, revelando diariamente novos presentes.

Na Casa dos Forros, o comércio local enfrenta desafios, com a proximidade a ser substituída por turistas. No entanto, continuam a atender às necessidades da comunidade, ajustando-se às preferências dos clientes, que procuram especialmente fitas nesta altura do ano. Cada presente é tratado com cuidado, sendo escolhida a melhor fita e embrulhada na hora.

A loja "Didatic by Edicare" oferece um toque especial nesta temporada festiva. Por cada presente adquirido, a loja presenteia os clientes com um adorável cartão natalício que pode ser personalizado com o nome do destinatário. Uma maneira carinhosa e atenciosa de tornar cada presente único e transmitir o verdadeiro espírito natalício.

No "Querer Voltar Supermercados", apesar das flutuações económicas, a loja continua a oferecer produtos populares, como frutos secos, e valoriza a fidelidade dos seus clientes habituais. A recolha cuidadosa dos produtos selecionados previamente pelos clientes e a organização em sacos prontos para retirar na loja tornam a experiência de compras conveniente e personalizada.

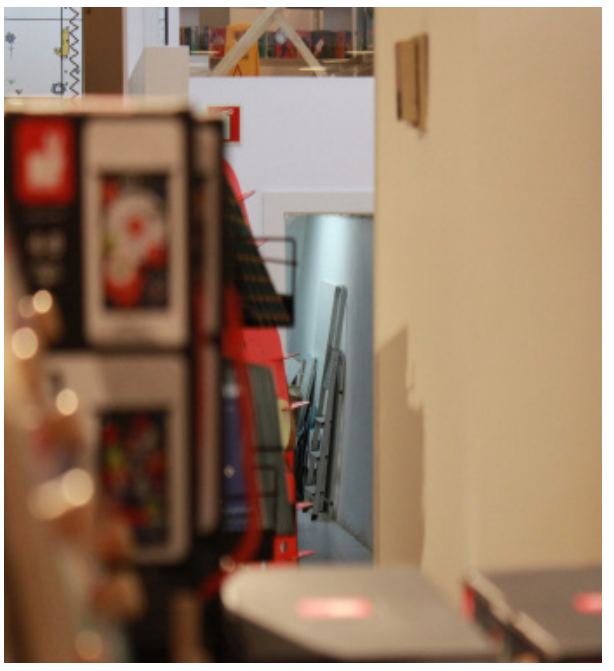
Na "Paraíso do Livro", uma livraria de segunda mão, fizemos uma viagem ao passado, explorando uma vasta coleção de livros antigos. Cada prateleira contava histórias, não apenas através das páginas, mas também através do aroma nostálgico e das edições cuidadosamente preservadas. A livraria também realiza feiras do livro ao longo do ano, oferecendo livros a preços acessíveis.

Nestas lojas locais, o espírito natalício ganha vida, e a dedicação dos comerciantes em oferecer uma experiência única aos clientes, é evidente em cada detalhe.

NATAL

Fotogaleria

As preparações para a véspera de Natal no comércio local no Porto.



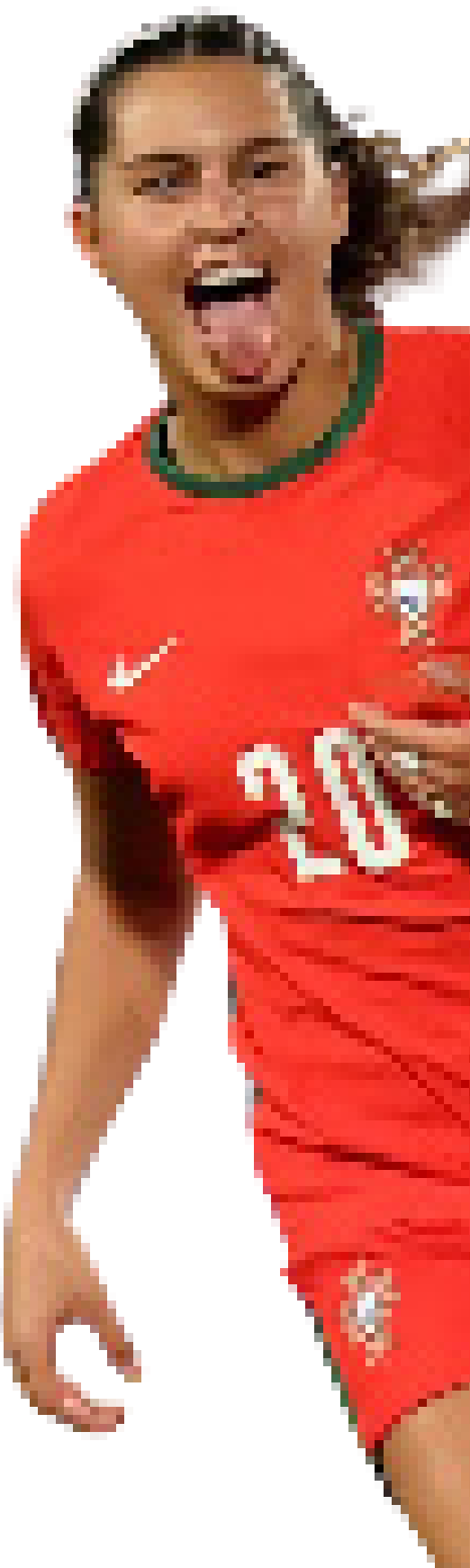
Fotografias: Margarida Gomes Rodrigues e Miguel Rocha Pinto

DESPORTO

FUTEBOL FEMININO

Futebol feminino alcança marco histórico

Aumento de 193% em transferências e maior visibilidade destacam o avanço do desporto feminino.



MARGARIDA GOMES RODRIGUES

A seleção feminina de futebol de Portugal, carinhosamente apelidada de "As Navegadoras", tem estado no epicentro de um fenómeno desportivo que está a capturar a atenção do mundo. Entre julho e agosto de 2023, Portugal participou pela primeira vez no Mundial de Futebol Feminino, um marco alcançado através de uma qualificação heroica e uma performance inesquecível na competição.

A jornada histórica de Portugal no Mundial, embora tenha terminado mais cedo do que as jogadoras e fãs esperavam, é apenas a ponta do iceberg de uma revolução no futebol feminino que está a acontecer no país. O crescimento espantoso de 193% nas transferências das jogadoras é uma prova tangível da ascensão deste desporto.

O número de espectadores em estádios e a audiência em transmissões televisivas têm atingido patamares sem precedentes, evidenciando uma mudança profunda na perceção do desporto feminino. O público, agora mais amplo e diversificado, está a abraçar as jogadoras com entusiasmo e respeito, sinalizando uma nova era para o futebol feminino.

Esta transformação não se deve apenas ao interesse do público. O investimento em infraestruturas e a profissionalização das ligas femininas têm sido pedras angulares neste processo de mudança. Com melhores condições de treino e competição, o futebol feminino em Portugal está a incentivar cada vez mais mulheres a entrarem ativamente no desporto, um triunfo não só para as jogadoras, mas para a igualdade de género no desporto.

Francisco Neto, o treinador da seleção feminina, tem sido uma voz ativa na promoção deste crescimento. O seu reconhecimento do aumento de popularidade, do desenvolvimento das infraestruturas e da melhoria contínua do nível técnico das jogadoras é um testemunho do progresso substancial alcançado.

O site oficial dos Jogos Olímpicos também reconheceu este progresso, referindo-se à persistência do futebol feminino português como uma "teimosia" que se transformou em realização. A Federação Portuguesa de Futebol (FPF) desempenhou um papel fundamental, implementando programas de desenvolvimento, aumentando o financiamento e melhorando as condições para jogadoras e treinadoras.

Além dos avanços no campo, a evolução do futebol feminino tem tido um impacto significativo na sociedade portuguesa, desafiando estereótipos de género e promovendo a igualdade. As jogadoras de Portugal tornaram-se modelos a seguir, demonstrando que a determinação e o talento não conhecem fronteiras de género.

À medida que "As Navegadoras" continuam a sua jornada, mostram que jogam não só pelo amor à camisola, mas também moldam o futuro do desporto e da sociedade portuguesa, provando que a teimosia, quando canalizada, para a paixão e o esforço, leva à realização de sonhos outrora inimagináveis.

> **"Colocaram Portugal no mapa do futebol feminino mundial"**
>
> **MARCELO REBELO DE SOUSA**
> **PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Fotografia: Federação Portuguesa de Futebol (FPF)

Fotografia: PHIL WALTER

Estreia histórica no Mundial de futebol feminino

Seleção Feminina Portuguesa marca presença inédita na competição mundial, deixando uma impressão de coragem e união.

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

De 20 de julho a 20 de agosto de 2023, Portugal esteve pela primeira vez no Mundial de futebol feminino que se realizou na Austrália e na Nova Zelândia.

A seleção feminina A qualificou-se ao vencer os Camarões por 2-1, na final na Nova Zelândia. Para a conquista contribuiu uma grande penalidade apontada por Carole Costa, ao minuto 90 + 4. O Grupo E, grupo ao qual as portuguesas pertenceram, contou com as vice-campeãs dos Países Baixos (23 de julho), Vietname (27) e Estados Unidos (01 de agosto). Depois de jogados os três jogos, Portugal deixou o Mundial de 2023 com a derrota frente aos Estados Unidos com posteriores congratulações por parte de muitos portugueses e figuras políticas relevantes.

"Desta forma, o Governo visa dar particular destaque à primeira presença da seleção feminina A, cujas jogadoras ficaram conhecidas como 'as Navegadoras', na fase final de uma competição", afirma André Moz Caldas, Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros.

"Saio triste por não poder ter mais nenhum Mundial com esta equipa", confessou Nazareth, expressando um sentimento de despedida que assinala o encerramento da participação de Portugal na competição.

A sua afirmação não só reflete a desilusão com o resultado desportivo, mas também sublinha a coesão e o respeito mútuo desenvolvido entre as jogadoras ao longo do torneio.

Apesar do afastamento prematuro do Mundial, a prestação da Seleção Nacional foi assinalada por momentos de qualidade e demonstrações de determinação.

A equipa, ainda que não tenha progredido para fases mais avançadas do Mundial, evidenciou um futebol competente e causou uma impressão positiva, tanto a nível técnico como a nível de espírito coletivo.

CONTEXTO HISTÓRICO

A partir do início do século XX, as oportunidades de integração das mulheres a nível desportivo aumentaram.

Competições como lançamento de martelo, salto com vara, corrida de obstáculos e râguebi eram exclusivas para o género masculino durante muitos anos. O futebol, por exemplo, era considerado excessivamente violento.

> **"Saio triste por não poder ter mais nenhum Mundial com esta equipa."**
>
> **FRANCISCA NAZARETH**
> **JOGADORA DE FUTEBOL FEMININO**

DESPORTO

Maria Barros: A caminho dos Jogos Olímpicos de Paris

A jovem de 22 anos deu o tiro certeiro e conquistou um lugar nos Jogos Olímpicos de Paris.

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

PERFIL

Maria Barros

Idade: 22 anos

Modalidade: Tiro com armas de caça

Oriunda de Penafiel, Maria Barros teve a sua carreira iniciada com a vitória com vice-campeã Europeia de Júniores em tiro aos pratos, em 2021.

No ano seguinte, venceu a medalha de prata da sua modalidade, em Baku, no Azeirbeijão.

A jovem é finalista do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS).

Fotografia: Maria Inês Barros/DR

CONTRAPONTO (C): Conte-nos um pouco sobre como surgiu a paixão pela modalidade de tiro com armas de caça e a que idade?

MARIA BARROS (M): Tudo começou com o meu avô, que era caçador, e os caçadores mesmo nos dias de hoje podem treinar nos campos de tiro e até existe modalidades em que os pratos simulam as trajetórias de espécies cinegéticas. O meu pai e também o meu padrinho, irmão mais novo do meu pai, conheceram este mundo através dos hábitos do meu avô. O meu pai começou a ingressar em provas do nacional na altura em que eu nasci em 2001. O que influenciou bastante a minha infância, uma vez que, ia sempre com ele todos os fins-de-semana para as provas, inclusive a minha primeira viagem de avião foi quando o meu pai participou numa contagem do nacional que na altura ocorreu nos Açores, tinha eu na altura 1 mês de vida se tanto. E, pronto, desde cedo tive contacto com o desporto, mas confesso que no início não achava piada porque passava imenso tempo nos campos de tiro e não tinha nada para fazer já que não tinha idade sequer para perceber a dinâmica de uma prova. Só mais tarde, quando fiz 12 13 anos é que voltei a interessar me pelo desporto e a acompanhar novamente o meu pai, aliás pode se dizer que foi por minha causa que ele voltou a atirar no nacional, nesta altura ele já estava para desistir. Quando atingi a idade miníma para ser aceite no exame de Licença de Tiro desportivo, ou seja, aos 14 anos iniciei a minha carreira desportiva. Aliás, só aos 14 anos e meio porque tive de esperar para que um exame fosse marcado na Região Norte, isto é, em 2015.

C: Sabemos que está a tirar medicina veterinária, como é conciliar a faculdade com os treinos para os jogos de Paris?

M: É complicado, principalmente agora no último ano em que temos de conciliar um horário, já preenchido, com saídas de campo, com ambulatórios, com turnos de urgência, e ainda, os trabalhos que temos de fazer e apresentar, e isto tudo ainda tenho de conseguir conjugar com a minha vida desportiva. Não é nada fácil, mas quando se gosta e se tem gosto pelo desporto e modalidade que se pratica, tudo se consegue. E, nisto, o tiro obrigou me a desenvolver uma característica que para mim era um ponto fraco meu que é a organização. Eu era uma pessoa que decidia no momento e agora, já com outra mentalidade, tenho noção que assim não iria conseguir vincar em nenhuma das 2 vertentes. Em suma, vou tentar o

FONTE: COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

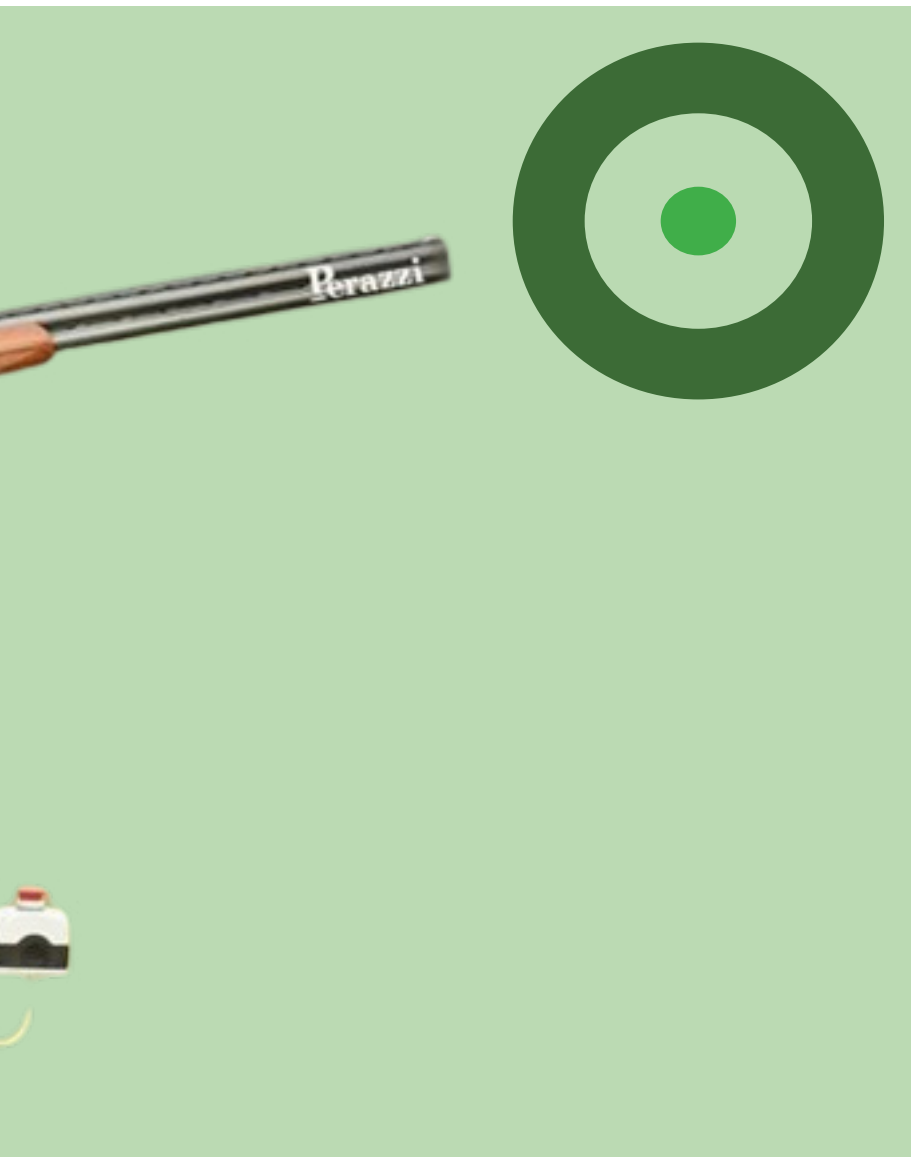
DESPORTO

meu melhor para conseguir conciliar as 2 coisas.

C: Como é vista a modalidade que pratica em Portugal? Existem apoios suficientes?

M: Infelizmente acho que em Portugal a modalidade não é bem vista, principalmente pelo nome que tem. A nossa federação é a Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça, então há muita gente que assume que todos os atiradores estão associados à caça, e em parte é verdade que temos uma parcela de atiradores que são caçadores, eu inclusive. Mas é um desporto como os outros, temos imensas regras de segurança e do meio ambiente a cumprir, todos os anos temos de nos apresentar a um médico para obtermos um Atestado Médico, que só com esse documento conseguimos renovar a nossa Licença Desportiva. Nunca tivemos acidente, no entanto como também é um desporto que lida com armas sofremos logo com conotações negativas que sinceramente não entendo. Para mim, as armas não são perigosas, tudo depende da forma em que são envergadas.

Mesmo com esta visão da nossa modalidade, e apesar de ser um desporto dispendioso, existem apoios e cada vez mais a nossa federação está a melhorar as condições dos seus atletas em competição. O que é algo de louvar. E mesmo com as marcas de cartuchos e armas existem apoios.



> “Em Portugal a modalidade não é bem vista, principalmente pelo nome que tem.”

C: Na modalidade considera que há muitas pessoas, principalmente mulheres, a quererem praticar tiro com armas de caça ou ainda é raro isso acontecer?

M: Tem se visto uma participação crescente nos exames de Licença desportiva, até já houve exames em que a maior parte eram mulheres. Por isso, espero que seja um ponto que vá melhorar no futuro, e que haja cada vez mais atletas a participar no campeonato, e principalmente, que o sexo feminino apareça em peso.

C: E se não existem, pretende, com a participação nos jogos olimpicos, incentivar as portuguesas a experimentar este desporto?

M: Mesmo que já se note uma crescente aderência ao desporto, acredito e espero que com a participação nos jogos aumente exponencialmente essa aderência. Precisamos de cativar os mais jovens e sensibilizar a população para os vários desportos existentes. Já me aconteceu, mais que uma vez até, dizer que pratico Tiro e dizer que um dos meus sonhos é chegar aos Jogos Olímpicos e a reação das pessoas é nem saberem que existia este desporto e quanto mais que era um desporto olímpico. E, de facto, o tiro está presente desde Wa 1ª edição dos Jogos Olímpicos, ou seja, não somos estranhos naquele palco. E, como se trata de uma prova da magnitude que são os Jogos Olímpicos, espero que ajude a melhorar a imagem do nosso desporto e que cative mais pessoas a experimentar.

C: Quando soube que tinha conseguido a qualificação quais foram os sentimentos? Achava que isso seria possível ou nem tinha pensado nisso anteriormente?

M: Senti tudo. Senti felicidade, alívio, concretização, senti imensa coisa, e ainda hoje não consigo descrever com certeza tudo o que senti. A qualificação para os Jogos Olímpicos é desde sempre um objetivo que eu tinha, desde que me federei em 2015, e apesar de alguns altos e baixos nunca deixei de acreditar que ia lá chegar.

C: Como se sente ao ser a primeira atiradora portuguesa a competit, a título individual no maio evento desportivo do planeta?

M: Concretizada, pois esse também era um dos meus grandes objetivos de vida, que era ficar na história do tiro português. Mas agora que aqui cheguei, confesso que sinto uma enorme responsabilidade, porque vai ser a primeira prestação de uma mulher portuguesa nos Jogos. E, isso, acrece um nervosismo extra que ainda tenho de aprender a lidar.

C: Quais são as expectativas para os Jogos Olímpicos?

M: As minhas expectativas para todas as provas a que vou são sempre as melhoras, mas lá está somos humanos de carne e osso e erramos, senão fosse por isso ganhava sempre o mesmo. Por isso, para os Jogos Olímpicos como é a minha 1ª participação vou tentar desfrutar e abstrair-me do ambiente de prova.

> “Vou sempre fazer o meu melhor e tentar orgulhar todos os portugueses.”

Os Jogos Olímpicos realizam-se de 26 de julho a 11 de agosto do próximo ano, na capital francesa.

Portugal garante a participação de 17 portugueses na maior prova desportiva mundial, entre os quais estará Maria Barros.

Os desafios na vida da atiradora portuguesa surgiram desde cedo, devido à necessidade de conciliar a sua formação em medicina veterinária com os treinos da modalidade.

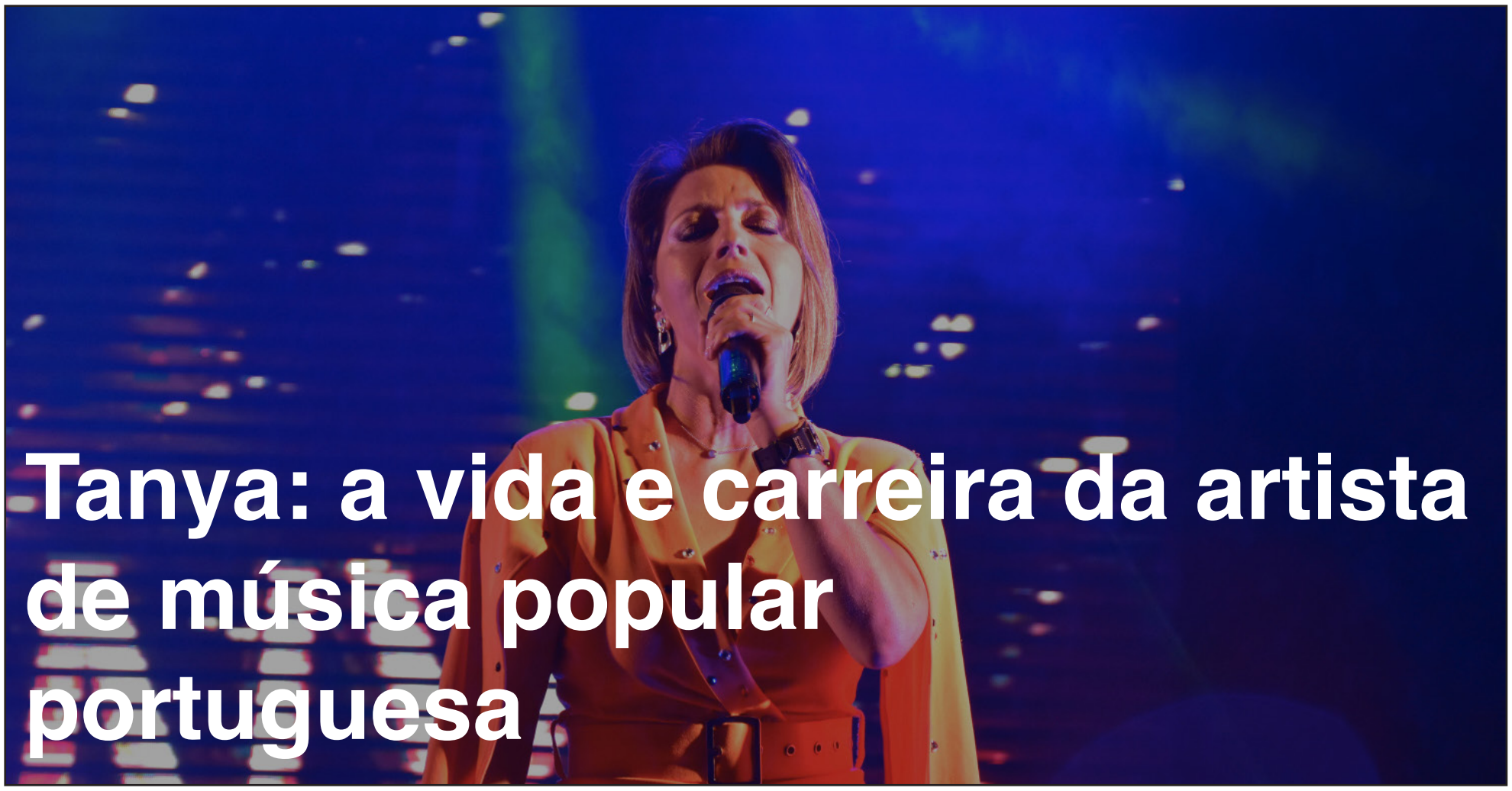
Intitulada por muitos como TRAP, tiro com armas de caça, o desporto que a jovem de 22 anos pratica nem sempre é bem compreendido pelos portugueses, com muitos a associá-lo à caça.

Apesar das conotações negativas em torno das armas utilizadas, Maria Inês Barros acredita que a Federação está a melhorar o apoio aos atletas.

O apuramento para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, concretizou-se na Croácia, ao conquistar o título de ampeã europeia de Tiro com Armas de Caça .

O seu grande objetivo de vida, foi assim que Maria Barros descreveu a conquista conseguida. Contudo, por enquanto, as expectativas são “desfrutar e abstrair-me..”

GRANDE ENTREVISTA



Tanya: a vida e carreira da artista de música popular portuguesa

Tanya durante um concerto em Armamar. Fotografia: Miguel Rocha Pinto

ANDRESA GONÇALVES, LEONOR COUTO, MIGUEL ROCHA PINTO

Tânia Lima, 43 anos, é cantora e professora de *fitness*. Natural de Vila Franca de Xira, mas passou a infância em Alenquer. A terra onde se fez gente e descobriu a paixão pela música. Em 2022 participou no *reality show Big Brother* Famosos, programa que fez com que o público conhecesse melhor a Tânia mulher e a profissional. Em 1995, com 15 anos, deu os primeiros passos na música numa festa da escola e, a partir daí, seguiu caminho musical. Começou a carreira a solo e, em 1998, é convidada para pertencer à dupla Tayti. Foram 14 anos de sucessos até que em 2012 decide deixar o projeto e fazer uma pausa na música.

O CONTRAPONTO (C) viajou até ao Algarve para conhecer a vida e a carreira da Tânia.

C: Olho para ti, fruto do que vi no *Big Brother*, e vejo uma pessoa tranquila e ponderada. Sempre foste assim ou a vida fez com que te tornasses assim?

TÂNIA (T): Não sou uma pessoa calma nem ponderada. (Risos) Tenho é uma pessoa ao meu lado que me ajuda a ser assim, porque eu sempre fui muito energética. Antes de vocês chegarem, estava aqui a minha cara-metade e estava a dizer que eu às vezes estou a pensar numa coisa, depois estou a pensar noutra e depois já vou ali e, entretanto, vou a outro lado... As pessoas têm de me acompanhar neste meu raciocínio e nem sempre é fácil. Sou muito ponderada quando tento passar um pouco da imagem que eu quero que as pessoas percebam quem é a Tânia, porque se verdadeiramente começasse aqui a falar contigo iria haver coisas que tu não conseguirias apanhar. (Risos) Portanto, tento ser uma pessoa mais ponderada sim quando estou numa conversa, porque quero que as pessoas percebam a pessoa que eu sou, mas nem sempre sou assim.

C: Como é que foi a infância em Alenquer?

T: Muito feliz! Entre Alenquer e Ota, fui mesmo muito feliz. Quando fui para a escola preparatória de Alenquer passava muito tempo com o meu pai, porque ele tinha uma loja de sapatos onde os vendia e consertava. Todos os dias almoçava com ele. Portanto, a minha vida foi vivida muito entre Alenquer e Ota, porque em Ota tínhamos a nossa em casa e em Alenquer tínhamos a sapataria e era onde estudava. Foi uma infância muito tranquila e feliz!

C: Houve momentos difíceis?

T: O único momento mais difícil que tive e estou a lembrar-me agora por me perguntares, foi quando perdi a minha avó paterna. Era a única avó que tinha viva na altura, chamava-se Regina, e era uma avó que tinha um amor incondicional por mim... era uma amor de avó. Foi uma perda muito grande e a fase mais triste da minha vida até aos meus 32 anos.

> **“Achei logo que não seria muito boa ideia cantar à frente de tanta gente...”**

C: Começas a cantar na Escola Preparatória de Alenquer, por causa de um desafio que te lançaram. Como é que foi?

T: Então, em 1995, tinha eu 15 anos, a minha professora de francês achou que seria interessante cantar uma canção em francês na festa da escola, já que eu não era muito boa aluna e assim poderia subir a nota. Achei logo que não seria muito boa ideia cantar à frente de tanta gente... meu Deus, eu nunca tinha cantado em público, era sempre em casa e à frente do espelho com uma colher da sopa (risos). Entretanto, ela conseguiu convencer-me. A minha professora de música também me ajudou e a coisa aconteceu. Cantei, na tal festa em dezembro o *“La Vie En Rose”* da Edith Piaf. Estava muito frio, portanto, as minhas roupas eram quentes e eu suava muito. Por momentos, pensei que os meus colegas não iam gostar e que tudo ia ser horrível, mas no fim fui aplaudida por todos. Acabou por ser um dia muito feliz!

C: É aqui que percebes que a música fazia parte de ti?

T: Eu já sabia que a música fazia parte de mim. Só que os meus pais diziam-me sempre “não é vida para ti”, “tu não podes seguir essa carreira, porque isso não é um trabalho”... estavam sempre a meter-me isso na cabeça. Porque eu já cantava... o meu pai aos fins de semana tinha de ir à Benedita buscar sapatos para a loja e eu muitas vezes ia no carro com ele a cantar as músicas do Carlos Paião e não só. Sentia que aquilo estava feito para mim e quando contei ao meu pai o que aconteceu, ele diz-me “bom, ok, então vamos ter de mudar o rumo da tua

vida". Foi aí que as pessoas me começaram a ajudar para ir ter uma entrevista à Rádio Voz Alenquer e a ser reconhecida na zona. Daí até gravar um CD foi um pulinho!

C: Na altura aceitaste bem a posição dos teus pais relativamente à música?

T: Era por causa disso que não fazia mais nada. Ou seja, se esta professora não tivesse insistido para eu cantar na escola, às tantas não tinha percebido que essa era a minha vocação. Porque acreditava muito naquilo que os meus pais me diziam e se eles diziam que não era uma profissão é porque não era para ser e tinha de ser feliz noutra coisa qualquer. Só que depois quando canto na escola e percebo a ovação que tive dos meus colegas - que foi muito bom - depois vou à Rádio Voz Alenquer fazer uma entrevista e os ouvintes gostaram, pensei "não, agora não há ninguém que me pare, nem os meus pais, porque isto vai acontecer e eu vou fazer de tudo para que aconteça".

C: Entretanto, no meio disso tudo, há um Sr. Elisiário Pereira. Quem foi este homem e que papel teve na tua vida?

T: Ele também teve um papel muito importante, porque foi a ele que eu pedi com 16 anos, numa festa da Rádio Voz Alenquer onde estava a cantar umas músicas da Ágata, dinheiro para gravar um CD. Já tínhamos estado juntos em algumas festas, portanto ele já me conhecia e durante o jantar disse-me "tu cantas muito bem, gosto muito de te ouvir nestas festas" e eu disse-lhe "olhe, o que você podia fazer era emprestar-me dinheiro para eu gravar um CD". Ele disse que sim. (Risos) Cheguei a casa e pensei "vou levar porrada dos meus pais, só pode". Não aconteceu, mas a minha mãe ficou perplexa e disse "ai o que é que tu foste fazer, foste pedir dinheiro a um senhor e como é que nós vamos pagar tanto dinheiro para tu gravares um CD" (na altura gravar um disco era mesmo muito caro). E, entretanto, eu disse "não tenhas problemas que eu gravo o disco e vou consegui ter concertos para o pagar". Gravei o CD e passado um ano consegui pagar o valor que me emprestou na totalidade, mas ele ofereceu-me metade. E a minha vida desde então tem sido na música.

C: Foi tudo muito rápido.

T: Sim, foi tudo mesmo muito rápido. Em 1996 gravo o CD, 1997 lancei-o, de 1997 para 1998 faço os meus primeiros concertos e, entretanto, encontram-me e convidam-me para fazer um *casting* para a dupla Tayti e entro na dupla. Foi tudo assim... umas coisas a seguir às outras. Tudo muito rápido.

Tanya na infância. Fotografia: Tânia Lima

C: Às vezes se não arriscarmos a nossa vida não anda para a frente. Se com 16 anos não tivesses tido a coragem de pedir dinheiro a esse senhor, às tantas não tinhas tido a carreira que tens. Achas que se não tivesses arriscado, a tua vida seria diferente?

T: Sim, claro! Sou uma pessoa muito convicta nas coisas que quero e naquilo que quero alcançar. E, para mim, naquele momento eu só via uma meta: gravar um trabalho discográfico. Se os meus pais não tinham dinheiro para o fazer, tinha de procurar noutro sítio. E o Sr. Elisiário podia ter dito que não, porque o dinheiro era dele. Mas na altura pensei: "não, eu vou arriscar. Porque se lhe perguntar, posso ter um sim e também posso ter um não. Mas pelo menos sei que lhe perguntei". E ali foi o momento decisivo da minha vida, é óbvio! Luto sempre muito pelas coisas e quando não tenho algo pergunto "e porque é que não tenho?" e "porque é que não consigo?". Tenho de ouvir o não para saber que não o vou conseguir, mas mesmo assim tento até ao fim conseguir um sim.

> **"Luto sempre muito pelas coisas e quando não tenho algo pergunto 'e porque é que não tenho?' e 'porque é que não consigo?'. Tenho de ouvir o não para saber que não o vou conseguir, mas mesmo assim tento até ao fim conseguir um sim."**

C: Falaste no projeto Tayti. Como é que aconteceu?

T: Andava a fazer as primeiras partes dos concertos da Romana, porque nós somos muito amigas há muito anos, e, entretanto, há um espetáculo em que o meu ex-produtor vê-me a cantar e faz a ponte para o *casting*. Ligaram-me, fui ao *casting* e sou escolhida. A partir do momento que sou escolhida, foram-me apresentadas as condições e o que era o projeto, mas eu já não estava a ver as condições. Só via o meu sonho a ser realizado, o resto não interessava. Digo isto muitas vezes: "cantei muito porque amo cantar, não pelo dinheiro". Porque, para mim, o mais importante era ser feliz. É claro que o dinheiro também ajuda, mas não era nada por aí além. Portanto, entrei numa dupla onde achei que de facto aquele era o meu caminho para poder ser cantora e achava que era uma coisa diferente em Portugal, por ainda não existir nada semelhante. Ter entrado na dupla foi, sem dúvida, formidável. Foram 14 anos onde pisei muitos palcos, viajei muito, conheci muita gente, criei uma bagagem a nível musical muito grande e que agora, estando a solo, me ajuda imenso. Foi extraordinário!

C: Foram 14 anos de sucesso e intensos. Como é que viveste estes anos?

T: Não tinha vida. A minha vida era cantar. Não havia Natal, passagem de ano com a família, aniversários... Foram 14 anos muito intensos, onde os amigos foram deixados um bocadinho de parte, porque depois também não tinha tempo para estar com eles. O facto de andar numa carrinha e não levar o meu carro também não ajudava, porque não podia levar amigos comigo aos concertos. Eles iam lá ter, depois iam embora e não tínhamos tempo nem espaço para estarmos juntos. Perdi algumas pessoas, mas tive outras que não perdi e continuam cá. Ligo para eles e sei que estão presentes. Não estou com eles às vezes seis meses, mas quando ligo é só dizer assim "o que é que precisas?" ou "quando é que vamos estar juntos?". Não há um cobrar. Perdi alguns amigos pelo meio, outros ainda continuam porque sabem que a Tânia é omnipresente... mais ou menos (risos).

C: Que mudanças aconteceram na tua vida durante este tempo?

T: Tantas... Tive a mudança da minha orientação sexual, de não ter a ajuda de ninguém e de estar a passar uma fase onde estou num palco e conheço tanta gente e achar que vou ser uma aberração, porque era uma coisa que não se falava na altura. Estava sozinha, porque comecei a viver sozinha com 18 anos. Passei algumas fases na minha vida sozinha e sem ajuda que foram menos boas, mas que fui conseguindo ultrapassar tentando me entender e procurar aquilo que o meu pai sempre me disse: "Tentar ser feliz. Colocando de parte se os outros concordam ou não, eu tenho é de ser feliz. Não chocando ninguém, porque não vim ao mundo para chocar nem para mostrar que sou diferente de alguém, não tenho de provar nada a ninguém, simplesmente tenho de provar a mim própria que quando morrer tentei ser feliz ao máximo". Portanto, hoje estou feliz. Estou a fazer esta entrevista contigo, porque quero e me está a fazer feliz. A seguir se tiver de ir para casa, vestir o pijama e ver uma novela também vou e estou a ser feliz. Só tento na minha vida ser feliz com as escolhas que faço.

C: Voltando às Tayti, o projeto não terminou da melhor forma. Houve algumas polémicas quando anunciaste a tua saída. Se fosse hoje, terias feito as coisas de forma diferente?

T: Não. Porque dei tudo o que podia dar numa dupla, fiz o que podia fazer e quando saí ainda disse "o que é que precisam de mim?", "quanto tempo é que precisam?" e "até quando é que precisam que esteja em palco?". Ou seja, dei o tempo preciso e necessário para que percebessem que ia embora. Entretanto, quando foi o último concerto e decidiram que aquele era o último, eu saí e fui à minha vida. Até isso respeitei, porque gosto que a minha palavra seja muito importante. Se amanhã te disser que estou aqui, cá estarei. Gostava que o outro também fizesse igual. Cumpri tudo até ao fim e não estou arrependida. Tive de sair na altura que senti que tinha de sair.

GRANDE ENTREVISTA

“

Há um dia em que estou prestes a chegar a Lisboa e quase adormeço ao volante... Pensei: ‘não, não vou morrer na música por causa da dupla.’”

C: É importante percebermos quando já não faz sentido estarmos em determinado projeto. Quando é que percebeste que era o momento de saíres?

T: Quando começo a fazer muitas viagens do Algarve para Lisboa, porque durante dois anos da dupla vivia cá em baixo (no Algarve), e às vezes ligavam por volta das 15h00 a dizer que tinha um programa de televisão às 08h00 do dia a seguir e eu tinha de organizar a minha vida para isso... não é fácil. Tu quando estás a 300 kms de distância a tua vida tem de ser programada de outra forma e a minha vida neste momento é programada à terça-feira para eu saber o que vou ter no fim de semana ou quinze dias antes para que as coisas sejam programadas. Há um dia que estou prestes a chegar a Lisboa e quase adormeço ao volante... pensei: “não, não vou morrer na música por causa da dupla” e percebi que tinha de sair do projeto, porque não faz sentido isto estar a acontecer na minha vida.

C: Porquê música popular portuguesa?

T: Boa pergunta! Gosto de cantar um bocadinho de tudo e quando parei de cantar (entre 2012 e 2017) comecei a fazer eventos de *karaoke,* onde também cantava. Há um dia que estou a cantar em Vilamoura e um senhor, que tem uma editora muito conhecida em Londres, ouve-me cantar Alicia Keys e chama-me à mesa dele. Pensei que quisesse cantar uma música, mas não. Diz-me ele: “olha tu és cantora?”. E eu na altura estava muito triste com a minha vida e então disse-lhe que não cantava e ele disse “olha, tu sabes que tu podias cantar todo o tipo de música e eu podia ajudar-te, porque tenho uma editora em Inglaterra”. Lá está... isto prova que eu posso cantar qualquer tipo e género de música, é verdade, mas a música popular portuguesa sempre foi algo que eu gostei e gosto de cantar. Dá-me vontade de cantar ainda mais em português, porque a minha dicção em português é completamente diferente do inglês. Não quer dizer que eu não saiba cantar bem em inglês, gosto muito de o fazer. Aliás, caso contrário, não tinha tido este convite deste produtor inglês. Sinto que a cantar português sou mais portuguesa e o que é nacional é bom. Sou muito de Portugal. Já tive imensas oportunidades para sair do país e não fui, porque gosto de estar aqui e mostrar o que temos de cultura. Se a música popular portuguesa pode não te cultivar da mesma forma como a música *pop* te cultiva? Acho que tanto um género como outro podem cultivar de formas diferentes e eu quero lutar por uma coisa que eu gosto, que é a música popular portuguesa. Seja o que os jovens se identificam ou não!

C: Ou seja, qualquer dia temos uma surpresa e apareces a cantar Bryan Adams, por exemplo?

T: Porque não? (Risos) E ir ao “A tua cara não me é estranha”? Isso é que era extraordinário!

“

Sinto que a cantar português sou mais portuguesa e o que é nacional, é bom. Sou muito de Portugal. Já tive imensas oportunidades para sair do país e não fui, porque gosto de estar aqui e mostrar o que temos de cultura.”

C: Alguma vez sentiste preconceito por seres cantora de música popular?

T: Claro que sim, tens sempre. Vai haver sempre um estigma, mesmo que as pessoas digam que gostam e que não têm, no fundo ele existe. Porque tu vês as pessoas que vão ao teu concerto e vês as pessoas da televisão que vão ver concertos de alguns cantores e outros não vão. Tu vês esse estigma, consegues ver essa diferença.

“

Nós não controlamos a nossa vida e foi um amor que não controlei.”

C: Durante o período que fizeste parte do projeto Tayti, vives uma relação complicada. Como é que a explicas?

T: Não se explica. Simplesmente vi-me dentro de uma relação onde não consegui sair. Quando falava com os meus amigos dizia “nunca vou ter uma relação abusiva”, “ai de alguém que me levante a mão ou a voz, ou me dê uma chapada... eu saio logo”. Nós não podemos mandar para o universo coisas que achamos que controlamos. Nós não controlamos a nossa vida e foi um amor que não controlei. Foi alguém por quem estive muito apaixonada. Entretanto, quando me encontrei cá em baixo, no Algarve, e comecei a viver aqui, foi quando as coisas começaram a correr menos bem e não foi fácil. Para sair ainda levei 5 anos, porque nós deixamos e voltamos... quando amamos alguém achamos que o erro é nosso. Passei pela fase de achar que o erro era meu, depois achava que a pessoa mudava, depois veio a fase de pensar que estava a ser mesmo muito mau e não tinha ninguém que me ajudasse e, por fim, pensei: “não, a minha felicidade não está aqui e vou ter de deixar esta pessoa, porque esta pessoa vai ter de ser feliz com outra e eu vou ter de encontrar a minha felicidade de outra forma. Não estou a ser feliz quando alguém me está a fazer o que está a fazer comigo.”

C: Tu estavas em Lisboa e vens para o Algarve por causa desta relação. É aqui que começas a perder o teu espaço. Quando é que percebesse isto?

T: Começo a perceber muito rápido, porque quando cheguei ao Algarve o meu telemóvel começou a ser controlado, saio de uma aula ou do ginásio e já me estão a ligar para saber a que horas vou para casa, portanto, comecei a perceber algumas coisas. Mas atenção que isto foi aos poucos, fui sendo levada para isto de uma forma muito normal... que eu achava que era normal, porque nunca tinha tido uma relação assim. Aliás, nas minhas anteriores relações às vezes estava uma, duas ou três, ou quatro horas sem dizer nada e não havia qualquer tipo de problema, porque ou estava a trabalhar ou estava numa entrevista... e estava tudo bem. Comecei a ver que afinal o caminho não era por aí. A pessoa se calhar não tinha muita confiança em mim, nunca dei razões para desconfiar, mas a desconfiança existia nessa pessoa.

“

Quando cheguei ao Algarve o meu telemóvel começou a ser controlado.”

C: Ficaste num sítio muito escuro?

T: Muito mesmo.

C: A certa altura pedes ajuda aos teus pais, como é que foi?

T: Isso aconteceu porque é assim... tu quando estás numa relação tóxica como eu estive, nós tanto tínhamos uma semana que estávamos bem, como na outra semana estávamos mal e depois eu deixava e fugia, procurava ajuda que não encontrava porque, é um bocadinho triste quando se passa por uma situação destas, e eu não queria dar a entender a ninguém que estava a passar por isso. Entretanto, encontro uma pessoa no ginásio onde eu dava aulas e vê-me num dia em que eu estava muito triste e pergunta-me o que é que eu tinha. Tomava sempre banho no ginásio e deixei de o fazer para começar a falar com essa pessoa que me começa a dar forças para eu sair desta relação, que me estava a fazer mal. Quando isso acontece, pensei “ok, a única forma que eu tenho de sair desta relação tóxica é fugir um dia que exista algo menos bom e ir para a casa dos meus pais e contar-lhes, porque aí vou ter forças para sair”. Porque eu própria não tinha forças, saía e voltava a entrar, porque a pessoa pedia desculpas ou dizia outras coisas que me conseguia ludibriar com o maior amor do mundo que existia. Há um dia em que me ponho dentro do carro e fujo para Lisboa. Quando chego a casa dos meus pais para contar, pensei “agora é que eu vou deixar” e foi isso que fez com que conseguisse ter forças e “vergonha” dentro de mim para deixar aquela relação. O meu pai, de facto, não aprovou, como é lógico, e sempre foi contra a violência doméstica. A minha mãe também ficou incrédula, porque não conseguia ver a cara da pessoa com aquilo que se estava a passar e o que lhes contei. E, entretanto, isso deu-me forças para sair. É claro que a pessoa voltou a ligar e tentou que voltasse para casa e ainda voltei, mas só na base da amizade. Mas depois percebi que mesmo com a amizade as coisas estavam impossíveis e e tive mesmo de sair de casa.

“

Eu saía e voltava a entrar, porque a pessoa pedia desculpas ou dizia outras coisas que me conseguia ludribriar com o maior amor do

GRANDE ENTREVISTA

A entrevista decorreu no estúdio de fitness de Tânia, em Lagos, no Algarve. Fotografia: Andresa Gonçalves

mundo que existia."

C: Quando é que sais definitivamente de casa?

T: Passado umas semanas de ter contado aos meus pais, saí de casa com a roupa que tinha no corpo e depois fui tendo as minhas coisas da forma que a pessoa ia querendo. Ou seja, só tive acesso à minha roupa quando a pessoa queria dar-me a roupa e só tive acesso às minhas coisas, que tinha dentro de uma garagem em Lisboa, quando a pessoa entendeu. A pessoa é que foi mandando na forma que queria que eu tivesse as minhas coisas. Acabei a relação em junho e só tive acesso a tudo o que era meu em novembro. E perdi coisas nos entretantos... tu quando amas e quando estás com uma pessoa assim, achas que isso não te vai acontecer e passar por isto fez-me pensar que nós não podemos criticar o outro ou quem esteja a passar por uma situação semelhante, temos é que compreender e ouvir a pessoa. Para mim, a chave para eu conseguir sair disto, foi ter alguém que conseguiu ver que eu não estava bem, ouvir-me, não me apontar o dedo, não dizer "tens de sair", simplesmente ouviu. Houve um dia que perguntei "achas que isto é saudável?" e a pessoa disse-me "não, mas eu nunca te vou responder a nada nem nunca te vou dizer para tu saíres porque a resposta está em ti, tu é que tens de procurar essa resposta". Nós para sairmos de uma situação destas temos de ser nós a ter essa força, porque não é alguém de fora que nos vai ajudar. Nós conseguimos sempre voltar, sabes? São coisas que não explicamos e eu voltei muitas vezes em cinco anos. Esta pessoa teve um papel muito importante.

> **"Acabei a relação em junho e só tive acesso a tudo o que era meu em novembro."**

C: Às vezes só precisamos de ser ouvidos...

T: Exatamente.

C: Certamente não eras a mulher que és hoje.

T: Não, de todo.

C: Deixaste-te levar por tudo o que aconteceu?

T: Mais ou menos... Deixei-me levar ao ponto de deixar de gostar de mim, de não confiar em mais ninguém, que a vida era mesmo aquilo e de pensar que, se calhar, só se terminasse com a minha vida é que aquilo ia terminar, porque depois eu achava que a pessoa ia estar sempre nas minhas costas mesmo que eu a deixasse... isto passou-me tudo pela cabeça. Há um momento na minha vida, quando deixo esta relação, passado dois meses, que aparece uma pessoa na minha vida que me começa a mostrar que a vida tem outro lado (que eu já tinha tido, mas achava que já não existia) e que afinal podemos ser felizes e encontrar a pessoa certa.

> **"Deixei-me levar ao ponto de deixar de gostar de mim, de não confiar em mais ninguém (...) só se terminasse com a minha vida é que aquilo ia terminar."**

C: Voltando à música, tu estiveste muito tempo afastada da música...

T: 5 anos. É muito tempo!

C: Quando é que percebes que estava na altura de voltares à música?

T: Tudo isto que te contei até agora, aconteceram umas coisas a seguir às outras e, nos entretantos da minha vida, deixo uma relação tóxica para ter uma relação saudável e tenho o meu pai mal de saúde. Passo a ir quase todos os fins de semana a Lisboa para o ajudar (entre 2012 e 2015). Em 2014 deixo a tal relação tóxica e no fim do mesmo ano entro numa relação saudável e começo a ajudar o meu pai, a ir ao hospital vê-lo e a tentar fazer tudo o que estava ao meu alcance para o ajudar. A relação que comecei fortalece-me ainda mais e o meu pai aceita a pessoa com quem estou. Ele acaba por falecer e passado um ano e meio (no final de 2016), viro-me para a minha cara-metade e digo-lhe "o que é que achas de eu voltar a cantar?". Porque no funeral do meu pai é falado porque é que eu não voltava a cantar, porque o meu pai adorava que isso acontecesse. Senti que tinha a pessoa certa ao meu lado para voltar a cantar. Tu para voltares a cantar, precisas de ter as pessoas certas ao teu lado, principalmente a tua cara-metade tem de ser a pessoa certa, porque tem de aceitar e perceber. Esta vida não é uma vida fácil, toda a gente pensa que isto é um mar de rosas e não é. Entretanto ela diz-me assim "se tu achas que sim, porque não tentares?". Isto deu-me a força que eu precisava. Comecei a ir ter com as pessoas certas e a fazer as coisas aos poucos sempre com a ajuda dela nas coisas que eram necessárias. De certa forma, foi ela que me começou a ajudar e a dar forças para que eu voltasse a cantar. Ainda tive algumas coisas menos boas, nomeadamente, telefonemas a dizer que eu não havia de voltar a cantar e que as coisas não iam correr bem. Entretanto, a minha cara-metade diz-me "não são os outros que vão dizer que vais deixar de cantar, és tu que vais dizer quando queres parar de cantar". Isto dá-me ainda mais forças para continuar e pronto... desde essa altura que sinto que estar com ela é muito importante, porque me dá uma força extraordinária para ter a carrei-

GRANDE ENTREVISTA

ra que tenho, para me ajudar quando vou em trabalho e estar lá para auxiliar na parte de *road manager*. Neste momento, sinto-me com força para continuar na música e ter aquilo que tenho neste momento, porque tenho alguém atrás de mim como ela que me ajuda. E não só, também tenho a País Real (editora) onde entrei em 2019 e, nessa altura, só me disseram "o que é que precisas?". O Paquito, a Ana e a Carla são as pessoas que me ajudam e apoiam em tudo o que faço e quando faço alguma coisa também lhes pergunto a opinião. Tenho uma equipa extraordinária.

Tanya no seu estúdio de *fitness*. Fotografia: Tânia Lima

"Esta vida não é uma vida fácil, toda a gente pensa que isto é um mar de rosas, e não é."

C: Isso é tão bonito!

T: É mesmo...

C: Quando é que a tua cara-metade aparece na tua vida?

T: No final de 2014, passado dois meses de ter saído da relação tóxica, achava que ia embora do Algarve e ia voltar para Lisboa, e afinal não! (Risos) A vida puxou-me para Lagos e começou a mostrar-me que Lagos era uma cidade extraordinária e aqui senti-me, de certa forma, protegida. Gosto muito de viver aqui!

"A vida puxou-me para Lagos e começou a mostrar-me que Lagos era uma cidade extraorinária e aqui senti-me, de certa forma, protegida. Gosto muito de viver aqui."

C: Sentes que reaprendeste a amar?

T: Sim, claro! É essa pessoa que me ajuda a reaprender a amar e perceber que brincadeiras existem sem haver nada de mal a acontecer, sem haver uma discussão... Que podemos discutir e olhar para os outros e dizer se aquela pessoa é bonita ou não, sem haver uma discussão.

C: Ser saudável!

T: Exato, ser saudável! Eram coisas que não aconteciam na outra relação. Agora tenho uma relação muito saudável e a pessoa com quem estou, a Isa, é, de facto, extraordinária. Ela ajuda-me muito.

C: Como é que a tua cara-metade... podemos dizer o nome?

T: Sim, claro!

C: Como é que a Isa, que está do outro lado e te encontra bastante frágil, lida com tudo isto?

T: Não foi fácil, porque nós de certa forma nem namoramos. No início da nossa relação, ainda estava a tentar discutir quando é que iria ter as minhas coisas... foi difícil! Aliás, pensei que se não fosse nessa altura que ela se iria embora, então vai ficar para o resto da minha vida. (Risos) Ela conseguiu lidar com isso, ter estômago para lidar com uma situação que não foi fácil, porque ainda houve mesmo muita negociação para ter as minhas coisas. Senti que aos poucos ela ia compreendendo que eu estava, de facto, numa situação muito delicada. Ela tentou mostrar-me o melhor lado dela e a pessoa que é... qualquer pessoa se "apaixona" por ela, porque é um ser humano extraordinário. Gosto de mostrar quem ela é, porque foi essa pessoa que fez com que a Tânia que se encontrava num sítio escuro viesse outra vez à tona e voltasse a viver como antes. E isso fez-me muito bem!

"Agora tenho uma relação muito saudável e a pessoa com quem estou, a Isa, é, de facto, extraordinária. Ela ajuda-me muito."

C: Continuam juntas, felizes e casaram. Como é que foi o casamento?

T: Casei com ela porque queria que o meu pai fosse ao casamento. O meu pai morre a 29 de agosto de 2015 e o casamento foi a 18 de setembro... Tive um casamento agridoce, porque não tinha o meu pai comigo e fomos só nós as duas e cinco pessoas (testemunhas e padrinhos). Foi um casamento onde estava muito feliz porque estava a casar com a mulher da minha vida, mas ao mesmo tempo senti que aquilo que eu queria, que era o meu pai presente, não aconteceu.

"Tive um casamento agridoce, porque não tinha o meu pai comigo."

C: Falas muito do teu pai, és menina do papá?

T: Sou. (Risos)

C: Qual foi o melhor conselho que o teu pai te deu?

T: Ser feliz naquilo que faço, porque se nós trabalharmos em algo que não sentimos que é trabalho e que nos transmite felicidade, é muito melhor. Faço duas coisas na minha vida que amo: cantar e ser professora de *fitness*. Nem que trabalhe 12 horas por dia, adoro o que faço e sou feliz!

"Faço duas coisas na minha vida que amo: cantar e ser professora de *fitness*."

C: E nota-se a tua felicidade. (Risos) Como é que o *fitness* aparece na tua vida?

T: Começo a ter muitos concertos com a dupla Tayti e percebo que preciso de fazer exercício físico. Já gostava muito da prática de exercício, atenção... (risos) mas, entretanto, ao fazer exercício físico, senti que queria fazer um bocadinho mais e que gostava daquilo. Começo a fazer aulas de *body pump* e *body combat* e há um dia que pergunto a um professor se era possível tirar alguma formação na área do *fitness*. E ele diz-me que sim! A partir daí, dá-me o contacto de uma empresa que trabalha muito com *fitness* em Portugal, a *Manz*, e começo a tirar cursos de *fitness*: *body pump*, *body combat*, RPM (ciclismo *indoor*)... Começo a sentir que tenho de ter mais formação para além disso e então tiro uma formação intensiva do IFE (para aprender a ser instrutora de *fitness*, anatomia, fisiologia...). Daí em diante, durante dez anos, tirei imensos cursos: pilates, ioga, *cycling*, flexibilidade... porque senti que tinha de saber um pouco mais. Imagina o que é chegar um aluno ao pé de ti, depois de acabar uma aula de *body combat*, e dizer "tenho um problema aqui no joelho e preciso de saber o que tenho". Tu podes não saber porque não és médico, mas podes ajudar com o tipo de exercícios que a pessoa pode fazer. Estou sempre em formação! Começo, então, por dar aulas num ginásio e depois abri o meu estúdio em 2020, em plena pandemia.

C: Tu trabalhas em dois mundos onde é preciso estar presente de forma física. Como é que viveste a fase da pandemia?

T: Comecei a dar aulas *online*, porque os meus clientes sabiam que eu precisava de ganhar dinheiro. Nesta fase eu e a Isa investimos em duas casas de alojamento local e ficamos a zeros, porque ficou tudo parado. Portanto, precisava mesmo de dar aulas para poder comer e viver. Tive clientes extraordinários, inclusive um senhor que me perguntou se eu precisava de dinheiro e se me podia ajudar de alguma forma, diz ele "eu sei que tu estás a passar por dificuldades". Disse que não, porque a Isa não aceita dinheiro de ninguém, mas que se desse as aulas *online* já era uma ótima ajuda que me davam. Tive clientes que se mantiveram comigo e consegui crescer. Neste momento só trabalho por referência, ou seja, as pessoas vêm ter comigo por sugestão de outros, e a maior parte do tempo só falo inglês porque tenho muitos alunos estrangeiros.

GRANDE ENTREVISTA

C: Como é que geres os dois mundos?

T: De segunda a sexta dou aulas e aos fins de semana dou concertos. É uma vida muito corrida, mas bonita!

> **“É uma vida muito corrida, mas bonita.”**

C: És feliz?

T: Sou muito feliz! (risos)

C: (Risos) Então é o mais importante! Vamos puxar a fita do tempo atrás. Quando é que percebes que gostas de mulheres?

T: Em 2003. Tinha 23 anos! Foi horrível... até então tinha tido namorados e estava tudo bem. Quando me apercebo que estou com uma mulher e que aquilo é a minha vida e afinal estou a ser feliz, tive de esconder porque podia ser uma aberração. É horrível, porque não tens meios de comunicação a falar da situação e quem falava na altura era sempre de uma forma depreciativa. E eu achava que era uma aberração. O medo existia, porque tinha receio que me apontassem o dedo por ser diferente. Era algo que não se falava e, mais uma vez, não pedi ajuda a ninguém. Tive de tentar superar que não era uma aberração, que aquilo é que era a minha felicidade, mas tinha de a viver entre quatro paredes. Vivi assim durante dez anos. Tinha medo que a minha família não aprovasse e passei novamente pelo processo de voltar a gostar de mim. Tinha 23 anos, era uma moça pequena, e não tinha ninguém ao meu lado que me ajudasse. Agarrei-me aos meus amigos *gays* que me mostraram que podia ser feliz e normal. Foi com eles que superei esta fase da minha vida.

C: Mas dez anos é muito tempo...

T: É.

C: É muito tempo a viveres fechada.

T: Pois é... mas vivi.

C: A tua família não sabia e, pelo que sei, é um pilar importante na tua vida.

T: É sim! Foi difícil, muito difícil. Tive a ajuda dos amigos. Passávamos fins de semana incríveis, a beber e a conversar, muitas vezes sobre o assunto. Eram quase fins de semana de terapia, sabes? Aquilo para mim era mesmo terapêutico. Dez anos de facto é muito tempo, mas depois senti que era uma coisa normal para mim e tinha de assumir de uma forma natural. Não contei a ninguém, simplesmente começaram a aperceber-se. Na altura a única situação menos boa que aconteceu foi quando a minha colega da música se apercebeu e colocou algumas questões. À minha mãe fiz questão de contar e a reação foi logo “ai o que é que as pessoas vão pensar”, portanto não foi a melhor ajuda. Ao meu pai não contei logo, porque ela não quis que eu contasse, porque ele não iria aceitar.

> **“Vivi assim durante dez anos. Tinha medo que a minha família não aprovasse e passei novamente pelo processo de voltar a gostar de mim. ”**

C: Mas quando é que percebeste que estava na altura de conversares com os teus pais?

T: Quando, interiormente, sinto que a aprovação dos outros não me vai mudar, porque é aquilo que eu quero para a minha vida. Quando já estava certa da minha escolha (atenção que não é uma escolha, porque tu não escolhes, é algo que acontece na tua vida sem tu te aperceberes), fortaleci-me para que qualquer coisa que fosse dita de forma depreciativa, não me incomodar.

C: E o teu pai? Quando é que conversaste com ele?

T: Decidi contar-lhe num dia que me chateio com a minha mãe, e ele ficou estupefacto. Contei-lhe, meti-me dentro do carro e fugi. Esperei que ele me ligasse e passado dois dias o telefone toca. Ele só me disse que me amava e que a minha orientação sexual não iria fazer com que ele me amasse menos ou mais, nada iria mudar. De facto, foi a pessoa que aceitou melhor a minha decisão, sem saber ler nem escrever.

C: A partir daí fica tudo bem?

T: Sim!

C: E o teu irmão?

T: Não tem opinião. Mas está tudo na boa! Ele fala pouco...

Tanya no estúdio do *Big Brother Famosos* durante a sua participação no *reality show.* Fotografia: TVI

... também nunca se falou do assunto. Ele aceita e respeita, é o mais importante. As minhas sobrinhas sabem e falam das tias. E está tudo bem!

C: Há um ano entraste no *Big Brother Famosos*. Aceitaste logo o convite?

T: Não. (Risos) A Ana liga-me e diz-me assim “tenho um convite para te fazer, estás com a Isa?” e eu disse “estou” e diz ela “estão sentadas?”. E eu pensei logo: “pronto o que é que aí vem?”. E ela começou a contar que fui convidada para entrar no *Big Brother* Famosos. A minha resposta foi logo “não” e ela disse para eu pensar e conversar com a Isa. O meu maior receio era que falassem da minha vida e da minha orientação sexual, daí ter dito logo que não. Quando falei com a Isa ela diz-me que me apoia e aceita tudo o que eu queira fazer, desde que não mentisse que estava com uma mulher e isso eu nunca fiz. Simplesmente sempre falei da minha cara-metade sem divulgar quem era, porque sabia que se o fizesse as revistas iriam fazer de tudo para a descobrir e expor, e ela não iria gostar. Então decidimos que eu iria entrar sem ter como foco a minha vida pessoal, mas sim a música porque isso sim era o que mais me interessava: projetar a minha carreira. Nunca quis que a minha orientação sexual fosse um foco. Neste momento está a tornar-se, porque falo de algo que há muita gente no meio artístico que não fala, nem apresenta a cara-metade, por ser do mesmo sexo. Sinceramente, acho que até faço bem falar porque, para aquelas pessoas que sentem vergonha ou acham que podem ser uma aberração, podem ver em mim um exemplo.

> **“O meu maior receio era que falassem da minha vida e da minha orientação sexual, daí ter dito logo que não.”**

C: Só na última semana é que uma revista expõe a tua vida pessoal. Como é que viveste isso?

T: Já estava à espera, porque sabia que quando se entra para um programa daqueles, mais tarde ou mais cedo, descobrem tudo. Mas achei que tivessem descoberto vindo a Lagos ou perguntando a alguém da minha família e não a partir de alguém que partilhou a vida comigo durante 14 anos na música. Isso deixou-me triste.

C: Doeu?

T: Sim, porque acho que ela não tinha de vir a público falar de algo que era tão íntimo. Se alguém tinha de falar era a minha cara-metade, a Isa, ou alguém da minha família que, eventualmente, perguntasse. Acho que não fez sentido.

C: A experiência no *Big Brother* foi boa?

T: Foi ótima. Só houve uma coisa que não correu bem... parti um pé lá dentro. (Risos) À parte disso, foi uma experiência social incrível! As pessoas gostaram e gostam de mim. Tenho ainda mais concertos, pessoas a mandar mensagens, a virem ter comigo na rua para

GRANDE ENTREVISTA

elogiar o meu trabalho e a mandar beijinhos para a Isa. Isto é extraordinário e deixa-me muito feliz.

C: Na última entrevista que deste, falaste de um episódio menos feliz da tua infância. Tu foste abusada com seis anos por um homem mais velho. Quando é que te apercebeste que isso estava a acontecer?

T: Nunca te apercebes. É uma situação que começa a acontecer e eu não entendi o que era, porque era pequena. Achei que não era uma coisa normal. Senti-me mal e queria contar aos meus pais, mas, entretanto, não contei porque a pessoa em questão pediu para não contar. Senti-me super mal. Sabia que aquilo não era normal, mas não sabia o que era.

> “É uma situação que começa a acontecer e eu não entendi o que era, porque era pequena.”

C: Como é que sais disso?

T: Comecei a afastar-me e a ameaçar contar aos meus pais. Foi o que fiz, contei-lhes.

C: Alguma vez sentiste necessidade de confrontar esse homem?

T: Não. Porque, entretanto, ele morreu. Ficou confrontado da melhor forma. Mesmo que ele tivesse vivido mais anos e eu o tivesse confrontado, o que é que isso iria mudar na minha vida? Percebes? Já tinha acontecido, a única coisa que eu queria era que ele nunca o tivesse feito. Era mais fácil se ele não tivesse feito.

C: Como é que vives com isso e de que forma trabalhaste este trauma?

T: Fazendo terapia. Para falar disto, como estou agora a falar contigo, tive de fazer terapia. Foi o melhor que fiz. Achava que tinha culpa e só quando, em terapia, me disseram que não tinha, é que percebi que a culpa não foi minha.

C: Ainda tens mágoas ou já está tudo arrumado?

T: Não, tratei das minhas mágoas em terapia. E as mágoas quando se tem são nossas, não são dos outros. E nós não temos de as oferecer a ninguém. Foi um processo longo e consegui tratar. Parei e acho que tenho de voltar, porque tu tens sempre algo a aprender e a melhorar em ti.

C: É bom fazer terapia, não tem de ser vista como uma coisa má.

T: Claro que não. Mas na altura, entre 2005 e 2007, falava-se muito mal da terapia. Quando a Isa aparece na vida começa a falar-me da terapia e do bem que lhe tinha feito. Foi aí que comecei a pensar que talvez me fizesse bem.

> “E as mágoas quando se tem são nossas, não são dos outros. E nós não temos de as oferecer a ninguém.”

C: Sonhos profissionais, tens?

T: Claro. Ter outra música que faço tanto sucesso como o “Coração Dividido”.

C: Mas já tens outras músicas com sucesso, como o “Chora Bebé”.

T: Claro, mas sabes que eu quero sempre mais. Não quer dizer que não esteja bem com o que tenho, mas quero mais.

C: E sonhos pessoais?

T: Fora ser mãe, é ter casa em Lisboa que é um projeto a curto prazo.

C: Mas imaginas-te a viver fora do Algarve?

T: Não, gosto mesmo da tranquilidade e estabilidade do Algarve. Tenho o meu espaço, sou referenciada de boca a boca, tenho os meus clientes e não sinto que tenha ninguém atrás de mim a roubar-me os meus clientes. Tu vais para o Porto ou para Lisboa e não tens isso. Tu aqui tens qualidade de vida.

C: Há alguma coisa que queiras fazer na tua vida, que ainda não tenhas feito?

T: Ser mãe.

C: E então?

T: Então tenho de ter tempo, que não tenho. (Risos) Preciso de tempo para ser mãe. Não preciso de todo o tempo do mundo, porque mesmo estando no *fitness* e na música, a criança cresce da mesma forma. Eu sei disso, mas preciso de ter um bocadinho mais de qualidade, de tempo e espaço. Preciso de ter uma casa em Lisboa para a criança ter o espaço dela e, neste momento, não tenho. Ou seja, tenho de construir a minha vida com o melhor para dar a essa criança.

C: Não é um capítulo fechado.

T: Não é, e vai ser aberto. Não é já, mas vai ser!

C: O que dirias à Tânia que cantou naquela festa da escola?

T: Para voltar a fazer igual! (Risos) Ou melhor.

> “As pessoas gostaram e gostam de mim, tenho ainda mais concertos, pessoas a mandar mensagens e a virem ter comigo na rua para elogiar o meu trabalho e a mandar beijinhos para a Isa. Isto é extraordinário e deixa-me muito feliz.”

Tanya durante concerto em Armamar. Fotografia: Miguel Rocha Pinto

PUBLICIDADE

cc.fm
descobre a tua frequência

CULTURA

COMMEDIA À LA CARTE: A divina comédia

Comédia e improviso são o ponto de partida para o novo espetáculo – Divina Commedia – dos Commedia À La Carte.

LEONOR COUTO

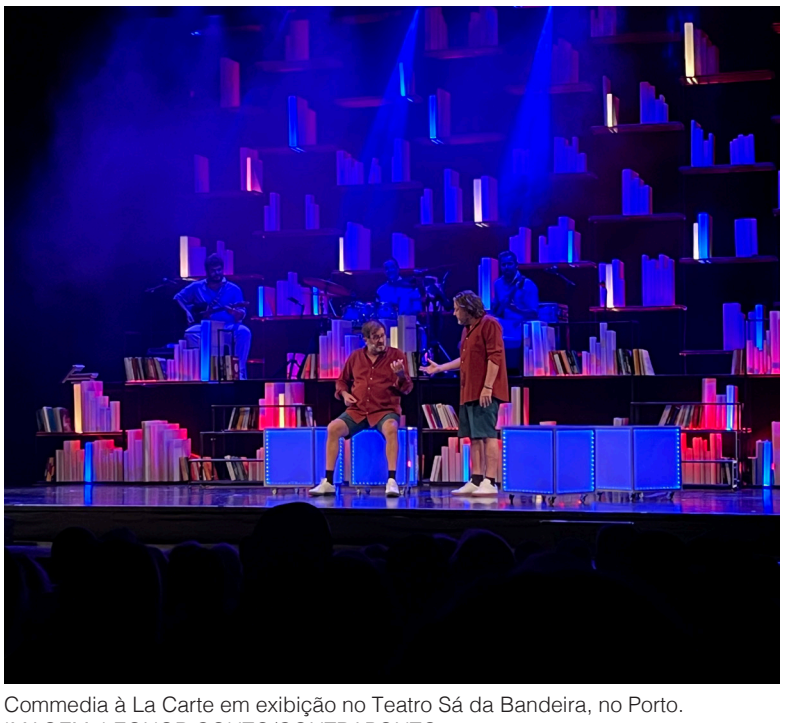
O maior fenómeno de humor e improviso volta a juntar Cesár Mourão, Carlos M. Cunha e Gustavo Miranda, acompanhados pela sua banda de sempre composta pelos músicos Guilherme Marinho (Guitarrista), Jaume Pradas(Baterista) e Nuno Oliveira (Baixista).

Comédia e improviso são o ponto de partida para o novo espetáculo – Divina Commedia – dos Commedia À La Carte.

É, sem dúvida, um espetáculo a não perder. O grupo junta o humor, o improviso e a música num só palco e o resultado é único. O público é uma peça essencial, uma vez que, as histórias contadas partem da plateia. Ao longo da noite, os artistas escolhem pessoas de forma aleatória para fazerem parte da peça. Quer seja através de histórias pessoais ou escolha de palavras aleatórias, o objetivo é que os três protagonistas consigam construir uma narrativa.

É um espetáculo de comédia e improviso muito próximo do público. Não existe barreira entre a plateia e os artistas. O que, feito de forma equilibrada, eleva a experiência a um ponto alto. A certa altura senti que estava numa sala de estar a conviver e a rir.

Foi a primeira vez que assisti a um espetáculo deste grupo e já anseio pelo próximo. Aconselho a todos o que gostem de um bom serão de comédia. Ri até doer barriga. O humor é mesmo um bom remédio!



Commedia à La Carte em exibição no Teatro Sá da Bandeira, no Porto.
IMAGEM: LEONOR COUTO/CONTRAPONTO

A Religião WOKE, de Jean-François Braunstein: uma crença sem perdão

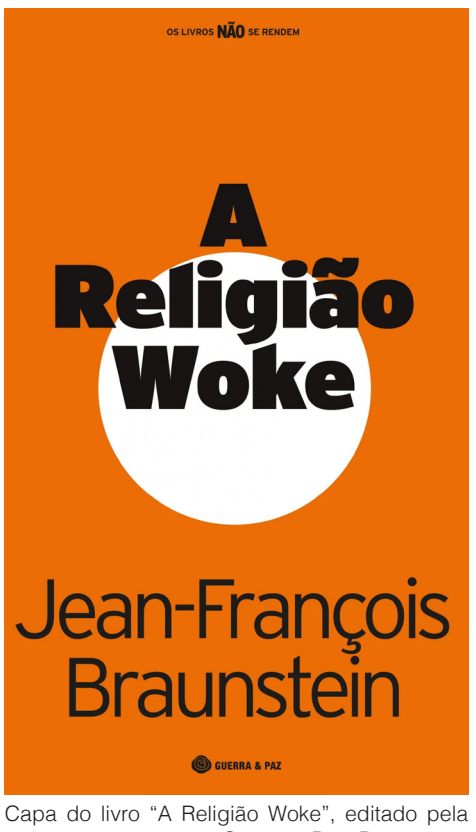
LEONOR COUTO

A Guerra & Paz Editores acrescentou recentemente mais uma obra à sua estante. "A Religião Woke", do especialista francês em epistemologia histórica e metodologia da história das ciências, Jean-François Braunstein, é um ensaio que esclarece a origem, motivação e finalidade do movimento de fratura social e política que está a marcar a agenda mediática dos nossos dias: a cultura woke. Trata-se de um movimento social que busca promover a consciência e ação contra injustiças sociais, tendo como enfoque questões como discriminação racial, sexismo e outras formas de repressão.

Braunstein, apoiado em teses, conferências e ensaios, afirma que, ao contrário do que se pensa, o movimento não é do foro da racionalidade política, mas do foro religioso. Ele é, justifica, "uma religião sem perdão que tem como como objetivo destruir a liberdade em nome da justiça social».

A "religião" woke (eu diria seita ou culto), é uma "religião" sem perdão e esperança. Nasceu nas universidades norte-americanas, domina todo o panorama anglo-saxónico e começa a impor-se noutros países do mundo ocidental. Tem como objetivo criar um "mundo fantástico" onde não existem sexos, mas sim identidades de "género" e destruir a herança greco-latina e o racionalismo iluminista. Para isso recorre à eliminação das ciências humanas e avança rumo às ciências puras, como por exemplo a biologia. O autor refere que a "religião woke" teve o mérito de ressuscitar os conflitos raciais, não com a intenção de os solucionar, mas de os incentivar, levando à antagonização das várias "comunidades" humanas, as quais serão divididas em "opressores" e vítimas". A "igualdade" a favor da "equidade" são ideias rejeitadas, colocando em causa o mundo "cego de cor" preconizado por Martin Luther King.

Há muito para dizer sobre esta obra. "Há pano para mangas", como diz o português. É, sem dúvida, um dos livros que aconselho a leitura atenta e crítica para o ano que se avizinha. É um bom livro para navegar nestes tempos conturbados onde há tanta opinião alheia, mas pouca pesquisa e investigação na construção de um mundo feito de paz, equilíbrio e amor.



Capa do livro "A Religião Woke", editado pela Guerra e Paz. Preço: 16€.

15º aniversário do OBCIBER: o ciberjornalismo em Portugal

Uma discussão sobre a evolução e o futuro do ciberjornalismo em Portugal.

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

O marco do 15º aniversário do Observatório do Ciberjornalismo (OBCIBER) contou com a presença da comunidade académica e profissional do ciberjornalismo em Portugal que se reuniu para celebrar conquistas passadas e discutir o futuro da indústria. O evento, iniciado às 14:30 pela oradora Paula Pinto Costa, diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), constituiu uma reflexão acerca do papel vital do Obciber desde a sua criação em 2007. O professor Fernando Zamith (docente na FLUP e diretor do OBCIBER) exibiu inicialmente dois vídeos envolventes que relataram as sessões de ciberjornalismo realizadas nos últimos 15 anos de história do OBCIBER por meio de imagens dos congressos anteriores e de mensagens de congratulações de figuras internacionais. O relato dos últimos 15 anos revelou a trajetória desde os congressos iniciais no Icbas até os atuais desafios e conquistas. Inicialmente desafiado por Hélder Bastos em 2007, o OBCIBER estabeleceu como pontos essenciais o estudo em ciberjornalismo, a criação de uma biblioteca virtual, um diretório de cibermeios e a organização de conferências e jornadas.

Fernando Zamith sublinhou dois estudos notáveis já realizados, "Clickbait no Ciberjornalismo Português e Brasileiro" (2018) e "Tendências da Investigação Internacional em Ciberjornalismo" (2018). Com uma nova imagem, simbolizando a transição para o futuro, o OBCIBER delineou planos ambiciosos para os próximos anos. Entre 2024 e 2028, pretende realizar três edições do Congresso de Ciberjornalismo, duas edições das Jornadas OBCIBER, além de produzir cinco relatórios sobre a evolução do ciberjornalismo e três monografias/livros/atas.

O congresso contou com reflexões sobre o estado atual do ciberjornalismo em Portugal. Catarina Carvalho, Ruben Martins, Teresa Abecasis e Marta Rodrigues compartilharam as suas experiências, abordando desafios como a transição para formatos audiovisuais e a constante adaptação às preferências do público.

Durante o evento, Catarina Carvalho, uma das pioneiras do ciberjornalismo em Portugal, partilhou as suas reflexões: "Em 1996, fiz a primeira notícia sobre a entrada do Dn. O jornalismo é um verbo transitivo e se não há quem leia, não faz sentido. Ainda temos um grande caminho a fazer, um jornal é um serviço feito de produtos que são consumidos em várias situações. O jornalismo hoje não tem menos qualidade do que anteriormente. Não há meios porque não é um negócio. O que define o sucesso ou insucesso depende do público."

Teresa Abecasis, com experiência na Renascença, Público e CNN, trouxe à tona o desenvolvimento do ciberjornalismo ao longo do tempo sublinhando o constante crescimento das equipas.

A estudante Marta Rodrigues, do Diário do Minho, salientou a importância da adaptação do jornalismo a múltiplos formatos: texto, áudio, infografia realçando a proximidade com os jovens que a plataforma online permite.

O jornalista Ruben Martins, ao abordar os desafios contemporâneos, destacou: "Trabalhamos numa era de serviço, informamos quando estão a ouvir podcasts, quando estão em frente a um ecrã. Quando o público vende, não está a vender um produto, mas sim um serviço.

Antes queriam que a notícia deles estivesse na primeira página; agora lutam para que a notícia esteja nas redes sociais ou em destaque na web. "

As palavras dos profissionais informaram a comunidade académica não apenas relativamente aos desafios enfrentados pelo ciberjornalismo em Portugal, mas também à evolução e à importância contínua desse campo.

> **"Antes queriam que a notícia deles estivesse na primeira página; agora lutam para que a notícia esteja nas redes sociais."**

No final da sessão, a entrega de prémios reconheceu excelência em diversas categorias, destacando a diversidade e inovação no cenário do ciberjornalismo em Portugal. O júri, presidido por João Canavilhas da Universidade da Beira Interior (UBI), premiou o trabalho notável de várias organizações, culminando na premiação máxima de "Excelência Geral em Ciberjornalismo" para o jornal Público, também escolhido pelo público.

O OBCIBER encerra o seu aniversário com um olhar para frente, reafirmando o eu compromisso com a promoção e desenvolvimento contínuo do ciberjornalismo em Portugal.

Congresso decorreu nas instalações da FLUP.
Fotografia: Miguel Rocha Pinto

CULTURA

FILMES DO ANO

Barbie vs. Oppenheimer

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

Na disputa entre estes dois filmes aparentemente díspares, realça-se a popularidade e a estética do filme da Barbie em oposição à profundidade e complexidade de Oppenheimer. São duas vertentes distintas do mundo cinematográfico. A Barbie, um ícone da cultura pop, personifica um universo de fantasia, repleto de alegria, cor e extravagância. O filme apela a um vasto público, incluindo famílias e fãs da boneca conhecida desde 9 de março de 1959 , o que se traduz em milhões de visualizações e num espetáculo visual de grande orçamento. A produção de cenários exuberantes, guarda-roupa deslumbrante e números musicais espetaculares, sem dúvida, envolveu um investimento considerável.

Caso queira um filme com entretenimento leve e alegre, o filme da Barbie pode ser a escolha certa.

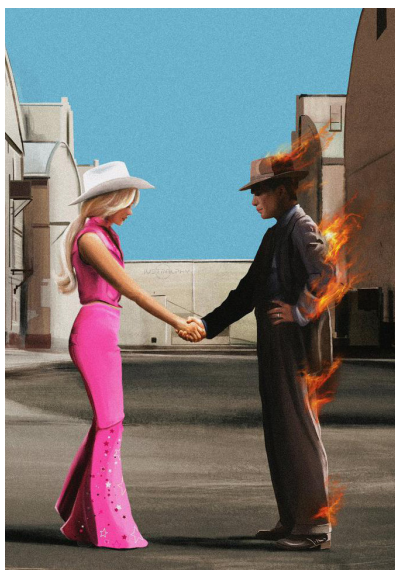


Ilustração Barbie vs. Oppenheimer.
Fonte: @JustRalphyyy/Twitter

Se alguém pretende uma exploração mais profunda das complexidades da condição humana, Oppenheimer pode ser mais satisfatório. Com um foco em questões sociais e políticas, o filme mergulha em tópicos como a patriarquia, o assédio sexual e as crises existenciais, proporcionando uma reflexão profunda para o público que procura um cinema mais intelectual. O filme pode ter priorizado atuações de alta qualidade e um roteiro sólido em vez de investir em produções vistosas, o que poderia resultar num orçamento mais modesto.

Ambos os filmes, cada um à sua maneira, enriquecem a paisagem cinematográfica, mostrando a diversidade de histórias que o cinema pode contar e os diferentes gostos e necessidades que pode atender.

Rock in Rio Lisboa confirma Ivete Sangalo, Scorpions e Ed Sheeran

10ª edição do festival, que vai decorrer no Parque Tejo, contará ainda com a presença de artistas como Doja Cat, Evanescence e Xutos & Pontapés.

ANDRESA GONÇALVES

O Rock in Rio Lisboa regressa com mais uma edição em junho de 2024, altura em que se celebram 20 anos da primeira edição realizada em Portugal.

Nos dias 15, 16, 22 e 23 de junho, e pela primeira vez, o Parque Tejo, novo local escolhido para o festival, vai estar repleto de música.

Com um cartaz para todos os gostos, o primeiro dia terá Scorpions, Evanescence, Extreme e, cumprindo a tradição, os Xutos & Pontapés, que, desta vez, vão realizar um concerto especial com a Orquestra Filarmónica Portuguesa. Assim, o elenco do palco Mundo de dia 15 está já completo.

A 16 de junho, o cabeça de cartaz é o músico britânico Ed Sheeran, conhecido por músicas como "Shape of You" e "Photograph". Fernando Daniel, o brasileiro Jão e Callum Scott completam o cartaz do segundo dia do Rock in Rio Lisboa.

O primeiro dia do segundo fim de semana do festival tem, para já, apenas um nome confirmado. A 22 de junho de 2024, atua uma cantora brasileira que é sinónimo de Rock in Rio, e que esteve presente em todas as edições do festival em Portugal. Trata-se de Ivete Sangalo, que volta a marcar presença no palco Mundo.

No último dia desta edição, atua, no palco Mundo, a artista norte-americana Doja Cat, que se junta a Camila Cabello. Os brasileiros Luísa Sonza e Pedro Sampaio completam o cartaz do festival para o dia 23 de junho.

O preço dos passes conjuntos para os dias 15 e 16 ou 22 e 23 é de 147 euros.

Logótipo RockinRio. Fonte: RockinRio

CULTURA

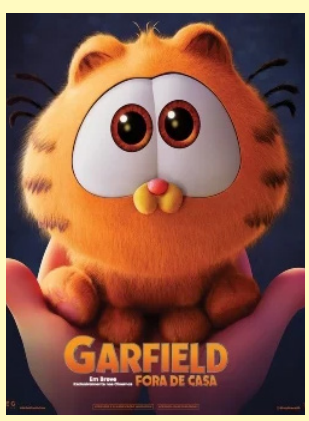
Os filmes mais aguardados de 2024

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

"Divertidamente 2" traz de volta Riley, agora na adolescência, e os seus sentimentos Alegria, Raiva, Medo, Nojo e Tristeza. A grande novidade é a introdução de outros sentimentos, como a Vergonha, Inveja e Tédio.

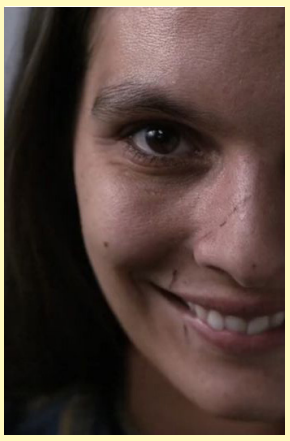
O destaque principal é a adição da personagem Ansiedade, dobrada originalmente pela atriz Maya Hawke, conhecida pelo seu papel em "Stranger Things".

"Avatar: O Último Mestre do Ar", tem gerado grande expectativa entre os fãs, mas também tem suscitado preocupações em relação à fidelidade à fonte original, especialmente após uma adaptação cinematográfica anterior que não foi bem recebida .



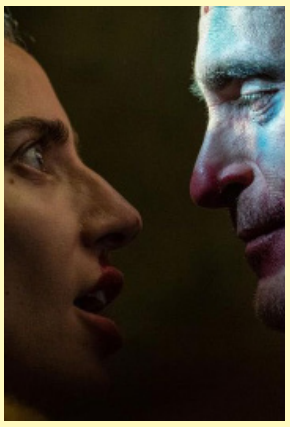
Garfield está de volta às telas com o título **"Garfield: Fora de Casa"**. Nesta aventura, Garfield reencontra o seu pai há muito tempo desaparecido, e ele e Odie, o cão, são forçados a abandonar as suas vidas tranquilas em casa para se unirem a ele num perigoso assalto.

Depois de participar em vários filmes que juntavam atores com versões em animação gráfica, **"Deadpool 3"**, a grande aposta da Marvel Studios para 2024, marca o regresso do carismático anti-herói, com uma homenagem a Wolverine.



"Smile" estreou em 2022 e contou com um final enigmático que já antecipava a segunda parte do filme - **"Smile 2"**. O filme de terror regressa aos cinemas no final do ano, a 17 de outubro.

"Joker" foi um sucesso de bilheteira, oferecendo ao público uma visão renovada do palhaço do crime, o que resultou na atribuição do Óscar de Melhor Ator para Joaquin Phoenix. A aguardada sequência traz Lady Gaga de volta ao grande ecrã, no papel de Harleen Quinzel.



PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

NÃO FIQUES EM FORA-DE-JOGO

PROGRAMA EM PARCERIA COM:

OPINIÃO

Saúde mental: és louco ou és só uma pessoa a tentar viver num mundo anormal?

É necessário olhar para a doença mental como olhamos para doenças como a diabetes. Negamos que temos diabetes? Não. Então porque nos custa tanto a acreditar que temos um problema psíquico?

MARGARIDA GOMES RODRIGUES

A saúde mental é uma prioridade e não pode ser algo que consideramos só em último recurso. Em pleno século XXI é necessário abrir mentalidades e desmistificar o estigma associado à saúde mental. Psicólogos e psiquiatras não podem ser pessoas para as quais olhamos com medo ou pânico, pois na verdade, o máximo que podem fazer, tal como qualquer médico, é constatar os problemas vigentes em cada um de nós e arranjar possíveis soluções para resolvê-los.

É necessário perceber que é no período da adolescência que se começa a pensar em pontos como, "o que vou fazer no futuro?", "como vou lidar com um desgosto amoroso?" ou ainda "como vou lidar com a pressão que a sociedade acaba por incutir em cada um de nós de tirar as melhores notas para sermos verdadeiramente bem sucedidos no futuro?".

Com a expansão das redes sociais e o seu uso em tenra idade acaba ainda por se normalizar, desde cedo, uma imagem idealizada do que é a perfeição por parte de alguns criadores de conteúdo. Este facto acaba por influenciar as crianças que irão, inevitavelmente, ceder à pressão, tentando alcançar a beleza e a vida que lhes é demonstrada nas redes.

Esta realidade acaba por afetar o psicológico de jovens mais fracos emocionalmente, que se deixam abalar por estes fatores. É impreterível que a família se aperceba imediatamente desta realidade, de modo a que os possíveis problemas psicológicos que daí advém sejam imediatamente identificados e colmatados, para não serem arrastados para a vida adulta.

Se houver partilha com a respetiva família não haverá tantas crianças e adolescentes a sofrer em silêncio e os problemas psíquicos não serão arrastados para a vida adulta.

Muitas vezes os familiares simplesmente não aceitam que meros adolescentes, na flor da idade, tenham doenças mentais e alegam "deixa de ser mariquinhas", "és louco?".

"Loucos" mesmo são aqueles que acreditam que num mundo em que andamos sempre à velocidade do relógio, num mundo rodeado de pressão constante e percalços inesperados, conseguimos manter a nossa sanidade mental plenamente estável. Fico feliz pelos que, efetivamente, conseguem essa proeza, mas fico triste pelos que não aceitam o simples facto de que precisam de pedir ajuda. Não é uma vergonha. Vergonha sim é dizer que estamos bem quando na verdade, a única pessoa que estamos a enganar é a nós próprios. No final de contas, o que ganhamos com isso? Autodestruição, seja mais rápida ou lenta, que podia ser evitada se os problemas fossem conversados previamente, com os devidos especialistas.

Pode ser difícil aceitar a doença mental, uma vez que, esta ainda não está normalizada pela sociedade. Deste modo, é importante que estas temáticas sejam abordadas até se tornarem um tema recorrente no quotidiano. Não temos de ser obrigados a dizer que estamos bem numa altura em que não queremos sequer o contacto com o outro. Não temos de negar a ida a um psicólogo com medo que digam "Tu és louco?", ou ainda negar o facto de termos ido ao psiquiatra e nos ter receitado medicação.

A depressão não pode ser um tabu numa sociedade focada na produtividade a qualquer custo. As mentalidades têm de ser modificadas e nenhuma conclusão será alcançada sem uma reflexão ponderada.

Cartoon. © Equipa Editorial

CRÓNICA

O consumismo natalício

LEONOR COUTO

O Natal é o consumismo no seu expoente máximo, de tal forma que deveria ser considerado um crime contra a humanidade. Os miúdos são cada vez mais instruídos para este espírito consumista: o Natal são prendas, ponto.

Tudo começa com os catálogos de Natal e com a possibilidade que a maior parte das famílias dão às crianças na realização de uma lista enorme de brinquedos. Inquieta-me este espectro, porque é aqui que tudo começa. As crianças absorvem tudo e este espírito consumista não é exceção. O verdadeiro sentido da época vai ficando em segundo plano. A celebração do nascimento de Jesus e a união familiar deixam de fazer sentido.

Há ainda uma outra questão que me inquieta nesta época: a tristeza natalícia. Ao consumismo junto a tristeza de muitos. O Natal é uma época que impõe alegria a todos e para a maioria assim o é. Mas é importante não esquecer que, enquanto uns têm a possibilidade de comprar quase meio catálogo da loja dos brinquedos, há quem não tenha comida nem teto e muito menos presentes para dar aos filhos. Para estes, o Natal, não é uma época feliz, mas sim triste. E quem está triste sofre a dobrar. Quem não tem nada para colocar em cima da mesa no dia 24 de dezembro sofre a dobrar. Cabe a quem tem de estar atento a todos os sinais e ajudar quem mais precisa. Sem nunca esquecer que, quem precisa de ajuda nesta época, também irá precisar durante o resto do ano. Não é só em dezembro que morrem pessoas à fome.

Faço parte de uma equipa de voluntários. Diariamente trabalhamos no terreno, próximos com a realidade daqueles que vivem na rua. E os mês de dezembro é sempre o mais difícil e desafiante de todos. É o contraste real entre aqueles que nada têm e a ostentação, o luxo, o consumismo destravado da época natalícia, onde crianças com 10 anos já são portadoras de telemóveis com preços que me doem na alma.

Há uma ideia implícita na sociedade em que o Natal é para gastar. Bem sei que é uma quadra muito importante para quem dela depende no balanço anual de contas, mas é também uma época de desperdício de muitos recursos e gastos desnecessários. Não sou contra os que fazem desta época o seu "ganha-pão", mas sim do consumismo e do materialismo da sociedade que a destrói a cada ano que passa.

Não há mudanças sem perdas. Ainda temos um longo caminho pela frente para mudar esta visão.

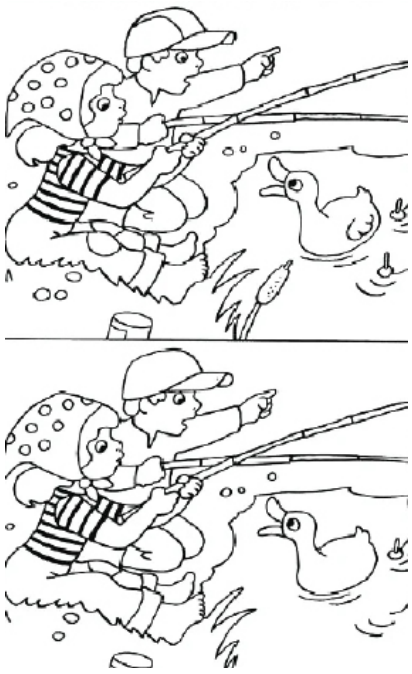
Se é possível? Creio que sim. Ainda que sinta um tamanho desagrado pelo Homem, tenho sempre uma réstia de esperança que me faz acreditar que, com muito amor, é possível. Sem nunca esquecer a velha máxima: há sempre alguma coisa que podemos fazer.

SOPA DE LETRAS

I	V	B	B	Z	U	A	H	N	O	G	E	C	K	A
W	X	O	G	H	R	X	R	A	Y	I	L	O	A	V
L	E	R	U	L	X	N	N	K	X	Y	O	R	P	A
Y	R	B	C	A	G	I	M	R	O	F	H	R	Q	C
D	G	O	C	P	W	I	M	Q	N	S	N	U	A	A
G	I	L	O	P	O	I	A	E	B	Q	I	B	R	K
F	T	E	O	T	R	N	C	T	C	R	F	W	B	T
Y	J	T	H	Y	A	P	A	N	O	A	L	O	A	B
O	J	A	L	M	Q	G	C	A	B	T	O	G	C	T
V	O	K	E	V	O	S	O	F	R	O	G	I	A	Q
E	V	J	O	H	M	R	M	E	A	K	Q	R	H	Q
L	L	S	C	Z	O	J	C	L	C	A	V	A	L	O
H	O	T	K	H	S	M	D	E	V	A	A	F	E	B
A	P	H	Z	A	C	N	Q	Z	G	T	K	A	B	A
Z	P	A	G	R	A	H	S	F	V	O	H	F	A	N

ABELHA
BORBOLETA
BURRO
CABRA
CAVALO
CEGONHA
COBRA
COELHO
ELEFANTE
FORMIGA
GATO
GIRAFA
GOLFINHO
MACACO
MORCEGO
MOSCA
OVELHA
POLVO
RATO
TIGRE
VACA

DESCOBRE AS 7 DIFERENÇAS



HORÓSCOPO SEMANAL

8 a 14 de janeiro de 2024

Carneiro
21 de março a 20 de abril

Será um bom momento para desenvolver formas de comunicação, para aprofundar conhecimentos e para viajar.

Touro
21 de abril a 20 de maio

Poderá surgir na sua vida um novo amor ou haver uma transformação na sua forma de estar na relação afetiva.

Gémeos
21 de maio a 20 de junho

Sente neste período uma maior necessidade de dialogar e de se relacionar.

Caranguejo
21 de junho a 22 de julho

Estará menos virado para si e prestará maior atenção ao que se passa com os outros.

Leão
23 de julho a 22 de agosto

Momento para reorganizar a sua vida, em especial a sua saúde, o seu bem-estar físico e o mundo do trabalho.

Virgem
23 de agosto a 22 de setembro

Vai sentir necessidade de criar um ambiente familiar confortável e tranquilo. Pode querer embelezar o seu lar.

Balança
23 de setembro a 22 de outubro

Vai passar por uma fase bastante nebulosa para si e para com os outros.

Escorpião
23 de outubro a 21 de novembro

Precisa saber o terreno que pisa relativamente à sua vida material. recida a sua expansão financeira.

Sagitário
22 de novembro a 21 de dezembro

Será uma boa altura para partilhar com os outros aquilo que ciosamente guardava para si.

Capricórnio
22 de dezembro a 20 de janeiro

Poderá sentir uma certa atração por tudo o que exige energia, impulso ou paixão.

Aquário
21 de janeiro a 18 de fevereiro

Poderá sentir que o seu humor ou o seu comportamento sofrem variações repentinas.

Peixes
19 de fevereiro a 20 de março

Os projetos de grupo e os amigos poderão assumir uma especial importância.

© 2023. Todos os direitos reservados